

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E MORFOLOGIA:
um estudo sobre a rede de Construções Superlativas Sufixais de
Desencontro do Português**

Juiz de Fora
2015

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E MORFOLOGIA:
um estudo sobre a rede de Construções Superlativas Sufixais de
Desencontro do Português**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
2015

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E MORFOLOGIA:
um estudo sobre a rede de Construções Superlativas Sufixais de
Desencontro do Português**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

Data da aprovação ___/___/2015

Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Luciana Teixeira – Membro Interno – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr Fábio da Silva Fortes Membro Interno – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias – Membro Externo – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Aderlande Ferraz – Membro Externo – Universidade Federal de Minas Gerais

À Professora Neusa, elemento fundamental nessa conquista, por não medir esforços em seu trabalho e por acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Assim como o objeto de estudo desta tese, os agradecimentos por este trabalho também são superlativos.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação e Linguística da UFJF, por compartilharem seus conhecimentos e pelo empenho em nos oferecerem uma educação de qualidade. Em especial, à Professora Luciana Teixeira, pela dedicação e gentileza de sempre, mas, principalmente, pela ajuda durante o processo do Doutorado-Sanduíche.

À Professora Neusa, pela dedicação a este trabalho, pelo apoio e motivação constante e por partilhar tão generosamente sua experiência e seu conhecimento.

À Rosangela, pela prontidão em atender nossos pedidos, pela atenção e zelo com tudo o que faz.

À Professora Margarida Basílio, pela acolhida na PUC/ Rio e por ampliar os horizontes da Morfologia para mim. Aos Professores Miriam Petruk e Michael Ellsworth, pelo interesse em minha pesquisa e por mediarem meu primeiro contato com a Prof. Mirjam Fried.

À Prof. Mirjam Fried, por abrir as portas da Charles University - Praga e pela extrema generosidade em se dedicar comigo às Construções Superlativas Sufixais de Desencontro. Děkuji!

Aos colegas, Anna Carolina e Igor, por dividirem angústias e compartilharem conhecimento. Às bolsistas de Iniciação Científica, Leila e Pilar, pela ajuda fundamental na montagem do *corpus*.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos meus pais – Sérgio e Malu – por estarem sempre ao meu lado. À Isabel, que mesmo de longe alegra minha vida! Aos meus tios e tias, por entenderem minha ausência e torcerem sempre por mim. À Vó Maninha, pela doçura e sabedoria com que leva a vida. Ao Thiago, meu marido, por me incentivar a ir sempre além, apoiando meus projetos com a mesma força como se fossem dele.

À família Lupatini, por se preocuparem e torcerem tanto por mim. À minha Vinohrady Family, Cris, Dasha, Mitch, Big Masha, Small Masha e Maya, por me fazerem sentir em casa em Praga.

Aos meus amigos por trazerem leveza sempre!

O meu obrigadíssimo a todos que de alguma forma fizeram parte dessa jornada!

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil como o vidro
e mais que o são poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

RESUMO

O presente trabalho integra o macroprojeto “Construções Superlativas do Português” (MIRANDA, 2012) e busca aprofundar as discussões realizadas por Machado (2011) acerca de um dos nódulos da rede de construções superlativas mórficas do Português – aqui nomeado como **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro** (CSSD). Os pressupostos teóricos centrais aqui assumidos foram a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013) como um Modelo Baseado no Uso (GOLDBER 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987, CROFT e CRUSE, 2004) em um diálogo com a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1982, 2008, dentre outros) e os modelos de formalização propostos pelo *Constructicon* (FILLMORE, LEE-GOLDMAN E RHODES, 2012) e por Rhodes (1992) baseados em uma matriz de Atributos e Valores. O nódulo construcional posto como nosso objeto de análise trata-se de uma construção morfológica formada a partir da integração de um **núcleo não graduável** (*solteiro, casado, grávida, almoço, café*) com um **operador de escala superlativa** (*-íssimo, -ésimo, -érrimo, -aço, -ão/-ona*). O resultado são *types* como *solteirão, casadaço, gravidíssima, almocíssimo e cafezíssimo*. A escolha metodológica, ditada pelo nosso compromisso com a empiria, levou ao trabalho com *corpora* naturais. Dentro dessa abordagem, procedeu-se à constituição de um *corpus* específico da construção, baseado em dados reais e espontâneos de uso linguístico, por meio de dois concordanciadores eletrônicos: *Web Concordancer beta* e o *WebCorp*. Nosso *corpus* se configura a partir de 165 *types* da construção, cuja soma é de 7.419 *tokens*. Nossa análise aponta para um padrão construcional mais genérico, a **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro**, hierarquicamente motivada pela Construção Superlativa Sufixal Harmônica do Português e a que se vinculam, em elos de herança, dois subpadrões construcionais: (i) **Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos** (CSSEA), com função predicativa e núcleo não graduável ativando o *frame* *Posição_superlativa_em_uma_escala* e (ii) **Construção Superlativa Sufixal de Referência** (CSSR), com função referencial, dado seu núcleo substantivo, evocadora do *frame* *Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa*. Tais resultados serviram a uma articulação bem sucedida entre construtos teórico-analíticos da Gramática das Construções e a Morfologia Derivacional, além de contribuírem com a descrição de um nódulo da rede periférica de construções do Português.

Palavras-chave: Gramática das Construções, Construções Morfológicas, Construção Desencontrada, *Mismatch*

ABSTRACT

Part of the macro project “Morphological Superlative Construction of Portuguese” (Miranda, 2012), this work aims at developing the discussions of Machado (2011) about one of the network nodules of Morphological Superlative Constructions, here referred as the **Suffixed Superlative Mismatched Construction** (SSMC). The main theoretical assumptions adopted are the Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013) as a Usage Based Model (GOLDBER 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987, CROFT & CRUSE, 2004), Frames Semantics (FILLMORE, 1977, 1982, 2008, and others) and for formulation models we adopted the *Constructicon* (FILLMORE, LEE-GOLDMAN E RHODES, 2012) and a fomulation based on Attributes and Values, proposed by Rhodes (1992). The constructional nodule analyzed here, is a morphological construction built from the integration of a non-gradable **chore** (as *solteiro, casado, grávida, almoço, café*) with a **superlative scale operator** (- *íssimo, -ésimo, -érrimo, -aço, -ão/-ona*). The methodological choice, come from our engagement to empiricism, led to the search on natural corpora. In this approach, there was built a specific corpus of this construction based on real and spontaneous data of linguistic use, verified by two electronic concordancer: Web Concordancer beta and WebCorp. Our corpus is made of 165 types and 7.419 tokens. Our analysis points to a more general constructional pattern - **Suffixed Superlative Mismatched Construction** – hierarchal motivated by the harmonic Suffixed Superlative Construction, which is liked, by inheritance, to two constructions sub pattern (i) **Suffixed Superlative Construction of Absolut States** (SSCAS), with predicative function and non-gradable chore that emerges the frame *Superlative_position_on_a_scale*; and (ii) **Suffixed Superlative Construction of Reference** (SSCR), with referential function, that evocates the frame *Entity_position_on_a_superlative_scale*. The results have served to a well-made articulation between the theoretical and analytical construct of Construction Grammar and Derivation Morphology. Besides, it still contributes on the description of a nodule of a peripheral network of Portuguese construction.

Keywords: Construction Grammar, Morphological Construction, Mismatched Construction, Mismatch

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES – ORIGEM, FUNDAMENTOS, PARCERIAS E CONTRIBUIÇÕES	21
2.1 A Gramática das Construções Cognitiva (GrCC) como parte de um todo	22
2.1.1 <i>A noção de construção</i>	23
2.1.1 <i>Sobre as origens do modelo</i>	25
2.2.3 <i>Sobre os fundamentos centrais do modelo</i>	29
2.2 A Gramática das Construções Cognitiva – algumas contribuições do modelo	31
2.2.1 <i>A fusão – pontos e contrapontos</i>	31
2.2.2 <i>Relações entre construções: a noção de Herança e Motivação</i>	36
2.3 A Gramática das Construções Cognitiva como um Modelo baseado no Uso	40
2.4 O Polo Semântico na Gramática das Construções: o tratamento a partir da Semântica de Frames	43
2.4.1 <i>A Semântica de Frames</i>	44
2.4.2 <i>O empreendimento da Framenet</i>	49
2.4.2.1 <i>A FrameNet e seu Constructicon: Integração entre a Gramática das Construções e a Semântica de Frames</i>	53
2.5. Morfologia e Gramática Das Construções	57
2.5.1 <i>O estatuto do morfema</i>	58
2.5.2 <i>Gramática das Construções e Morfologia: uma articulação possível e necessária</i>	61
2.5.3 <i>Sobre a noção de herança no campo da Morfologia</i>	67
3. FORMAÇÕES SUPERLATIVAS SUFIXAIS – A ORIGEM E O ESTADO DA ARTE	70
3.1 Sobre a origem latina de marcadores mórficos de grau	71
3.2. A expressão do grau superlativo na Tradição Gramatical e Lexicográfica	73
3.3 Perspectivas descritivas nas novas gramáticas do Português – mesclando tradições	76
3.4 A Tradição Linguística – a expressão morfológica do grau	79
3.4.1 <i>Estudos no Português do Brasil</i>	79
3.4.2 <i>Os usos italianos X-issimo</i>	85
3.5 A CSSEA com o sufixo -íssimo em Português	89
4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	96
4.1. Por uma Gramática das Construções baseada em Corpus	96
4.2 A constituição do Corpus Específico	99

4.2.1	<i>O Corpus do Português</i>	101
4.2.2	<i>As buscas no Google – um oceano de dados</i>	103
4.2.3.	O concordanciador eletrônico <i>Web Concordancer beta</i>	105
4.2.4.	<i>Ampliando os dados: o uso do WebCorp</i>	110
5.	A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SUFIXAL DE DESENCONTRO - DEFINIÇÕES E REDES	115
5.1	A CSSD – registro histórico e distribuições sincrônicas	117
5.1.1	<i>O advento em Português</i>	118
5.1.2	<i>Distribuições sincrônicas</i>	121
5.2	A CSSD e sua acepção de Intensidade	122
5.3	A CSSD - padrões e redes	124
5.3.1	<i>A Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos (CSSEA)</i>	128
5.3.1.1	<i>Formalização da CSSEA nos termos de uma Matriz de Atributos e Valores</i>	140
5.3.1.2.	<i>A semântica dos Marcadores de Grau – ao/ona e aço</i>	143
5.3.2	<i>A Construção Superlativa Sufixal de Referência (CSSR)</i>	145
5.4.	A rede de herança da Construção Superlativa Sufixal de Desencontro	150
5.5.	Sobre contribuições e restrições analíticas - o <i>contínuum</i> semântico-pragmático	154
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
7.	REFERÊNCIAS	166
8.	ANEXOS (CD ROM que acompanha a tese)	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fusão abstrata dos esquemas verbo-construção	32
Quadro 2: Fusão de papéis na construção proverbial “Quem corre cansa”	33
Quadro 3: Constructo da Construção de Modificação de Grau	56
Quadro 4: Propriedade do Morfema (RHODES, 1992)	59
Quadro 5: Mapeamento tradicional dos traços para <i>lighten</i>	60
Quadro 6: Mapeamento por Rhodes (1992) dos traços para <i>lighten</i>	61
Quadro 7: Matriz da formalização da construção do plural em inglês	65
Quadro 8: Matriz alternativa para a formalização da construção do plural em inglês	66
Quadro 9: Matriz de formalização para “constituição”	67
Quadro 10: A noção de Desencontro/ <i>mismatch</i>	91
Quadro 11: As relações polares de contrário e contradição (ISRAEL, 2004)	93
Quadro 12: Listas dos núcleos para a construção	100
Quadro 13: Relação da distribuição de textos no <i>Corpus</i> do Português	103
Quadro 14: Descrição para o Constructo da Construção Mórfica de Modificação de Grau	126
Quadro 15: BASES/ESCOPOS da CSSEA	128
Quadro 16: Descrição do constructo licenciado pela CSSEA	129
Quadro 17: Exemplo de anotação em camadas	141
Quadro 18: Formalização para CSSEA	142
Quadro 19: Descrição do constructo licenciado pela CSSEA	146
Quadro 20: Diagrama das relações de heranças da CSSD	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferentes níveis de construção	30
Tabela 2: Distribuição das formas dos sufixos superlativo no Latim	71
Tabela 3: <i>type</i> e frequência de ocorrência a CSSEA –issimo	90
Tabela 4: Ocorrência da CSSD no corpus do Português	102
Tabela 5: <i>Alguns types e número de ocorrência no Google</i>	104
Tabela 6: Types e Ocorrências da CSSD com Web Concordancer Beta	110
Tabela 7: Types e ocorrências da CSSD com WebCorp	112
Tabela 8: Ocorrências de CSSD ao longo dos séculos	120
Tabela 9: Padrões da CSSD	127
Tabela 10: Distribuição dos subpadrões da CSEEA	129
Tabela 11: CSSEA e os frames do Escopo	135
Tabela 12: Número de ocorrência das ULs do Frame Relacionamento_Pessoal	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A estrutura simbólica da construção	24
Figura 2: Caminhos das diferentes vertentes da GrC (recortado de apresentação de slides de ELLSWORTH (2012))	28
Figura 3: <i>Continuum</i> entre flexão e derivação	80
Figura 4: Relação de relevância e a expressão lexical(morfológica)/ sintática	81
Figura 5: Distribuição dos dados segundo o gênero do informante	82
Figura 6: Opções de Busca no Corpus do Português	101
Figura 7: Opções de Busca no <i>Web Concordancer Beta</i>	106
Figura 8: Busca simultânea de types no Web Concordancer Beta	107
Figura 9: Resultado de busca no Web Concordancer Beta	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das formações sufixais superlativas no Português ao longo dos séculos	118
Gráfico 2: Distribuição dos Marcadores de Grau Superlativo da CSSD	122

1. INTRODUÇÃO

Tenho a impressão de que há uma continuidade que vai desde a experiência de viver a vida, de um lado, até o morfema do outro.

Ruqayia Hasan

O presente estudo, cuja matriz teórica se vincula à Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER E TURNER, 2002; FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003; SALOMÃO, 2009; CROFT e CRUSE, 2004) e, em especial, a dois de seus mais relevantes modelos – a Gramática das Construções (FILLMORE 1989; FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988; FILLMORE, LEE-GOLDMAN E RHODES, 2012; GOLDBERG, 1995, 2006; FRIED & ÖSTMAN, 2004; BOAS, 2013) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; FILLMORE & ATKINS, 1992, PETRUCK, 1996)– tem, em sua agenda de trabalho, duas metas centrais. A primeira consiste em buscar contribuir para a afirmação do campo da Morfologia Derivacional no espaço teórico-analítico dos modelos de Gramáticas das Construções (BOOIJ, 2010; RHODES, 1992; GOLDBERG, 1995, 2006; FRIED & ÖSTMAN, 2004, FRIED, 2008). O segundo propósito, em favor do primeiro, consiste em investigar um dos nódulos da rede de construções superlativas mórficas do Português – aqui nomeado como Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD) – de modo a sustentar, empiricamente, as articulações teóricas desenvolvidas.

Em relação a nossa ambição teórica no campo da Morfologia, cabe lembrar que os distintos modelos de Gramática das Construções (doravante GrC) vêm se desenvolvendo, fundamentalmente, como uma alternativa analítica sociocognitivista para os fenômenos sintáticos, sejam eles centrais ou periféricos. Tal proeminência da sintaxe se justifica frente às raízes dissidentes da Linguística Cognitiva em relação ao cognitivismo chomskiano. Tendo, a partir da década de 1970, afirmado sua superioridade teórico-analítica frente aos fenômenos de significação (Teoria dos Espaços Mentais, Teoria da Mesclagem/Blending, Teorias da Metáfora Conceptual, Semântica de *Frames*, dentre outros modelos) negligenciados por uma visão algorítmica da linguagem, restava à Linguística Cognitiva arquitetar uma teoria de gramática (de sintaxe) capaz de, na contramão formalista da Gramática Gerativa, levar em conta os

ganhos teóricos sobre os processos de significação alcançados pelo paradigma. Neste sentido, os estudos de caso realizados nas diversas línguas sob o prisma da GrC têm a sintaxe como objeto majoritário.

O estatuto periférico da Morfologia nesta cena teórica decorre daí. Deve-se também – e este é um ponto de vista que vem sendo firmado em nosso grupo de pesquisa (MACHADO, 2011; MIRANDA, 2013; CARRARA, 2015) - ao fato da língua inglesa, em que se articula a maior parte da produção bibliográfica do paradigma em questão, não ter uma riqueza tão grande de fenômenos mórficos como as línguas latinas, por exemplo.

Os pressupostos da Gramática das Construções são, seguramente, uma abordagem teoricamente rica e abrangente para a descrição e para possíveis explicações acerca de objetos morfológicos. A própria definição de construções como unidades linguísticas (pares de forma-sentido) de todos os tamanhos – do morfema à palavra, aos idiomas, às orações e mesmo aos gêneros textuais (GOLDBERG, 2006; FRIED & ÖSTMAN, 2004, p.18; BOAS, 2013) abre caminho para tal campo. A premissa da continuidade essencial entre Sintaxe e Léxico sustentada por este paradigma (GOLDBERG, 1995: 7; FRIED & ÖSTMAN, 2004, p. 12) também sustenta a extensão teórica da GrC ao campo da Morfologia. Esta parece ser, portanto, uma tarefa prevista, mas ainda por se cumprir, no que concerne à Linguística brasileira e, a julgar pelos resultados aferidos em nossa pesquisa bibliográfica, à produção mais ampla da GrC. E é justamente esta a tarefa que buscamos enfrentar em nosso projeto investigativo.

A urgência de tal empreendimento teórico se configura frente ao novo relevo que a diversidade linguística ganha a partir dos nomeados Modelos Baseados no Uso da Gramática das Construções (GOLDBERG, 2006; CROFT e CRUSE, 2004; HOPER e TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 1985, 2006, 2008; TOMASELLO, 1999, 2003; LANGACKER, 1987). Neste cenário, a Morfologia - o “patinho feio” de tantos outros modelos! – precisa reequipar-se teoricamente para o enfrentamento da enorme rede de construções, velhas ou novas, que as diferentes línguas apresentam. O Português é uma delas. O Português do Brasil (doravante PB) é um rico manancial de novas formas sintéticas, mórficas de perspectivar cenas conceptuais e interacionais vividas. Grandes esforços têm sido despendidos pelos linguistas e lexicógrafos brasileiros no sentido de se desenvolver uma gramática e um dicionário de usos do PB (NEVES, 2000; CASTILHO, 2010; CASTILHO; ELIAS, 2012), contudo, muitos fenômenos

“periféricos” do léxico (e também da gramática) permanecem à margem de tais descrições.

Assim, frente à busca de sustentação empírica para nosso empreendimento teórico e à necessidade de contribuir com a descrição da rede de construções do PB, elegemos como Estudo de Caso, em continuidade a nossa dissertação de mestrado (MACHADO, 2011), uma expressão mórfica “periférica” tida pela tradição formalista como uma idiossincrasia do sistema e que estamos postulando como uma construção do Português – a **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro** (CSSD). Tal rótulo traduz (i) o caráter escalar da construção – uma construção de intensidade superlativa; (ii) sua natureza mórfica – sufixal e, por fim, (iii) seu caráter desencontrado, uma vez que lida com uma integração “conflitante” entre um constituinte nuclear (escopo) **não graduável** e um **operador de grau** (sufixos superlativos, como -íssimo, -ésimo, -érrimo). Tal conflito semântico caracteriza o nomeado fenômeno *Desencontro/Mismatch* (cf. seção 3.5).

A escolha de uma construção Modificadora de Grau se justifica pelo fato de o presente estudo integrar o macroprojeto *Construções Superlativas do Português do Brasil: uma Abordagem Sociocognitiva* (MIRANDA, 2007 (Edital Universal MCT/CNPq [477670/2008-3] e [479984/2010-7]), ligado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-FALE-UFJF e à *FrameNet* Brasil¹ (<http://www.FrameNetbr.ufjf.br/>) em sua linha *frames* e Construções. Vinculam-se a tal macroprojeto seis dissertações de mestrado, quatro teses e um projeto de pós-doutoramento. Os nódulos da rede já investigados neste macroprojeto, incluindo o presente estudo, são ilustrados pelos seguintes exemplos (MIRANDA, 2012):

- (i) *Morro de medo de escuro.; Morri de rir com o filme.;* (SAMPAIO, 2007)
- (ii) *Não empresto um tostão!, Não escrevo uma linha! Não dou um passo!*
(MIRANDA, 2008);
- (iii) *Não vou nem que Cristo desça da cruz! Não vou nem que a TAM me pague!*
(MIRANDA-CARVALHO, 2008);
- (iv) *É uma fera no computador; um monstro das artes* (ALBERGARIA, 2008);

¹ Implantada na Universidade Federal de Juiz de Fora sob orientação da Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão, a *FrameNet* Brasil hoje pode ser acessada através do endereço <http://www.FrameNetbr.ufjf.br/>, onde informações sobre *corpus*, dados, artigos são disponibilizadas.

- (v) *Lindo de doer, feio de matar, festa de arrasar* (CARRARA, 2010);
- (vi) *Rolar de rir, se borrar de pavor* (COSTA, 2010);
- (vii) *Solteiríssimo, Casadíssimo, Candidatíssimo* (MACHADO, 2011);
- (viii) *Forte que nem um touro; branco que nem neve* (PIRES, 2012).
- (ix) *Aviões super-ultra-secretos, tendência maxi, mega show* (CARRARA, 2015);
- (x) *Americanaçada, berreiro, caipirada* (COSTA, 2015);
- (xi) *Casadaço, gravidésima, solteirona, viuvão, noivíssimo* (MACHADO, 2015).

Dentro desta rede, os estudos de Machado (2011), Carrara (2015), Costa (2015) e o presente estudo (MACHADO, 2015) têm como objeto construções mórficas, enquanto os demais apresentam estudos de caso no campo do léxico ou da sintaxe. Daí integrarem um subprojeto *Construções Superlativas Morfológicas do Português do Brasil* (MIRANDA, 2012).

Contextualizando tal avalanche de usos superlativos alternativos em nossa língua (MIRANDA, 2013) pontua:

A abundância e a renovação de construções superlativas nos usos linguísticos hodiernos, em distintos gêneros, tem, a nosso ver, um vínculo com os tempos de hipermodernidade (Lipovetsky, 2012). O autor nos fala de uma sociedade em regime hiperbólico, superlativo, onde não existe um contramodelo à modernidade e sim a radicalização da mesma: “a modernidade passou para uma velocidade superior em que tudo hoje parece ser levado ao excesso: são os hipermercados, o hiperterrorismo, as hiperpotências, o hipertexto, as hiperclasses, enfim, o hipercapitalismo.”. Neste tempo, por certo, um “hipermodo” de dizer também ganha força.

É, pois, dentro de tal rede de construções superlativas ou “hiperlativas” que nosso projeto recorta seu objeto – um nódulo das construções mórficas do Português. A investigação da CSSEA, em sua primeira etapa (MACHADO, 2011), restringiu-se às construções $X_{Adj^{Adv}}-íssimo$ (item vii), ou seja, a expressões com escopo (adjetivo ou adverbial) não graduável integradas ao sufixo *-íssimo*. Na etapa presente, além de uma ambição mais ampla em relação ao campo teórico delimitado (Morfologia Derivacional e GrC), decidimos pela expansão de nosso estudo de caso, de modo a contemplar, além das construções em *X-íssimo*, outros subpadrões, como *X-ésimo*, *X-érrimo*, *X-aço*, *X-ão/ona* (em que a variável X é um adjetivo ou um advérbio, um escopo não graduável) como ilustram os exemplos de 1 a 4:

1) Você é casado, tem filhos? *Casadaço*!!

<http://noticias.r7.com/legendarios/news/por-tras-das-cameras-20110517.html>

2) gostei mto!! *aprovaderrimo*!

<http://www.vejaisso.com/aplique-o-efeito-sepia-em-fotos-online-imagens-envelhecidas/>

3) *Gravidona* e linda, Carla Bruni passa manhã no mar no verão francês.

<http://extra.globo.com/famosos/gravidona-linda-carla-bruni-passa-manha-no-mar-no-verao-frances-veja-fotos-2251861.html>

4) O saxofonista Rodrigo Sha, de 26 anos, o caçula da turma e paquerado por dez entre dez mulheres (opa, o rapaz está *namorandésimo*), levanta como o maior problema

<http://www.topgyn.com.br/conso22/homens/conso22a455.php>

Outros *types* da rede rompem com mais uma expectativa em relação à graduação com sufixos superlativos, tendo como escopo um substantivo. É o caso dos exemplos 5 e 6:

5) Brahma Chopp, a *cervejíssima*.

<https://books.google.com.br/books?id=2ZpsNfaHh3MC>

6) *Feriadíssimo*. (último dia do mês!)

www.jusdefrance.blogspot.com/2010/03/feriadissimo.html

A meta é, mediante tal expansão, buscar evidências mais vigorosas para a sustentação das descrições já propostas (MACHADO, 2011), aprofundando-as e propondo, dentre outros aspectos, novos modos de formalização de seus constructos (Cf. seção 5.3.1.1).

Frente à configuração teórica e as metas analíticas delineadas e, em especial, dada a inflexão imposta à Gramática das Construções pelos Modelos Baseados no Uso, a escolha metodológica para este estudo de caso recai em uma análise baseada em *corpus* (FILLMORE, 2008, GRIES, 2006; MCENERY, XIAO E TONO, 2006). Assim, nossa análise se sustenta a partir de uma base de dados natural e espontânea – um *corpus* específico construído, através de dois concordanciadores eletrônicos: o *Web Concordancer Beta* (<http://webacorp.us.org/searchwac.html>) e o *WebCorp*

(<http://www.WebCorp.org.uk/live/>). Essas ferramentas nos permitiram a busca de dados dentro do universo digital, dando-nos acesso a uma grande gama de textos, os mais diversificados possíveis, disponíveis na internet. Desse modo, constituiu-se um *corpus* específico da construção, formado a partir de 165 *types* e 7.419 tokens.

Os objetivos deste projeto investigativo podem ser recortados nos termos seguintes:

a. Objetivo Geral

- Buscar subsídios para a afirmação do campo da Morfologia Derivacional no espaço teórico-analítico dos modelos de Gramáticas das Construções e contribuir com a descrição de construções mórficas superlativas do PB.

b. Objetivos Específicos

- desvelar as peculiaridades dos polos formal e semântico-pragmático da *Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD)* revisitando as contribuições de Machado (2011) e ampliando-as de modo a recobrir outros *types* sufixais da rede (X -érrimo, -X-ésimo, X-aço, X-ão/-ona), além de X-íssimo;
- propor uma formalização adequada para a representação de construções mórficas em estudo, de modo a recobrir e delimitar suas especificidades;
- definir os elos de herança que instituem este nóculo da rede de construções mórficas superlativas e, de modo mais amplo,
- promover a articulação entre os resultados analíticos auferidos e a meta de equacionamento entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções.

De modo a atingir as metas delineadas, a presente tese se organiza em quatro capítulos, tematizando as bases teóricas da Teoria da Gramática das Construções e da Semântica de *Frames* (cap. 2), o estado da arte em relação ao estudo da superlativação, em especial, na Língua Portuguesa (cap. 3); o suporte metodológico (cap.4) e a análise da CSSD com seus subpadrões, precedida de um panorama das etapas investigativas já alcançadas (cap.5). O capítulo 6 enfeixa os ganhos teóricos e analíticos deste estudo.

Retomando a epígrafe, a nosso ver superlativa - uma “belíssima” epígrafe, que abre esta Introdução, sustenta-nos, neste difícil empreendimento, “a impressão de que

há uma continuidade que vai desde a experiência de viver a vida, de um lado, até o morfema do outro”. Assim, é na vida, nas práticas sociais de linguagem que os sujeitos, buscando dar ao seu discurso os contornos de força de seus desejos, de suas paixões, recorrem aos morfemas superlativos. É assim que estar “casado” não basta, é preciso estar “casadíssimo” para deixar registrado um “hipermodo de dizer” em um tempo que, Lipovetsky (2004) define pelos excessos e rotula como a Hipermodernidade.

2. A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES – ORIGEM, FUNDAMENTOS, PARCERIAS E CONTRIBUIÇÕES

As gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem.

Goldberg (2006, p.22)

Deste modo, fica fora de nosso marco teórico a visão da gramática de uma língua particular como um “epifenômeno” de uma capacidade intrínseca, estática, de pouco interesse além de prover evidências empíricas sobre as nossas capacidades genéricas universais.

Brinton & Traugott (2005, p.2)

O desafio deste estudo consiste, como buscamos mostrar anteriormente, em buscar uma equação possível entre o campo da Morfologia Derivacional e um modelo teórico de gramática erigido no seio das convicções sociocognitivistas e construcionistas, a Gramática das Construções. Uma fértil produção teórico-analítica vem-se desenvolvendo em torno deste rótulo desde as últimas décadas do século passado, acumulando-se, em mais de três décadas, perspectivas diversificadas e também um solo comum e convergente. Dentre os modelos precursores está a nomeada Gramática das Construções Cognitiva (GrCC) – eleita como o paradigma central deste estudo – que tem em Adele Goldberg (1995, 2006) sua principal mentora. Goldberg reconhece a vinculação deste modelo com os Modelos Baseados no Uso em que se firma, como ponto heurístico central, a participação do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática. É o que, de modo claro, anuncia a linguista na epígrafe acima evocada: “As gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem.” (GOLDBERG, 2006, p.22).

Essa é, pois, uma tese muito cara à GrCC e uma convicção fundamental aos rumos teórico-analíticos assumidos neste estudo, o que conduz nosso interesse, de modo programático, para a diversidade linguística. Nos termos de Miranda (2008) “Embora o foco sobre a universalidade tenha ocupado a cena linguística de modo hegemônico no século passado, a diversidade é, de fato, o grande espetáculo da linguagem humana.”. Na direção apontada, está a segunda epígrafe eleita para este capítulo em que Brinton & Traugott (2005, p.2) negam a visão de gramática de uma língua como um epifenômeno de uma capacidade intrínseca, universal.

Assim, para que não se perca de vista o rumo para o qual aponta nossa bússola, antecipamos o conceito de gramática que, rompendo radicalmente com as tradições linguísticas formalistas, se firma neste estudo: a gramática de uma língua é uma rede de símbolos (construções) erguida na cultura através do uso (GOLDBERG, 1995,2006; TOMASELLO, 2003). Por **rede**, entende-se que, ao contrário de formarem listas aleatórias, os símbolos – ao modo saussuriano de **signo** – se vinculam através de elos decorrentes de nosso modo sociocognitivo de conhecer e expandir conhecimento (projeções, radialidade, herança, prototipia). Tal rede é um feito, uma herança da cultura que se estabelece mediante o **uso** de símbolos, cuja produtividade e convencionalização lhes garante o estatuto de **construção** de uma língua.

Dentro do eixo programático elucidado, este capítulo apresenta, em primeiro lugar, os fundamentos mais amplos da GrC (seção 2.1), enfeixando, em subseções distintas, definição, origens e fundamentos do modelo. Na seção 2.2 são discutidas as principais definições e premissas da GrCC, destacando as noções de fusão, motivação e herança (subseções 2.2.1 e 2.2.2, respectivamente) e contrapondo críticas veiculadas sobre tais construtos. A perspectiva construcionista instituída pelos Modelos Baseados no Uso, sua relevância para a compreensão do funcionamento da gramática e do léxico estão na seção 2.3. A seção 2.4 busca estabelecer a relação complementar entre GrC e Semântica de *Frames* (subseção 2.4.1), apresentando o aporte teórico central deste modelo. Nesse contexto, o empreendimento da *FrameNet* ganha destaque (subseção 2.4.2), principalmente no que diz respeito à sua proposta de integração da GrC com a Semântica de *frames* a partir do *Construction*. Na seção 2.5 a possível articulação entre a GrC e o campo da Morfologia é posta em discussão.

2.1. A Gramática das Construções Cognitiva (GrCC) como parte de um todo

A Gramática das Construções (GrC), em todo o seu conjunto de modelos, pode ser considerada como uma teoria de gramática em sintonia com os pressupostos sociocognitivos enfeixados pela Linguística Cognitiva (LC) (LAKOFF, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER E TURNER, 2002; FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003; SALOMÃO, 2009; CROFT e CRUSE, 2004, dentre outros). Assim, dentre a constelação de modelos que tal teoria abarca (cf. seção 2.1.2), a GrC é, por excelência, o modo como, na dissidência ao

sintatocentrismo Gerativista, a LC enfrenta a complexidade dos processos formais e, em especial, de significação envolvidos na sintaxe das línguas e também no léxico. Nesse sentido, ganha relevo a tese sociocognitivista da linguagem de que “conhecimento linguístico é conhecimento”, isto é, de que os modos de categorização para outras ordens de conhecimento se aplica também ao conhecimento linguístico. Assim, a GrC em suas distintas versões, com maior ou menor ênfase (no caso da GrCC este é um postulado de grande relevância), reconhece em seus construtos propriedades do conhecimento humano, como as noções de herança, prototípiã, radialidade, bases experienciais do pensamento, projeções que se configuram como fundamentos centrais da Linguística Cognitiva.

Dentro de seus objetivos básicos, a Gramática das Construções não se diferencia, substancialmente, de nenhuma teoria da gramática em que se busca encontra a melhor maneira de representar todas as facetas do conhecimento linguístico dos falantes (BOAS, 2013). Por outro lado, diferentemente de muitas outras abordagens, a GrC concebe as unidades linguísticas como associações particulares e indissociáveis entre forma e sentido, denominando-as **Construções**. Este é, pois, o construto nuclear deste modelo - **o seu primeiro consenso teórico** – e o que passamos a definir.

2.1.1. A noção de construção

A noção de construção não é, segundo Goldberg (1995), um conceito novo dentro dos estudos linguísticos. Os gramáticos tradicionais e até mesmo os gerativistas já utilizavam essa terminologia antes mesmo do surgimento da GrC. Contudo, seu papel dentro dessas teorias não recebia nenhum tratamento ou atenção especial. Nas primeiras versões da Gramática Transformacional de Chomsky (1957, 1965), por exemplo, as construções eram vistas como epifenômenos, produtos da interação de princípios gerais; princípios estes considerados como os únicos mecanismos capazes de capturar generalizações entre padrões gramaticais (GOLDBERG, 1995). Nesse sentido, para Chomsky, construções seriam meros artefatos taxonômicos, com poderes descritivos, mas, não, explicativos (BOAS, 2013).

Diferentemente dessa perspectiva, em que a noção de construção é periférica, na abordagem construcionista há um resgate desse objeto teórico, oferecendo-lhe um novo estatuto dentro da gramática das línguas. Assim, a abordagem construcionista não introduz a noção de construção nos estudos linguísticos, mas passa a vê-la como

unidade básica da língua (GOLDBERG, 1995, p. 04) e, por consequência, unidade básica da gramática. Nas palavras de Boas (2013, p. 01), as construções seriam os blocos fundamentais da linguagem.

Definidas como pares de forma e sentido, as construções são tidas, fundamentalmente, como unidades simbólicas. Como tal, vão exigir relações de correspondências (*links* simbólicos) entre a forma e o sentido da construção. Nos termos de Croft (2007, p. 18), a arquitetura da construção pode, pois, ser concebida da seguinte forma:

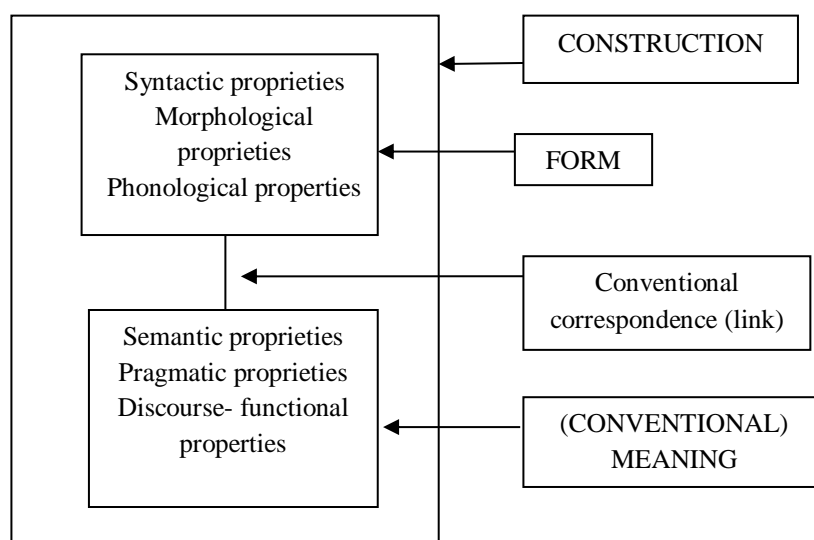


Figura 1: A estrutura simbólica da construção

A Figura 1 ilustra como o conhecimento linguístico do falante é articulado. Desse modo, ele se estrutura a partir de dois polos: (i) o polo da **forma**, que abrange as dimensões fônicas e morfossintáticas do significante e (ii) o polo da **significação** que envolve as dimensões conceptual e discursiva. Dito de outro modo, construções articulam, por meio de elos simbólicos (CROFT E CRUSE, 2004), internos à construção, as dimensões físicas do significante (expressão fônica ou outras semioses, como os gestos) e suas informações acerca da classe sintática dos constituintes, suas relações de hierarquia e dependência (polo formal) com seus vínculos pré e pós-conceptuais e as implicações contextuais e pragmáticas que o item linguístico adquire no jogo interacional (polo de significação) (SALOMÃO, 2009, p. 42 - 43).

Além do padrão simbólico, a construção também se define em termos das propriedades que a compõem (GOLDBERG, 1995). Em sua primeira proposta de definição, a autora postula:

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um par de forma-sentido $\langle F_i S_i \rangle$ em que algum aspecto de F_i ou de S_i não for estritamente previsível das partes dos componentes de C ou de outra construção previamente estabelecida. (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa)²

Nesse sentido, para ser considerado uma construção, o item lexical deve apresentar algum aspecto de sua forma ou de seu significado que não seja estritamente predizível das propriedades de seus componentes ou de outra construção já existente (GOLDBERG, 1995, p. 4). Contudo, em seu trabalho de 2006, Goldberg (2006, p. 5) complementa essa afirmação, inserindo a possibilidade de padrões inteiramente previsíveis serem armazenados como construções desde que ocorram com frequência suficiente. Este seria o caso da marcação regular de plural no português, com o acréscimo do –s, por exemplo.

2.1.2. Sobre as origens do modelo

A GrC, claramente, se desenvolveu a partir da Gramática de Casos, proposta por Fillmore e seus colaboradores por volta dos anos 60 e 70 em Berkeley – Califórnia (FRIED & ÖSTMAN, 2004). A Gramática de Casos trata-se de uma abordagem baseada em “papéis de casos” (*case-role*), que mais tarde, ficaram conhecidos como “papéis temáticos”. Através das categorias de papéis temáticos, Fillmore conseguiu tornar o nível semântico de análise mais discernível.

Para a Gramática de Casos, as funções gramaticais – como sujeito, objeto etc. – não dão conta das relações de dependência existentes nas sentenças. Fried & Östman (2004:13) ilustram essa questão com os seguintes exemplos:

- 7) a. **John Smith** remembers nothing of years gone by.
b. **England** remembers nothing of years gone by.
- 8) a. **John Smith's** memory of years gone by is non-existent.
b. The memory of years gone by is non-existent **in England**.

² C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

Assim, embora em (7a) e (7b) *John Smith* e *England* tenham a mesma função sintática, desempenham papéis semânticos distintos. O que permite distinguir estes papéis não é a diferença intuitiva de sentido que há entre “pessoa” e “país”, mas os ditos Papéis Temáticos diferentes que representam na relação frasal - “agente” e “local” respectivamente. A paráfrase nominalizada em (8a) e (8b), com o uso de componentes sintáticos distintos, um s-genitivo e a preposição *in*, respectivamente, permite observar tal diferença. Assim, evidencia-se que as noções semânticas dos papéis temáticos são importantes para a descrição gramatical.

Os primeiros estudos da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1979) levaram a um aprofundamento da noção de papéis semânticos. Assim, Fillmore sugeriu que a gramática pode ser vista como uma rede de associações entre papéis sintáticos (ou funções gramaticais), papéis textuais (de acordo com a estrutura informacional) e papéis situacionais específicos do verbo (como “comprador” e “vendedor” na transação comercial). Essa concepção também trouxe fortes influências para a GrC, tanto que a Semântica de *Frames* tem sido apontada (FRIED & ÖSTMAN, 2004; GOLDBERG, 2006; BOAS, 2013) como um modelo de análise semântica de grande relevo para a GrC.

A preocupação em se dar aos idiomatismos um espaço dentro do conhecimento linguístico do falante constituiu-se como outro gatilho propulsor do programa construcionista para a abordagem da gramática. Os estudos pioneiros de Lakoff (1987) sobre o *there* e de Kay & O’Connor (1988) sobre o *let alone* evidenciaram que, os idiomatismos, antes desconsiderados pela tradição formalista, podem ser concebidos como padrões construcionais, altamente complexos e muito produtivos, sendo merecedores de uma investigação rigorosa.

Consistente com essa visão geral, muitos trabalhos mais recentes da GrC têm buscado trazer para suas agendas analíticas as construções mais periféricas de uma língua específica (cf., na Introdução, estudos em Língua Portuguesa dentro do macroprojeto a que se vincula este estudo) de modo a mostrar que as ditas idiosincrasias – e por isto deixadas de lado – de uma língua traduzem, de fato, a presença de um exemplar que se vincula a uma rede e, em um algum de seus nós, se cruza com o centro, com a dita regularidade do sistema. Nessa direção, a contribuição da GrC não é a de definir estruturas nucleares, mas fornecer ferramentas analíticas para a descrição de **todas as construções de uma língua** (outro consenso teórico do

modelo), sem precisar de qualquer descrição *a priori* sobre o que deve contar como básico ou como nuclear.

Outro *insight* motivador para a GrC foi a tese desenvolvida em torno do processo de integração conceptual em que, negando-se a primazia do significante, se afirma que o sentido de uma expressão é maior do que a soma das partes que a compõem. Nesse sentido, uma Hipótese Fraca da Composicionalidade ganha espaço – o todo não corresponde à soma das partes que o integram, ou seja, não se chega à significação, seja de uma sentença, seja de uma palavra, seja de um morfema, através da simples concatenação dos itens linguísticos (lexicais ou morfológicos). Para se compreender um enunciado, é preciso que se considere mais que a forma, mais que os itens linguísticos; é imprescindível que possamos recuperar seu valor simbólico dentro do jogo semântico e discursivo a que se vincula de modo estável e a um só tempo flexível, naquela língua.

Nesse sentido, a análise das construções linguísticas não pode deixar de lado qualquer elemento que integra o fenômeno da linguagem – entendido como uma prática social, como um *frame* de atenção conjunta, como postula Tomasello (2003), trazendo para a análise questões formais e semânticas, mas também pragmáticas, contextuais, prosódicas e culturais.

Foi assim, portanto, no seio da LC nos anos 80, que, tendo a Gramática de Casos, a Semântica de *Frames*, as vigorosas contribuições sobre as bases experienciais e dinâmicas dos processos de significação, que se ergueram os mais importantes pilares do que hoje é conhecido como Gramática das Construções³.

Contudo, a abordagem construcionista, na medida em que foi se desenvolvendo, ganhou um grande número de adeptos que acabaram propondo diferentes direções, concepções e enfoques. Assim, atualmente, o termo Gramática das Construções refere-se, na verdade, a uma “família” de abordagens (GOLDBERG, 2006, p. 213-214), ilustradas pelo esquema abaixo, recortado dos estudos de Ellsworth (2012), em que se apresentam os caminhos de desenvolvimento desta rede de modelos:

³ Também para Boas (2013) a Gramática das Construções tem como precursor o trabalho de Fillmore sobre Gramática de Casos (FILLMORE, 1968, 1977) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, 1985). O termo, como lembra o autor, teve origem nos trabalhos de Fillmore e Kay (FILLMORE, 1989; FILLMORE, KAY E O'CONNOR, 1988; FILLMORE E KAY, 1995). Esses trabalhos – e ainda o estudo de Lakoff acerca de construções existenciais (LAKOFF, 1987) - trazem o germe das diferentes versões de Gramática das Construções hoje reconhecidas.

Summary of Intellectual Relations of CxGs

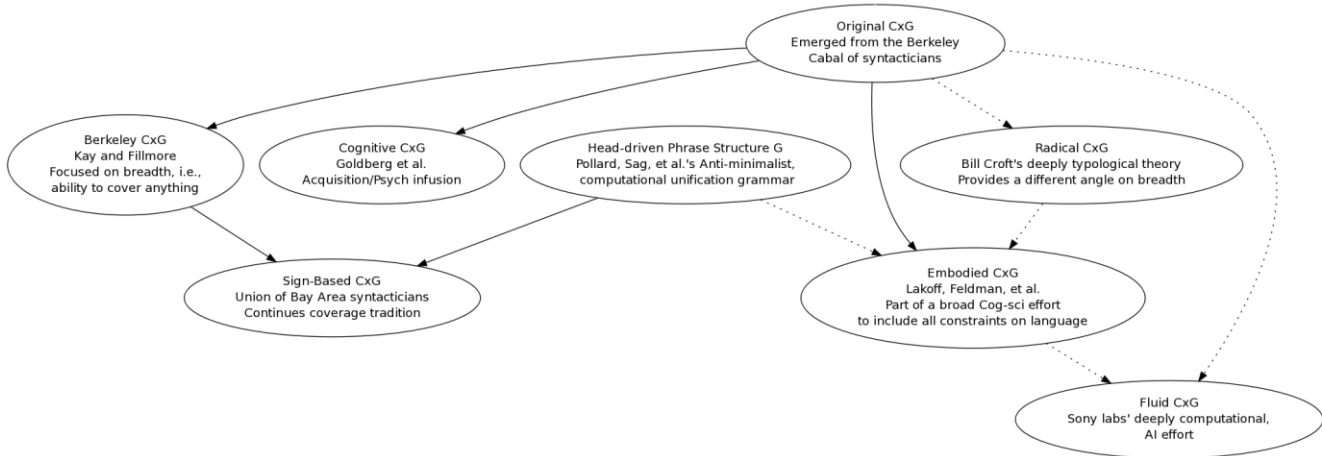


Figura 2: Caminhos das diferentes vertentes da GrC (recortado de apresentação de slides de ELLSWORTH (2012))

De acordo com a diagrama proposto (Figura 2), as primeiras noções de uma gramática das construções surgiram em Berkley da convergência dos estudos desenvolvidos, principalmente, por Fillmore, Kay e Lakoff. Foi a partir dessa “Gramática das Construções Original” (*Original CxG*), como denominado na figura acima, que surgiram outras vertentes. Ellsworth (2012) lista quatro movimentos que estabelecem uma relação mais direta com a GrC Original, representadas pelas setas contínuas. A primeira delas é a Gramática das Construções de Berkeley, denominada por Goldberg (2006, p. 214) de Gramática das Construções Unificada. Essa vertente recebe fortes influências da tradição descritiva da linguística formal e da gramática tradicional, tendo como foco a busca de ferramentas e categorias que permitam a elaboração de generalizações. Outra vertente é a GrC Cognitiva, fortemente representada por Goldberg, que irá estabelecer conexões entre a linguagem e questões psicológicas e cognitivas. Já a GrC Baseada no Signo (*Sign-Based CxG*) vai apresentar um formalismo diferenciado, herdado da *Had-diven Phrase Structure Grammar*, e voltada para a área computacional. Finalmente, a GrC Corporificada (*Embodied CxG*) incorpora parte dos esforços desenvolvidos pela Teoria Neural da Linguagem para entender seu funcionamento.

Além dessas vertentes, temos a GrC Fluida (*Fluid CxG*) que juntamente com a GrC Radical estabelecem uma relação mais indireta com o primeiro movimento da GrC, representada pelas setas pontilhadas na Figura 2. Na primeira, temos uma preocupação

com o desenvolvimento da robótica e de mecanismos que possibilitem as máquinas compreenderem e produzirem construções. Já GrC Radical, representada principalmente por Croft, tem uma preocupação extrema com a tipologia e o estabelecimento de generalizações das construções.

2.1.3 Sobre os fundamentos centrais do modelo

Mesmo configurando-se como uma rede de vertentes, as diferentes versões da Gramática das Construções apresentam uma significativa unidade teórica, mantendo uma grande proximidade entre seus princípios básicos.

Talvez a melhor maneira de definir a Gramática das Construções como abordagem linguística, de modo geral, seja o fato de se tratar de um modelo de gramática baseado no signo, o que dá a esse modelo uma organização centrada na noção de “construção” como a unidade básica de análise e representação (cf. seção 2.1.1). Assim, como seria esperado, os construcionistas concebem da mesma forma o conceito de construção como um pareamento de uma estrutura linguística complexa com seu significado (CROFT, 2007).

Outro ponto de convergência está na assunção da dimensão holística e não modularista do paradigma sociocognitivo e construcionista que a sustenta, o que confere ao modelo uma visão ampla e uniforme de construção, de modo a envolver todo o conhecimento linguístico em um contínuo – da sintaxe ao léxico; do centro à periferia do sistema. Assim, para a GrC, a construção – com o estatuto teórico de unidade linguística **em todos os níveis** – passa a ser considerada como a unidade analítica para a descrição geral de uma língua.

Nesse sentido e tentando ressaltar o *status* primordial da construção para a GrC, Goldberg (2006, p. 18) afirma que as construções estão em todas as partes de nosso conhecimento gramatical. Desse modo, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais – pares de forma e função semântica ou pragmática.

A Tabela 1 abaixo apresenta exemplos de construções do Português, localizadas em diferentes pontos do *continuum* Léxico – Sintaxe.

Morfemas	<i>des- desligar, desfazer</i> <i>-íssimo casadíssimo, solteiríssimo</i>
Palavras	<i>e, céu, cesta</i>
Palavras complexas	<i>arranha-céu, cesta básica</i>
Idiomas (totalmente preenchidos)	<i>Chutar o pau da barraca; Fazer tempestade em copo d'água</i>
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: X que nem Y Ex.: <i>Forte que nem touro; Feliz que nem surfista na pororoca</i>
Construção Passiva	Forma: Suj. Aux. V (SP _{por}) Ex.: <i>O vaso foi quebrado por Maria.</i>

Tabela 1: Diferentes níveis de construção

Nos termos expostos, o conhecimento gramatical, como um todo, pode ser representado através de construções, que diferem apenas em termos de complexidade interna e nível de esquematicidade (BOAS, 2013). Assim, a complexidade de uma construção não está, necessariamente, ligada ao campo linguístico a que pertence – morfológico, lexical ou sintático. Isso corresponde a dizer que, em se tratando de construções, “tamanho não é documento” (MIRANDA, 2008), como ilustram os exemplos presentes na tabela acima. Assim, por exemplo, as Construções Superlativas Sufixal de Estados Absolutos (*casadíssimo, solteiríssimo*), um dos objetos deste estudo, como construções morfológicas, envolvem uma grande complexidade significativa. Já uma construção mais abstrata como a Passiva é, comparativamente, menos rica em termos semânticos, uma vez que só apresenta, na verdade, uma mudança de perspectiva em relação a um determinado evento.

A título de síntese, enfeixamos os consensos teóricos definidores da grande família de abordagens nomeada como Gramáticas das Construções, postulando as teses seguintes:

- (i) A afirmação do estatuto teórico da construção – pares de forma/sentido – como a unidade analítica, por excelência;
- (ii) A postulação de um contínuo entre Gramática e Léxico, Semântica e Pragmática, o que garante um tratamento sistemático para todas as unidades de uma língua e coloca em relevo os processo de significação vistos em sua dinâmica de uso;

- (iii) A definição de gramática como uma rede de construções em que as construções mais centrais (*core grammar*) e as mais periféricas recebem o mesmo tratamento, vinculando-se por relações de herança. Dito de outro modo, não há sentido, pois, em tratar construções de uma língua como pertencentes a categorias qualitativamente distintas, com base em seu grau de convencionalização. Assim, em redes, as construções se organizam em forma de sobreposições de padrões, relacionadas através de propriedades partilhadas (GOLDBERG, 2006).
- (iv) A reivindicação do caráter **maximalista** da gramática, o que significa a afirmação de uma agenda programática que tenha em foco a descrição de TODAS as construções de uma língua, de um modelo linguístico que dê conta de todas as facetas do conhecimento do falante sobre suas línguas (BOAS, 2013).

2.2. A Gramática das Construções Cognitiva – algumas contribuições do modelo

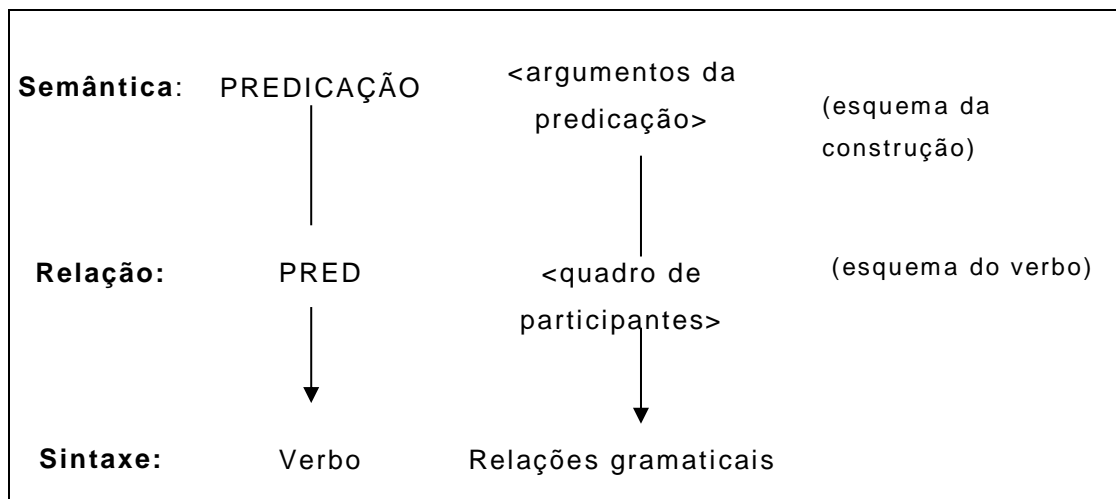
A grande contribuição inicial do modelo de Goldberg (1995), como é amplamente reconhecido, está em seu estudo, no campo da sintaxe, das Construções de Estrutura Argumental (CEA) do Inglês, uma subclasse de construções que evoca os sentidos de cenas básicas nesta língua, como a construção Ditransitiva (X CAUSES Y TO RECEIVE Z/ Subj V Obj Obj₂); a construção de Movimento Causado (XCAUSES Y TO MOVE Z /Subj V Obj Obl), dentre outras.

Dois conceitos cruciais para a GrC são o de **elo simbólico** e de **herança** que, embora compareçam em todos os modelos, não são tratados de modo consensual. Pelo forte lastro da Linguística Cognitiva no escopo teórico da Gramática das Construções Cognitiva, tais conceitos se definem neste modelo como **fusão** e **herança by default**.

2.2.1. A fusão – pontos e contrapontos

Goldberg (1995, 2006), partindo do reconhecimento das construções de estrutura argumental, descreve o elo simbólico em termos de **fusão**, como um dispositivo para promover a integração de forma (estrutura sintática) e significado (estrutura semântica) de tais construções. Tal processo opera com formas de superfície e

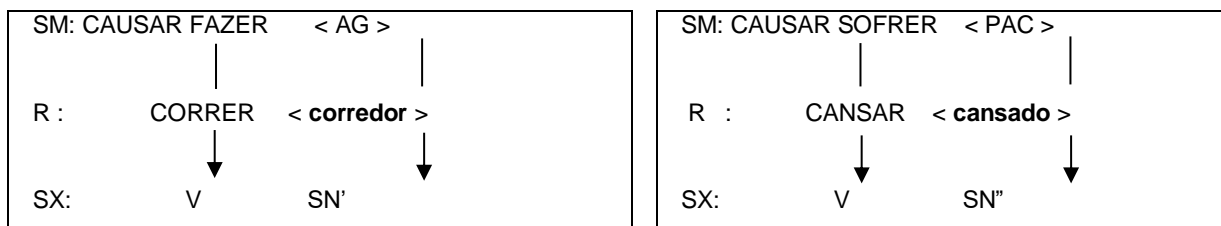
a autora propõe uma formalização mínima (GOLDBERG, 1995), apenas para tornar mais fácil a explicitação da fusão de construções de estrutura argumental, como podemos ver no Quadro 1:



Quadro 1: Fusão abstrata dos esquemas verbo-construção

Na primeira linha do diagrama temos formalizada a semântica da **construção** que envolve um predicado e argumentos determinados pelo sentido construcional. Na segunda linha, temos os papéis dos participantes da cena posta em relevo (o *frame*), pela semântica de cada **verbo** específico que participa da construção. As linhas contínuas sinalizam a compatibilidade semântica e a integração (fusão) entre as os papéis participantes (associadas com o verbo) e os papéis argumentais (associadas à construção). Por fim, o elo com as funções sintáticas é promovido. O papel do verbo neste processo é, portanto, o de sinalizar o *frame* semântico de cada construção instanciada, isto é, a perspectiva diferenciada, específica instaurada sobre uma cena comunicativa enquadrada pela construção.

O exemplo da Construção Condicional Universal “*Quem corre cansa*” (JESUS, 2003), ilustra o tipo de notação descrito:



Quadro 2: Fusão de papéis na construção proverbial “Quem corre cansa”

Na primeira cláusula, o predicado “CAUSAR FAZER” apresenta um argumento externo (Agente) que se funde, nas relações perspectivadas pelo *frame* pelo verbo CORRER, com participante (CORREDOR). A fusão do polo formal se dá com as funções sintáticas de Verbo e de Sintagma Nominal. O processo de fusão da cláusula nuclear se dá da forma seguinte: “CAUSAR SOFRER” apresenta um argumento PACIENTE (associado à construção) cuja integração é promovida com o participante do *frame* enquadrado pelo verbo (CANSADO) e com as funções sintáticas (MIRANDA, 2008).

Dois princípios gerais especificam a forma como papéis participantes e papéis argumentais se fundem (GOLDBERG, 1995, p. 50):

- I. **Princípio da Coerência Semântica:** papéis participantes dos verbos e papéis argumentais da construção devem ser semanticamente compatíveis para se fundirem.
- II. **Princípio da Correspondência:** papéis perfilados pelo verbo devem ser codificados por papéis argumentais perfilados.

Assim, para Goldberg (2006, p. 42-43), existem várias possibilidades de fusão entre construções e verbos. Em síntese, quando os princípios enunciados são respeitados, não há conflito entre os papéis, e temos, nos termos que vimos definindo neste estudo (cf. Introdução), construções harmônicas. Se, contudo, registra-se um conflito entre papéis argumentais e papéis participantes, temos um desencontro/*mismatch* (cf. seção 3.5).

É fato que as evidências construídas por Goldberg (1995, 2006) remetem às CEAs e, por isso, consideram-se apenas os papéis participantes do *frame* evocado pelo verbo. Contudo, este desencontro/ *mismatch* pode, sem dúvida, definir o tipo de fusão que ocorre na CSSEA (MACHADO, 2011) e na CSSD, nosso objeto de estudo (cf. Introdução e cap. 5). Trata-se de uma construção mórfica adjetiva desencontrada, uma vez que, tendo um escopo não graduável (um estado absoluto ou uma entidade

referencial), rompe com a expectativa harmônica das construções superlativas canônicas que reivindicam a **fusão** entre um papel argumental (da construção) com um papel participante (do escopo nominal) **graduáveis**. Assim, na instanciação de *felicíssimo*, por exemplo, temos a compatibilidade entre os dois níveis de notação (nomeados Semântica e Relação – cf quadro 1), já em *casadíssima*, temos o desencontro desencadeado pelo Escopo *casada*, um papel participante que não corresponde ao papel argumental esperado.

A respeito da configuração da construção e de outros aspectos do modelo goldbergiano, Boas (2013) tece críticas bastante significativas. Para o linguista, uma fragilidade do processo de fusão proposto pela GrCC está no fato de os sentidos dos verbos serem representados unicamente em termos de uma informação muito superficial sobre o seu *frame* semântico – nas notações e descrições da CEAs há apenas uma simples identificação deste frame mediante a postulação dos papéis participantes (cf. quadro 1). Para o autor, uma medida analítica importante para o enfrentamento desta questão - o que representa uma limitação desejável do poder de replicação de uma construção abstrata – está em conferir maior atenção aos sentidos individuais dos verbos, isto é, às miniconstruções verbais. Nos termos de Boas (2013), trata-se de uma visão lexiconstrucional.

Tal crítica, a nosso ver, enriquece as teses da GrCC na medida em que sugerem uma restrição pertinente para os princípios I e II que formatam a fusão. O que Boas (2013) reivindica, em síntese, é um real equilíbrio entre o sentido construcional e o sentido lexical.

De fato, uma das preocupações da GrCC foi, de início, a contraposição a uma visão lexicalista da valência verbal, refutando a ideia de que a interpretação e a forma de uma sentença são determinadas pelas informações semânticas e sintáticas do verbo principal. Ao invés disso, afirma-se a interação entre o verbo principal e o padrão construcional a que pertence. A perspectiva construcionista evita, desse modo, a postulação de infinitas entradas lexicais e/ou sentidos implausíveis para verbos que ocorram em um ambiente não convencional, como é o caso dos verbos *laugh*, *sneeze* e *urge* analisados por Goldberg (1995, p. 152):

- 9) a. They laughed the poor Guy out of the room
- b. Frank sneezed the tissue off the table
- c. Mary urged Bill into the house.

As sentenças acima, claramente, fazem parte da Construção de Movimento Causado. Contudo, ao observarmos apenas seus verbos principais (*laugh – rir, sneeze – espirrar e urge – urgir*) fica mais difícil estabelecer essa relação, uma vez que esses verbos não codificam, independentemente, a semântica de movimento causado. Desse modo, dentro dessa abordagem, verbos como em (9), são associados a informações semânticas específicas que permitem que eles se fundam com a semântica da Construção de Movimento Causado. É dessa interação entre verbo e construção que os sentidos emergem.

Assim, uma das grandes inovações advindas das teses goldbergianas, na contramão de uma visão lexicalista, está, sem dúvida, na afirmação do sentido construcional – **uma construção tem significado independente das palavras que concretamente a instanciam**. Por outro lado, o modelo também não deixa – pelo menos em tese – de considerar a semântica dos verbos licenciados pela construção. A própria Goldberg (2006) junta argumentos nesta direção ao afirmar que é

(...) importante se ter em mente que o significado de uma cláusula é mais que o significado da construção de estrutura argumental usada para expressá-la. Verbos específicos, assim como argumentos particulares e o contexto devem ser fatorados nesta equação (GOLDBERG, 2006, p. 43).

Contudo, como pontuam as críticas de Boas (2013), o zelo pela microconstrução verbal está aquém do necessário para se garantir a coerência do modelo. É, pois, neste espaço lacunar que prevemos a efetiva equação entre a Semântica de *Frames* e a Gramática das Construções. É nesta direção que nosso estudo (e outros que o antecedem em nosso macroprojeto (cf. Introdução)) se propõe avançar, buscando um equilíbrio efetivo entre o sentido construcional da CSSD e o dos elementos que a integram. Assim, o que se discutiu acima sobre o papel dos verbos, deve, como buscaremos mostrar em nossas análises (Cf. cap. 5), aplicar-se a outro(s) escopo(s) de padrões construcionais.

Outra crítica dirigida ao modelo de Goldberg respeita à informalidade da notação utilizada no modelo para formalizar as construções. Boas (2013) considera o pouco rigor formal na representação da fusão (cf. quadros 1 e 2), acompanhada de um conjunto de restrições apresentadas majoritariamente em prosa. Tal ausência de rigor

impede a utilização de tal notação por interfaces não humanas, o que vem-se constituindo como uma grande preocupação nos estudos da Linguística Cognitiva em conexão com as tecnologias da informação e com as neurociências neste século.

Mais uma vez, a crítica de Boas tem seu peso, dado o fato, inclusive, de as notações informais de Goldberg (1995, 2006) serem voltadas exclusivamente para as construções argumentais, o que dificulta a replicação das análises, como é o caso do presente estudo voltado para construções mórficas. Por outro lado, os investimentos em formalismos mais rigorosos para o registro de construções (FILLMORE, KAY E O'CONNOR, 1988; KAY E FILLMORE, 1999) também produzem suas “simplificações”. Nos termos de Salomão (2009, p. 56) ficam a descoberto “idéias basilares da Linguística Cognitiva, entre elas, destacadamente, o conceito de “cognição incorporada” (...)” ou, em termos mais amplos, a **dimensão conceptual** das construções que, com mais ou menos ênfase, comparece em distintos modelos da GrC.

É certo que as notações postas para as CEAs, de natureza sintática, não são, de forma alguma, replicáveis no que concerne a uma formalização mínima das construções superlativas mórficas em estudo. Contudo, os princípios que restringem a fusão entre sentido construcional e sentido lexical na GrCC fazem todo o sentido para a descrição de nossa CSSD, o que importa resguardar. Assim, buscando um modelo com poder de replicação de análise e, em especial, de transposição para o nível mórfico, estaremos assumindo, como principal ferramenta de formalização, as notações “em prosa” propostas pela *FrameNet Construction* (cf seção 2.4.2.1) que, articulando-se com a Sign-based Construction Grammar (FILLMORE & KAY, 1995), se configuram em uma linguagem bastante “amigável”. Um ponto marcadamente significativo nesta notação é promoção de uma integração mais explícita entre GrC e Semântica de *Frames*, ponto este nuclear em nossa agenda analítica.

Outro fundamento central da GrCC, como anunciado, é a noção de herança. É o que passamos a apresentar.

2.2.2. *Relações entre construções: a noção de Herança e Motivação*

O modelo construcionista delineado por Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006) pressupõe a existência de um repertório de construções, dispostas em redes e organizadas radialmente, de modo que as construções periféricas são derivadas e herdam elementos semântico-formais das construções mais centrais e mais básicas.

Goldberg (1995, p. 67-68), perseguindo a plausibilidade psicológica de seu modelo, propõe quatro princípios psicológicos regem esta formação em rede:

- I. **Princípio da Motivação Maximizada:** se a construção A está sintaticamente relacionada à construção B, então o sistema da construção A é motivado até o nível em que está semanticamente relacionado com B. Essa motivação é maximizada.
- II. **Princípio da Não sinonímia:** se duas construções são sintaticamente distintas, elas serão semanticamente ou pragmaticamente distintas. Aspectos pragmáticos de construções envolvem estruturas de informações particulares, incluindo tópico e foco, e, adicionalmente, aspectos estilísticos da construção, como um registro.

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não serão pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não serão semanticamente sinônimas.
- III. **Princípio do Máximo Poder Expressivo:** o inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.
- IV. **Princípio da Máxima Economia:** o número de construções distintas é minimizado na medida do possível devido ao Princípio III.⁴[Trad. nossa]

Sendo a construção a unidade básica da linguagem, a gramática, como expressão do conhecimento linguístico, passa a ser, por consequência, o conjunto de TODAS as construções de uma determinada língua. Dessa forma, os construcionistas deixam de pensar a gramática em termos de geração de sequências formais, para pensá-la em termos de um repertório de construções vinculadas radialmente por relação de herança, ou seja, a gramática de uma determinada língua é uma grande rede de construções, que abrange desde os níveis mais simples até os mais complexos.

Nesses termos, o conhecimento linguístico dos falantes não é concebido com uma lista aleatória de itens e regras; pelo contrário, é visto como um repertório de construções relacionadas entre si, distribuídas em forma de rede, ligadas por relações de

⁴ "I. The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized.

II. The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register (...).

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.

III. The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes.

IV. The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is maximized as much as possible, given Principle III (Haiman 1985a).

herança que permitem captar não só generalizações entre construções, mas também motivações das propriedades de uma construção particular, subregularidades e exceções.

Contudo, a concepção dos laços de heranças existentes entre as construções não é um consenso entre as principais versões da GrC. Portanto, assumimos a noção de herança implementada por Goldberg (1995) e Lakoff (1987), que acreditam que as redes construcionais são *organizadas radialmente* ou *by default* (SALOMÃO, 2009, p.51).

Essa perspectiva de herança abraça as principais convicções da Linguística Cognitiva, no que se refere aos processos de categorização – em especial, às contribuições teóricas de Lakoff (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; LAKOFF, 1986), dando às redes construcionais uma organização radial em torno de uma *Construção Base*, centro da rede, de onde se irradiam outras construções em direção à periferia (MIRANDA, 2008, p. 22). Desse modo, a perspectiva de Goldberg (1995) concebe construções como tipos de categorias, uma vez que reconhece que **conhecimento linguístico é conhecimento**.

Dentro dessa perspectiva, a noção de motivação é um dos pontos centrais. A noção de motivação vai, então, relacionar as diferentes construções e, através dela, se torna possível dar conta do grande número de regularidades presentes na Gramática de uma língua. Goldberg (1995) se apoia na concepção de Lakoff (1987) para definir a motivação entre construções. Segundo o autor, uma dada construção será motivada na medida em que uma estrutura for herdada de outras construções da língua. Assim, uma construção A motiva uma construção B, se B herda propriedades de A.

A concepção de se relacionar construções está em consenso com os processos cognitivos de aquisição da linguagem, uma vez que se torna mais fácil aprender algo motivado do que algo totalmente arbitrário.

Assim, há elos de herança semânticos e formais entre construções relacionadas, o que permite que estas sejam colocadas dentro de uma mesma rede construcional. Contudo, apenas as informações não conflitantes serão partilhadas entre as construções relacionadas. Nesse sentido, as relações de motivação são capturadas pelos elos de herança estabelecidos entre duas construções semântica e sintaticamente relacionadas. Dentro dessa perspectiva, Goldberg (1999, p.74 – 81) propõe quatro tipos laços de herança:

- (i) **herança por polissemia** – apreende a natureza das relações semânticas entre um sentido particular de uma construção e as extensões desse sentido, i.e., quando uma construção estende o significado da construção-mãe. É o tipo de relação que Goldberg (1995) reconhece entre o sentido central da Construção Ditransitiva (X causes Y recebe Z – *Joe gave Sally the ball*) e as extensões desse sentido (X causes Y not to receive Z, como *Joe refused Bob a cookie*);
- (ii) **herança por subparte** - quando uma construção, que tem uma existência independente, se configura como parte da construção-mãe. As especificações sintáticas e semânticas da Construção de Movimento Intransitivo (A bola entrou no gol) são uma subparte das especificações sintáticas e semânticas da Construção de Movimento Causado (João chutou a bola no gol).
- (iii) **herança por instanciação** – quando uma construção se configura como um caso da construção-mãe. Itens lexicais que ocorrem apenas em uma construção são instâncias dessa construção, desde que herdem lexicalmente a sintaxe e a semântica associada à construção.
- (iv) **herança por metáfora** – quando a construção é motivada por uma projeção metafórica da construção-mãe, i.e., as duas construções estão relacionadas por um mapeamento metafórico. A forma com que a semântica da construção dominante é mapeada para a construção dominada é especificada por uma metáfora. É o caso em Português, por exemplo, da Construção Superlativa Causal Metafórica “João morreu de saudade”, herdeira da construção Inacusativa Causal “João morreu de câncer” (SAMPAIO, 2006, p.117)

As relações de motivação, sintáticas e semânticas, podem, pois, ser capturadas a partir da identificação desses elos de herança, os quais possibilitarão a determinação das diferenças e das semelhanças entre construções relacionadas.

2.3 A Gramática das Construções Cognitiva como um Modelo Baseado no Uso

Neste estudo, nosso olhar sobre o empreendimento construcionista da linguagem tem uma perspectiva privilegiada, qual seja o de reconhecimento da dimensão do USO na instituição da linguagem e das línguas. Interessa-nos, assim, por convicção epistemológica, uma visão de linguagem que coloque em relevo a dinâmica do uso, reconhecendo que os processos de aquisição e aprendizagem, assim, como de constituição da gramática e do léxico de uma língua são, por essência, resultantes do uso, da imersão em cenas de atenção conjunta. Daí a adesão teórica aos Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 2006; TOMASELLO, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010) o que impacta, de forma decisiva, nossas decisões metodológicas (cf. cap. 4).

Nos termos de Miranda (2008, p.15), ao argumentar em favor de tal perspectiva:

É uma questão de relevo - nesse enquadre, a realidade fundamental da linguagem é a enunciação de uma pessoa para outra em ocasiões particulares de USO. E é justamente a consideração do USO como constitutivo da arquitetura cognitiva do léxico e da gramática que vai marcar a distância, a dissidência definitiva e irreversível entre o cognitivismo de tradição chomskiana e o sociocognitivismo reivindicado pela Linguística Cognitiva.

O alinhamento da GrCC com os nomeados Modelos Baseados no Uso é, de igual modo, explicitamente defendido por Goldberg (1995, 2006). Primeiro, quando a linguista, ao oferecer um panorama contemporâneo das distintas vertentes da GrC (2006, p. 213-215), situa a GrCC como um dos modelos que considera vinculado a tal perspectiva. Segundo, quando, ao longo de suas argumentações, afirma, de forma cabal, alguns fundamentos fortemente alicerçados no USO, como: “As gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem.” (GOLDBERG, 2006, p.22) ou “As línguas são aprendidas – são construídas com base em *input* junto com restrições cognitivas e pragmáticas genéricas (GOLDBERG, 2006, p.3).

Do ponto de vista da Antropologia Evolucionista, os argumentos de Tomasello (1999, 2003) acerca da ontogênese humana inauguram tais convicções, sustentando a tese da “riqueza de estímulos” (em contraposição à tese chomskiana da “pobreza de estímulos”). Para o autor, a aquisição das palavras passa pelo seguinte processo: começa

com o armazenamento de representações mentais de casos concretos de usos linguísticos, presentes no dia-a-dia do indivíduo. Gradualmente, o aprendiz vai fazendo abstrações a partir de construções linguísticas similares. Assim, a aquisição de sistemas abstratos passa pelo uso linguístico (TOMASELLO, 2000: 238).

Desse modo, a criação de esquemas depende das relações entre palavras, da capacidade de, a partir de um conjunto de palavras relacionadas, se abstrair um padrão. Segundo Croft & Cruse (2004), ancorados no uso, processos intuitivos de abstração e organização nos permitem armazenar modelos de representação gramatical capazes de acomodar tanto padrões idiossincráticos – tradicionalmente relegados à periferia dos estudos linguísticos (idiomas cristalizados) – quanto padrões mais gerais de comportamento linguístico (macro e mesoconstruções). Salomão (2009) destaca ainda que esse tratamento das idiossincrasias, tal qual o do significado, estabelece a definitiva ruptura da Linguística Cognitiva com a Linguística Gerativa de Chomsky.

Nesta perspectiva, portanto, crianças aprendem padrões de uso, ou seja, **construções**, e sua competência linguística (e também do adulto) se define como o domínio de um inventário estruturado de unidades simbólicas. Assim, quando os falantes, em um frame de atenção conjunta, usam, de modo reiterado, um símbolo linguístico, tal frequência faz emergir um padrão de uso, ou seja, um tipo de categoria ou construção linguística.

Nos termos de Salomão (2009, p.4):

(...) incorporando as informações do uso, a gramática resultante terá um perfil inequivocamente **maximalista**, outra vez em completa contradição com a tradição ainda hegemônica. **Maximalista** em duas direções: primeiro, com relação à natureza do que seja **conhecimento linguístico**, condição que determina, inclusive, uma radical mudança no entendimento do que constitui a **aquisição deste conhecimento**. Segundo, porque, regressando às raízes semióticas da linguística (...), a gramática se apresenta como uma **rede de signos**; não só formas: **signos** investidos de uma “dimensão” dual, para homenagear Saussure outra vez.

Tudo isto leva a reconhecer que a aquisição e a aprendizagem de construções se dá mediante a frequência com que estas são usadas e postas em relevo nos *frames* interacionais. Para Tomasello, está na relevância comunicativa destes padrões o valor determinativo da aquisição (e também da aprendizagem).

Nessa direção, duas hipóteses fundamentais (CROFT, 2007, p. 499-500) definidores dos Modelos Baseados no Uso interessam, de perto, às nossas análises:

- (i) O armazenamento da forma de uma palavra, regular ou irregular, é função da sua frequência de ocorrência;
- (ii) A produtividade de um esquema é função da frequência de tipo instanciada pelo esquema.

As hipóteses anunciadas remetem aos métodos empíricos de análise impostos aos estudos linguísticos do uso. Assim, os Modelos Baseados no Uso operam com duas propriedades fundamentais: a frequência de ocorrência (*token*) e a frequência de tipo (*type*). A frequência de ocorrência diz respeito à repetição de determinada construção. Na medida em que ela se reitera na língua, seu grau de convencionalização se torna maior. Nesse sentido, a noção de frequência de ocorrência se relaciona com a noção de convencionalização da construção.

Já a frequência de tipo diz respeito às diferentes formas linguísticas que são consideradas instâncias de uma construção particular. Desse modo, a frequência de tipo se relaciona à produtividade de uma construção, ou seja, quanto maior o número de tipos, mais produtiva é a construção.

Neste viés, a gramática de uma língua de se define como uma rede de símbolos erguida na cultura através do uso (cf. introdução deste capítulo). Não há, pois, entidades linguísticas, no léxico ou na gramática, que não sejam simbólicas; todas têm significado comunicativo porque derivam diretamente do USO linguístico.

Nas palavras de Miranda (2008, p.16), um argumento final que garante a relação da GrCC, como um Modelo Baseado no Uso, com os aportes da dimensão conceptual da Linguística Cognitiva, negando qualquer polarização possível em termos de externalidade *versus* internalidade no processo de instituição da linguagem e, conseqüentemente, das línguas:

A tese da dimensão situada e distribuída da cognição humana, sem abrir mão da investigação sobre **a natureza similar ou mesmo universal dos processos cognitivos** que dimensionam a integração entre forma e significação (LAKOFF, JOHNSON, FAUCONNIER TURNER, dentre outros), abre caminho para a investigação dos padrões de uso genéricos e específicos que emergem, se consolidam em cada língua quando os falantes fazem suas escolhas simbólicas para se comunicarem[...]. (Grifos nossos)

O que Miranda busca lembrar é que, na perspectiva assumida, mesmo pondo em foco os usos, isto é, a diversidade das gramáticas de cada língua, ficam resguardadas as teses sociocognitivistas que reivindicam a existência de universais cognitivos, como a nossa capacidade simbólica, definidos como não autônomos e não específicos da linguagem. Assim, como pontuado à subseção 2.1.2, todas as vertentes da GrC, dada a sua gênese, têm um vínculo garantido com as teses centrais da Linguística Cognitiva, contudo, a GrCC articula, de modo mais fundante, tais construtos, pondo em relevo relações como radialidade e projeções (cf. subseção 2.2.2)

2.4 O Polo Semântico na Gramática das Construções: o tratamento a partir da Semântica de *Frames*

Como um modelo erguido no seio da Linguística Cognitiva, a Gramática das Construções preserva uma relação especial com o tratamento do sentido perspectivados a partir da dimensão cognitiva dos processos de significação da linguagem. Nessa direção, tal modelo anda lado a lado com estudos semânticos e cognitivos, tendo em vista a integração dessas dimensões nas representações construcionais. Esse fato se manifesta, de modo claro, quando a GrC elege a Semântica de *Frames* (SF) como a teoria responsável pelo tratamento semântico das construções. Nesta direção, reivindica-se a SF como um complemento semântico para a GrC, uma vez que apresenta construtos teórico-analíticos capazes de sustentar muitos modos de relação forma-sentido. Assim, autores como Fried & Östman (2004, p. 6) consideram a GrC e a SF como teorias “irmãs”, visto a complementaridade que afirmam existir entre elas. Os mesmos autores, contudo, juntando-se às críticas de Boas (2013) apresentadas na seção 2.1.3, destacam a pouca explicitude que tal teoria semântica tem no escopo da GrCC.

Reivindicando para este estudo a visão lexicoconstrucional, defendida por Boas (2013), em que se busca um equilíbrio efetivo entre o sentido construcional e o dos elementos que a integram a construção, propomos alcançar uma análise mais detalhada dos *frames* evocados tanto pela CSSD, como pelas bases nominais, as microconstruções (Escopo Adjetivo) que a integram, de modo a promover uma equação efetiva entre a GrC e a SF. Tal propósito nos convida, assim, a nos debruçarmos sobre tal modelo. É o que fazemos a seguir.

2.4.1. A Semântica de *Frames*

A Linguística Cognitiva concebe a linguagem como um instrumento cognitivo que tem como função organizar e fixar a experiência humana. Desse modo, os significados só podem ser descritos com base nessas experiências, assim como no conjunto de conhecimentos dela proveniente.

A partir deste viés teórico, a Semântica de *Frames*, como um dos modelos que integra a LC, sustenta como premissa fundamental a noção de que “os significados são relativizados às cenas” (FILLMORE, 1977, p. 59). Esse princípio aproxima a Semântica de *Frames* da tradição da semântica empírica, e a distancia da tradição formal, uma vez que toma como base a continuidade entre linguagem e experiência (FILLMORE, 1982). Desse modo, a semântica de um determinado item linguístico interage com a cena ativada por ele, i.e., a construção do significado de uma expressão requer processos que ativem a cena conceptual em que ela se insere.

Para Fillmore (1985), as palavras representam “categorias de experiências” que surgem a partir de um contexto de conhecimento e de experiência específico. Nesse sentido, a Semântica de *Frames* pode ser concebida como um esforço para entender as motivações de uma comunidade de fala para criar determinada categoria representada pela palavra, além de explicar o significado da palavra demonstrando e estabelecendo essas razões (FILLMORE, 1985).

Ante tais supostos, a Semântica de *Frames* pode ser definida como uma abordagem empírica que enfatiza a continuidade entre língua e experiência e se aplica à organização do conhecimento (PETRUCK, 1996). Tendo como foco a maneira como os usuários da língua entendem o que lhes está sendo comunicado, tal modelo envolve, por isso, um trabalho empírico, cognitivo e etnográfico (FILLMORE & BAKER, 2010).

A Semântica de *Frames* faz parte do que Fillmore (1985) rotulou como de Semântica da Compreensão (*semantics of understanding – U-semantics*) em contraposição à Semântica de Verdade (*truth conditional semantics – T-semantics*).

A primeira concepção engloba teorias que se preocupam em determinar elementos necessários para a interpretação de uma sentença, considerando as situações em que se instancia. Tem-se uma abordagem de fraca composicionalidade, ou seja, por um lado, composicional, pois lida com operações que dependem do conhecimento dos itens lexicais individuais, unidades fraseológicas e construções gramaticais, por outro,

não composicional, pois o processo de construção do sentido não é puramente construído por operações simbólicas.

A segunda concepção, em dissonância com a SF, agrupa teorias que buscam determinar sob quais condições uma sentença pode ser verdadeira, e em que o verdadeiro é determinado composicionalmente. Assim, busca-se um julgamento de falso/verdadeiro ao invés de um julgamento de compreensão.

A Semântica de *Frames* surgiu no final da década de setenta, estimulada, segundo Salomão (2009), por dois fatores contextuais. O primeiro foi o destaque dado à noção de *frame* em disciplinas circunvizinhas à Linguística. O segundo diz respeito ao esforço de alguns linguístas, dissidentes do empreendimento gerativista, em buscar soluções que explicassem a semântica a partir da continuidade entre a linguagem e as demais capacidades cognitivas.

Assim, a Semântica de *Frames*:

considera que palavras e outras formas e categorias linguísticas indexam categorias semânticas ou cognitivas, as quais, por sua vez, são reconhecidas como participantes de algum tipo de estrutura conceitual maior. (FILLMORE, 1982, p.115)

Central a essa abordagem é, portanto, a noção de *frame*. É a partir dela que as categorias semânticas ou cognitivas serão indexadas às palavras ou outras formas linguísticas, como a citação acima destaca. Desse modo, um *frame* é tido como “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender um deles é necessário entender toda a estrutura na qual ele se encaixa” (FILLMORE, 1982, p. 111). Nesses termos, a introdução de qualquer elemento do esquema conceptual torna os demais cognitivamente disponíveis (embora não necessariamente disponíveis de modo consciente).

Essa concepção de *frame* leva a Semântica a lidar com estruturas de conhecimento implícitas (o “conhecimento do mundo”) a partir das quais se operam processos semânticos de inferenciação, como ilustram os exemplos (10) e (11) abaixo⁵:

10) A gente está quase chegando: já vamos atracar.

11) A gente está quase chegando: já vamos pousar.

⁵ Esses exemplos foram inspirados nos exemplos discutidos por Fillmore (1985).

O entendimento dos enunciados acima depende, substancialmente, dos processos de inferenciação invocados pelos verbos em destaque *atracar* e *pousar*. Assim, acessando nosso conhecimento de mundo, facilmente, identificamos que em (10) o meio de transporte é marítimo (atraca-se um navio), enquanto em (11) ele é aéreo (pousa-se um helicóptero). Sem recuperar o contexto conceptual (*conceptual background*) desses dois verbos não é possível estabelecer-se o sentido do enunciado, uma vez que o meio de transporte não está lexicalmente expresso.

Esse contexto conceptual, como foi visto, nos é fornecido pela estrutura dos *frames* emergentes de cada um desses verbos. Assim, segundo Gawron (2008), os *frames* são estruturas conceptuais que fornecem contextos para a interpretação de elementos. Explica-se, a partir dessa noção, como nosso entendimento pode ir além do que o texto está dizendo literalmente.

A aplicação da noção de *frame*, como dito anteriormente, não é uma inovação da Semântica de *Frames*. Conceito comparável ou similar já havia sido empregado em outros campos teóricos, em especial o da Inteligência Artificial e o da Psicologia Cognitiva (FILLMORE, 1985). No campo da inteligência artificial, os estudos de Minsky tiveram grande destaque e o *frame* era concebido a partir de situações estereotipadas (MINSKY, 1975 apud PETRUK, 1996). A noção de *script*, trazida pelo trabalho de Schank & Abelson (1977) sobre o entendimento de histórias, estabelece também uma íntima relação com a noção de *frame* (PETRUK, 1996). O *script* se refere às estruturas de conhecimento relacionadas às sequências de eventos, como o conhecido exemplo do *script* do restaurante.

Contudo, a noção de *frame* empregada pela Semântica de *Frames* está mais vinculada à noção de *case frames*, introduzida pela Gramática dos Casos proposta por Fillmore (1968). Nesse texto, Fillmore (op. cit.) apresenta os “*frames* de caso” como elementos envolvidos na caracterização de cenas ou situações abstratas. A partir dos verbos de julgamento – criticar, acusar, culpar – (FILLMORE, 1977) e da caracterização da cena cognitiva de ‘transação comercial’ (Fillmore 1977), veio à tona a ideia de que, para se entender a estrutura semântica de um verbo, era necessário entender as propriedades da cena abstrata que ele evoca.

Em termos gerais, a Semântica de *Frames* se distingue substancialmente da Gramática dos Casos em um ponto importante – uma inversão de prioridades. Deixa-se, portanto, de se tomar os conceitos dos papéis semânticos como primários e definir o tipo de situação a partir deles, para se considerar os *frames* como elementos

fundamentais e definir as distinções de papéis relativas a eles. Assim, dentro dessa perspectiva, o *frame* passa a ser considerado o domínio estrutural mais poderoso e central (FILLMORE, 1978). A partir daí, abre-se espaço para uma organização do léxico baseada em *frames*, em que o *frame* provê a base conceptual para a frase relacionada a uma palavra e para palavras semanticamente relacionadas.

A partir da noção de *frame*, mais dois outros conceitos tornam-se essenciais para se entender a construção do significado. São eles a noção de perspectiva e prototipia. A perspectiva foi desenvolvida por Fillmore (1977) em seu trabalho sobre a cena de transação comercial. Nessa cena estão envolvidos dois indivíduos diferentes que atuam agentivamente: um dos indivíduos – o comprador – entrega o dinheiro para levar a mercadoria; o outro – o vendedor – recebe o dinheiro e entrega a mercadoria. Desse modo, uma descrição completa deste evento deveria identificar o comprador, o vendedor, o dinheiro e a mercadoria. Para Fillmore, a escolha verbal irá determinar a perspectiva estabelecida sobre tal cena. Por exemplo, *vender* põe em perspectiva o vendedor e a mercadoria (*Camila vendeu o vestido*), enquanto em *comprar* a mercadoria é colocada em perspectiva com o comprador (*Gláucia comprou um carro novo.*), já em *custar*, a mercadoria é perspectivada com o dinheiro (*O anel custou R\$50.*) e *gastar* põe em perspectiva o comprador e o dinheiro (*Maria gastou cinco mil.*).

Os exemplos arrolados acima são, pois, instâncias perspectivadas do evento de transação comercial. Contudo, estabelecer uma ou outra perspectiva não significa eliminar da cena conceptual os outros participantes. Fillmore (1977) afirma e institui como uma das bases da Semântica de *Frames* que todas as vezes que um falante utiliza qualquer um dos verbos relacionados ao evento comercial, por exemplo, toda a cena é ativada, mas será imposta a ela uma perspectiva particular, focalizando um ou outro participante.

Outra noção importante é a de protótipo. Fillmore (1982) destaca a influência dos trabalhos de Rosch (1973) em sua concepção do significado. Desse modo o autor assume que uma grande fatia da cultura que nos cerca estabelece uma relação prototípica no processo de definição e entendimento do significado de uma palavra, incluindo as práticas e instituições culturais. A partir do conceito de *breakfast* (café da manhã), a linguista sinaliza que uma palavra é, na verdade, a lexicalização de diversos conceitos. Assim, o conceito de *breakfast*, na cultura norte-americana, envolve, além da ideia de uma refeição que ocorre em um determinado horário do dia – manhã, a noção de que ocorre depois de uma noite de sono, tendo ainda um menu específico– ovos,

torradas, cereal, café, etc. O exemplo dado pelo autor evidencia, portanto, a presença de diversas noções para a construções do significado. Esse conhecimento é estruturado em forma de *frame* que permite aos falantes de uma língua entenderem e usarem essa palavra. Dessa forma, o *frame* estruturado em termos de protótipos servirá de base para a interpretação de expressões.

Contudo, o sentido pode ser estendido a cenas menos prototípicas, como nos exemplos⁶ tomados a partir do conceito de *breakfast* ou mesmo de “café da manhã” em nossa cultura brasileira:

12) Ed comeu peixe e batata de café da manhã.

13) Sam acordou naquela tarde para seu café da manhã cotidiano de ovos e torradas.

14) Café da manhã servido o dia inteiro.

Contudo, até mesmo na construção do significado dessas sentenças “inusitadas” a noção do protótipo está presente. É a partir do conhecimento do protótipo de café da manhã, da consciência que os usuários da língua têm dele, que é possível compreender enunciados como os exemplificados acima que, por algum aspecto (horário ou menu do café da manhã), se afastam do centro prototípico.

Além da noção de *frame*, outro conceito básico da Semântica de *Frames* é o de Unidade Lexical (UL), definido como o emparelhamento entre um *frame* e uma expressão linguística monolexêmica (*em*) ou polilexêmica (*em frente de*). Assim, para a Semântica de *Frames*, a completa descrição do significado lexical requer a descrição das condições combinatórias da UL, tanto em termos sintáticos quanto em termos semânticos, ou seja, de seus padrões de valências.

A noção de Elementos de *Frame* (EF) também é fundamental dentro da abordagem da Semântica de *Frames*, pois são eles que particularizam e podem ser inferidos pelo *frame*, mesmo que não estejam explicitamente lexicalizados. Os EFs designam os participantes e os adereços envolvidos na cena. Na versão mais recente da teoria, os EFs são concebidos como Funções Microtemáticas, postuladas em relação ao *frame* a que se referem. Evitam-se, desse modo, equívocos como as designações de papéis temáticos bastante imprecisos (como o papel temático Tema, por exemplo).

⁶ Sentenças retiradas da apresentação realizada pela Professora Miriam Petruk na Escola de Altos Estudos em Semântica de *Frames* e suas Aplicações Tecnológicas – UFJF – Junho/2012.

Assim, os EFs são definidos a partir da cena em que se inserem. Em *João contratou Maria para o cargo de professora* temos uma cena de contratação em que João é o EF Contratante; Maria, o EF Contratada e para o cargo de professora, o EF Tarefa. Todos os papéis marcados no exemplo são estabelecidos a partir e dentro da cena.

Por fim, cabe considerar a contribuição substantiva que a abordagem de domínios conceptuais complexos imposta pela Semântica de *Frames* vem trazendo para o campo da lexicografia ao organizar itens lexicais como estruturas de conhecimento em rede (rede de *frames*). O empreendimento do projeto lexicográfico da *FrameNet* é um exemplo disto. A natureza deste projeto e sua contribuição para os estudos da significação passam a tema de nossa próxima subseção.

2.4.2. O empreendimento da *FrameNet*

A *FrameNet*, um projeto lexicográfico computacional, constituiu-se, fundamentalmente, como fruto dos estudos acerca da Semântica de *Frames*. Coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, tem como objetivos principais:

- i. Descrever a valência sintática da UL-alvo;
- ii. Capturar os requisitos gramaticais que prevalecem para as UL-alvos, inclusive os constituintes fora da localidade sintática, constituintes relativizados ou extrapostos;
- iii. Anotar sintaticamente os EFs Nucleares, Periféricos e Extra-Temáticos.

Diferentemente dos dicionários tradicionais, que simplesmente definem, sucintamente, os lexemas, e de outras abordagens do léxico, como a WordNet e os chamado *thesauri*, que se preocupam com as relações lexicais como sinonímia, antonímia, hiperonímia, acarretamento e etc., a *FrameNet*, em particular, busca, segundo Fillmore (2008) construir um léxico “(i) que seja baseado em evidências extraídas de *corpus*; (ii) com unidades lexicais que estejam associadas ao *frame* que evocam e (iii) que documente as propriedades combinatórias de cada uma destas unidades lexicais através de sua anotação”

O projeto *FrameNet* vem desenvolvendo na internet uma plataforma onde é possível pesquisar-se o acervo de *frames*, Unidades Lexicais descritos e também as

relações estabelecidas entre os *frames* que constituem uma rede conceptual interrelacionada⁷. O *frame* de Contratação/ *Hiring* ilustra o modo como os *frames* aparecem descritos neste projeto:

Hiring

Definition:

An **Employer** hires an **Employee**, promising the **Employee** a certain **Compensation** in exchange for the performance of a job. The job may be described either in terms of a **Task** or a **Position**. In some cases, the **Employee** FE will also indicate the **Position** (see fourth example below).

John was **HIRED** to clean up the file system.

IBM **HIRED** Gates as chief janitor.

I was **RETAINED** at \$500 an hour.

The A's **SIGNED** a new third baseman for \$30M.

The same sentence (above) should also have the FE **Position** on the second layer:

The A's **SIGNED** a new third baseman for \$30M.

FEs:

Core:

Employee [Empee]

The person whom the **Employer** takes on as an **Employee**, obligating them to perform some **Task** in order to receive **Compensation**.

I was just **HIRED** yesterday!

Employer [Emper]

Semantic Type: Sentient

The person (or institution) that takes on an **Employee**, giving them **Compensation** in return for the performance of an assigned **Task**.

Last month, IBM **HIRED** Mike Zisman to head up its storage software group.

Field [Field]

The **Field** that the **Employee** is going to work in for their **Employer**.

Position [Posit]

The label given to a particular *type* of employment.

Look, I wasn't **HIRED** as your waitress!

Task [Task]

The action that the **Employee** is taken on by the **Employer** to do.

I was **HIRED** just to empty the trash cans.

⁷ A plataforma vem –se desenvolvendo a partir da matriz, em Inglês (<http://FrameNet.icsi.berkeley.edu/>), e hoje contempla outras línguas, como o espanhol, japonês, alemão e também o português. A plataforma em Português, nomeada *FrameNet Brasil*, vem se desenvolvendo na Universidade Federal de Juiz de Fora (<http://www.ufjf.br/FrameNetbr/>) e a ela se vincula o presente estudo em sua linha “*Frames e Construções*”. A plataforma em Inglês disponibiliza, como identificado em sua página inicial, até o momento, mais de 11.600 Unidades Lexicais, das quais quase 7.000 já estão completamente anotadas, em mais de 960 *frames*, exemplificados em mais de 150.000 sentenças anotadas.

Non-Core:

Compensation [Compense]

The **Compensation** is the payment that the **Employee** is set to receive for performing an assigned **Task**.
They fired our management, **HIRED** him **for 20% more** and gave him a free office to set up his own company.

Contract_basis [cb]

The **Contract_basis** is the condition of employment with respect to permanency, hours per time period or payment arrangements.
She couldn't figure it out but suggested that I'd be good for the job, so they **HIRED** me **part time** at first.

Instrument [Ins]

Semantic Type: Physical_entity

An entity that the **Employer** uses to hire the **Employee**.
The congressman **HIRED** him **with personal funds** as an aide

Manner [Mnr]

Semantic Type: Manner

This FE identifies the **Manner** in which an **Employer** hires an **Employee**.
The three young men were given medals and **hastily** **COMMISSIONED**

Means [Mns]

Semantic Type: State_of_affairs

An action by the **Employer** whereby the hire is brought about.
The manager **HIRED** me **with a handshake**.

Period_of_iterations [per]

The length of time from when the hiring event began to be repeated to when it stopped.

Place [Place]

Semantic Type: Locative_relation

This FE identifies the place where the **Employer** hires the **Employee**.
Actually, he **HIRED** me **in a bordello**.

Purpose [Purp]

Semantic Type: State_of_affairs

This FE identifies the **Purpose** for which an **Employer** hires the **Employee**.
John **HIRED** her **to make his wife jealous**.

Time [Time]

Semantic Type: Time

This FE identifies the **Time** when an **Employer** hires the **Employee**.
Guess who just got **HIRED** **today!**

FE Core set(s):

{Field, Position, Task}

Frame-frame Relations:

Inherits from: [Intentionally affect](#)

Is Inherited by:

Perspective on: [Employment start](#)

Is Perspectivized in:

Uses:

Is Used by:

Subframe of: [Employer's scenario](#)

Has Subframe(s):

Precedes: [Employing](#)

Is Preceded by:
Is Inchoative of:
Is Causative of:
See also:

Lexical Units:

commission.n, commission.v, contract.v, give job.v, hire.n, hire.v, retain.v, sign on.v, sign up.v, sign.v, subcontract.v, take on.v

Created by 664 on 05/13/2002 02:44:47 PDT Mon

Em primeiro lugar, temos acesso a uma pequena definição do *frame* o que nos permite ter uma noção geral da cena que ele descreve, que envolve o processo empregatício, seguida por uma definição de seus Elementos de *Frames* (EF). A *FrameNet* divide os EFs em dois grandes grupos: os Nucleares e os Não nucleares.

Os EFs Nucleares são aqueles considerados imprescindíveis para a conceptualização do *frame*, uma vez que são responsáveis por particularizá-lo e podem ser inferidos pelo *frame*, mesmo que não estejam explicitamente lexicalizados, como no *frame* acima os casos de **Employee [Empee]/ Empregado**, **Employer [Emper]/ Empregador**, **Field [Field]/Campo**, **Position [Posit]/Posição** e **Task [Task]/Tarefa**.

Já os EFs Não nucleares são aqueles que atribuem características adicionais ao evento principal. Esse tipo de EF pode acrescentar características genéricas – geralmente, informações adicionais de modo, lugar, finalidade ou tempo – sendo denominados EFs Periféricos **Compensation [Compense]/Compensação**; **Place [Place] / Lugar**; **Contract_basis[cb]/ Base contratual**; **Instrument[Ins] /Instrumento** ou, então, pode ter a propriedade de se combinar com muitos *frames*, constituindo um acervo (não exaustivo) de possíveis relações semânticas, ou ainda, incluir outro *frame* em seu escopo, sendo, assim denominados de EF Extra-temático.

Unidades Lexicais (ULs) como *commission.n, commission.v, contract.v, give job.v, hire.n, hire.v*, servem à evocação deste *frame* Hire/Contratação. Em Português, *empregar, desemprego, contrato, comissão, salário* seriam exemplos de ULs para tal *frame*.

Além das informações elencadas acerca dos EFs, outra formalização disponibilizada pela *FrameNet* é a relação do *frame* pesquisado com os demais *frames* descritos na plataforma. As relações entre *frames* situam, no espaço semântico, os *frames* e por consequência os EFs e ULs a eles associados. Segundo Ruppenhofer et al. (2010) há dois grandes benefícios advindos do estabelecimento dessas relações. Em primeiro lugar, essa abordagem, segundo o autor, melhora a compreensão dos *frames*,

de modo que um sentido de um *frame* mais complexo pode ser clareado a partir de sua relação com um *frame* de entendimento mais simples. Em segundo, dá maior robustez aos dados, uma vez que permite a constatação da associação entre *frames* similares.

As relações usadas na *FrameNet*, a título de curiosidade (uma vez que não contribuem para a análise aqui apresentada), são: Herança, Ponto de Vista, Subframe, Precedente, Incoativo_de, Causativo_de, Uso e Ver_ também.

2.4.2.1 A *FrameNet* e seu *Constructicon*: Integração entre a Gramática das Construções e a Semântica de Frames

Até pouco tempo, a *FrameNet* era um projeto fundamentalmente lexicográfico, em que uma das preocupações era a de descrever as propriedades combinatórias das palavras. Foi desenvolvido, então, um vasto número de descrições lexicais que ligam uma unidade lexical a um dado *frame*. Essas descrições apresentam informações a respeito da valência de uma determinada UL, fornecendo-nos exemplos claros de suas possibilidades combinatórias.

Contudo, a FN começou a se deparar com certos padrões formais complexos que, assim como palavras simples, são responsáveis pela evocação de um sentido único, que não corresponde ao “somatório” do sentido daqueles elementos que o formam. Em alguns casos, uma análise puramente lexicográfica não dá conta da compreensão completa do significado da sentença. Dessa forma, a FN despertou para a necessidade de elaborar novas abordagens de modo a contemplar a análise de construções gramaticais. Assim, Fillmore e seus colaboradores (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003) passaram a integrar a Semântica de *Frames* e a Gramática das Construções em seu projeto *Constructicon*, buscando ampliar a abrangência da FN na descrição de todos os sentidos da língua, sejam eles veiculados por unidades lexicais ou construcionais.

De fato, as instâncias da nossa construção (*desempregadíssimo, formadíssimo...*) são, por certo, exemplos claros da insuficiência de um trato puramente lexicográfico para a *FrameNet*. Assim, se, frente a suas bases adjetivas (*desempregado, formado*), os exemplares em questão (*desempregadíssimo, formadíssimo...*) recebessem um trato meramente lexical, correriam o risco de serem colocadas no mesmo *frame* de Contratação, sem qualquer consideração das nuances de sentidos distintos que envolvem. Esta relação, contudo, é mais complicada do que simplesmente postular

frames diferentes para as duas construções já que se distinguem semanticamente. Não há como negar também uma relação entre os *frames* dessas palavras, contudo a relação entre *frames* postulada pela *FrameNet*, desenvolvida até aqui, não dá conta de explicar esse tipo de relação.

Tendo em vista a relevância do *Constructicon* na presente tese, como acima ilustrado, passa a ser abordado, a seguir, um dos processos de formalização utilizado neste projeto, qual seja a notação “em prosa”. No *Constructicon*, as formalizações, desenhadas a partir da perspectiva da SBCG (*Sign Based Construction Grammar*), descrevem combinações de signos e podem ser formalmente postuladas tanto em termos de uma Matriz de Atributos e Valores (cf. seção 2.5.2, em que, fora do projeto *Constructicon*, apresentamos uma formalização de uma Matriz, proposta por Rhodes (1992) para recobrir o campo da Morfologia) quanto informalmente apresentadas, em prosa (Fillmore, Goldman, Rhodes, 2012).

Como anunciado, decidiu-se neste estudo pela incorporação das formalizações “em prosa” do *Constructicon* por oferecerem condições de uso dentro do campo da Morfologia, agregando informações semânticas mais valiosas a partir da assunção explícita da noção de frame. Agreguem-se a esta justificativa as críticas proferidas por Boas (2013) e discutidas à seção 2.4.2.1 acerca da precariedade, da falta de rigor das formalizações propostas pela GrCC, o que envolve desde as informações superficiais sobre os *frames* envolvidos nas microconstruções lexicais até os obstáculos em relação replicabilidade das formalizações propostas para abarcar, de modo, exclusivo, as CEAs (Goldberg, 1999,2006).

Passamos, então, a especificar os principais pontos da formalização eleita⁸.

O *Constructicon*, um projeto que vem sendo desenvolvido por Fillmore e colaboradores (Fillmore, Lee-Goldman e Rhodes, 2012), tem como base a Gramática das Construções e apoia-se em evidências empíricas retiradas de *corpus*. É, basicamente, um recurso sintático eletrônico para o inglês, análogo ao recurso lexical já desenvolvido pela *FrameNet*. Tal projeto visa documentar toda gama de possibilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas do Inglês através de uma anotação computadorizada de exemplos de sentenças, com vista a desenvolver recursos valiosos

⁸Cabe pontuar, contudo, que os moldes notacionais propostos para o *Constructicon* serão aqui adaptados uma vez que não nos valeremos de ferramentas digitais próprias para notações.

para auxiliar pesquisas linguísticas, ensino/aprendizagem do Inglês como língua estrangeira, tradução, pesquisas na área de inteligência artificial, etc.

O *Constructicon* lida com formações complexas, i.e., formações maiores do que a palavra. Assim, Fillmore, Lee-Goldman e Rhodes (2012) propõem que são necessárias duas segmentações para a anotação de construções. A primeira é a delimitação da construção e a segunda requer a identificação de seus elementos constituintes. As construções complexas são formadas de subpartes chamadas de Elementos da Construção (EC). Temos também, em alguns casos específicos, elementos responsáveis pela emergência de uma determinada construção, nomeados como Elementos Evocadores de *Frames* (EEF).

As formalizações em prosa seguem os seguintes parâmetros: as chaves – { } – delimitam a construção e os colchetes – [] – marcam os Elementos da Construção (EC). A representação abaixo formaliza uma construção mãe (M) formada por dois signos filhos (F1 e F2):

$$\{^M[^{F1} \text{ sign}_1] [^{F2} \text{ sign}_2] \}$$

Buscando uma representação adequada e coerente das construções, o *Constructicon* fornece para elas (Fillmore, Lee-Goldman e Rhodes, 2012:16-17):

- (i) um nome mnemônico;
- (ii) uma fórmula esquemática (como demonstrada acima) especificando os constituintes mãe e filha;
- (iii) uma descrição informal acerca das propriedades dos constituintes mãe e filha;
- (iv) uma interpretação de como interagem as propriedades das filhas de modo a produzir as características sintáticas semânticas e pragmáticas específicas e, finalmente,
- (v) exemplos de sentenças e/ou sintagmas que instanciem tal construção.

Tomemos, como exemplo, a formalização proposta para as Construções Modificadoras de Grau (FILLMORE, LEE-GOLDMAN E RHODES, 2012, p. 26) que interessam mais de perto o presente estudo, dada a natureza superlativa de nossa construção mórfica.

$$15) \left\{ \text{Modificação de grau} \left[\text{Modificador de grau} \text{signo}_1 \right]_{F1} \left[\text{Adjetivo} \text{signo}_2 \right]_{F2} \right\}_M$$

Nome	<i>Modificação de Grau</i>
M	Sintagma Adjetivo que combina as valências de F1 e F2.
F1	Modificador de grau com sua própria valência (<i>tão, mais... que, muito, demais</i>).
F2	Adjetivo que pode ter sua própria valência, sem modificação de grau.
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência que é especificado pelo Modificador de Grau particular.

Quadro 3: Constructo da Construção de Modificação de Grau

No constructo apresentado, a Construção-Mãe é um Sintagma Adjetivo integrado por dois signos-Filha (F1 e F2): o Modificador de Grau (Elemento Evocador da Construção *-mais... que, tão... como/muito, demais...*) com sua valência (F1) e um Adjetivo sem modificação de grau que pode possuir seu complemento ou valência própria (F2). A função de F1 é modificar o grau da propriedade graduável expressa por F2.

Postos em uma “caixa de notação”, a maneira mais visível e organizada de representação da GrC, este conjunto de informações desenha o que se nomeia como **Constructo/construct**. O Constructo consegue, de modo bastante eficiente (resguardados os limites de uma anotação em prosa (cf. seção 2.3.1)) e replicável (em diferentes níveis) oferecer uma descrição das construções que, por via de tratamento meramente lexicográfico, representavam um problema notacional para a *FrameNet*.

No caso deste estudo, interessa-nos, como vimos reiterando, a potencial replicabilidade para o campo da Morfologia da notação usada para um Constructo. É o que nossas análises buscarão recobrir, buscando, de igual modo equacionar o conjunto de contribuições sociocognitivistas e construcionistas articuladas neste capítulo. Trata-se de uma tarefa complexa e desafiadora dado o fato de os principais constructos teóricos – GrC e a Semântica de *frames* com seus projetos lexicográficos – de que dispomos para escopo deste estudo passarem à margem da Morfologia. Tal distância deixa fora da rica discussão oferecida por tais modelos importantes questões referentes a informações semânticas contidas no interior da palavra.

Passemos, pois, à próxima seção onde começamos a tecer as possíveis relações entre o campo da Morfologia e a GrC através dos poucos estudos encontrados sobre tal tema.

2.5. Morfologia e Gramática Das Construções

Como anunciado à Introdução, este estudo tem em mira a articulação teórica entre o campo da Morfologia – e mais especificamente da Morfologia Derivacional – e os fundamentos da Teoria da Gramática das Construções. Partindo da premissa construcionista que afirma a relação de continuidade essencial entre Léxico e Gramática (cf. seção 2.2.3), consideramos que esta e outras teses centrais da GrC, assim como seu arcabouço de ferramentas analíticas, são largamente extensíveis ao campo morfológico. Contudo, cabe considerar em que medida as **especificidades internas** de cada nível podem ser resolvidas dentro de uma proposta analítica com tal viés.

Nessa direção, o primeiro ponto a ser tomado como objeto de nossa argumentação é o estatuto teórico dos formantes mórficos – morfemas, bases livres ou presas – em relação ao conceito de Construções.

Os modelos de GrC, via de regra, consideram o morfema como uma construção (cf seção 2.2.3). Contudo, dentro do campo da Morfologia, tal posição tem sido objeto de polêmica, em especial, dentro de uma tradição de estudos de viés lexicalista que não considera os morfemas itens construcionais uma vez que não são pares **independentes** de forma e sentido (BOOIJ, 2010; CROFT, 2004). Esta é, pois, uma discussão a ser construída neste estudo de forma a subscrevermos uma definição.

Como é sabido, embora a GrC assumira um conceito de construção que abarca unidades de todos os tamanhos (do morfema a enunciados mais complexos), é a partir de construções sintáticas que se desenvolvem suas principais categorias e ferramentas analíticas (cf. Introdução). Assim, em termos de especificidades internas do campo morfológico, quatro questões nos parecem merecedoras de atenção em confronto com o trato que se dá às construções sintáticas:

- i. O estatuto das unidades mórficas em confronto com o conceito de construção;
- ii. Os modelos de formalização mais adequados ao campo morfológico;
- iii. A relação entre *frames* e construções mórficas;
- iv. As relações de Herança entre construções mórficas.

Então, a partir desta ampla agenda teórica, passamos a delinear tais pontos da seguindo o seguinte percurso: na subseção 2.5.1, consideramos diferentes abordagens

acerca do estatuto das unidades mórficas (ARONOFF, 1976; RHODES, 1992), para, em seguida, tomar tais unidades em confronto com a definição de construção (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010). Na subseção 2.5.2, promovemos a articulação entre o campo da Morfologia e a GrC e apresentamos um caminho de formalização de construções mórficas a partir do uso dos modelos de SBCG postos para sintaxe e da proposta de transposição efetiva deste modelo para o campo da Morfologia (Rhodes, 1992). A seção 2.5.3 reúne, de modo sucinto, nossas preocupações com a aplicação da noção de Herança – um dos sustentáculos da GrC – no campo da Morfologia. A relação entre *frames* e construções mórficas, já considerada dentro dos aportes da *FrameNet* e do *Constructicon*, é objeto da seção 2.5.4 do capítulo sobre GrC.

2.5.1. O estatuto do morfema

Mais comumente o *morfema* é definido como a menor unidade significativa, ou seja, a menor partícula dotada de significado de uma língua. Confrontando-se com essa noção de morfema como o signo mínimo, em *Word Formation in a Generative Grammar*, Aronoff (1976) vai argumentar contra a adoção dessa categoria para as análises morfológicas, adotando uma abordagem fortemente lexicalista.

O autor rejeita o morfema como um mapeamento entre forma e sentido devido a vários problemas em se atribuir um sentido para uma forma, como os casos de ocorrência única deste formante, de uso idiomático de um determinado morfema ou mesmo de constatação da existência de morfemas sem sentido. Fundamentalmente, a base semântica da argumentação de Aronoff (1976) traz os dilemas e limitações de uma perspectiva estritamente composicional veiculada por Semântica de valores de verdade.

Rhodes (1992), ancorado em uma perspectiva fraca da composicionalidade, nos termos postos por uma Semântica Cognitiva, vai contestar os casos de morfemas sem sentido aventados por Aronoff (1976:12), valendo-se dos próprios exemplos apresentadas pelo linguista:

- 16) a. X+fer- *refer, defer, ..., prefer*
- b. X+mit - *remit, demit, commit, ...*
- c. X+sume- *resume, ..., consume, presume*
- d. X+ceive - *receive, deceive, conceive, ...*
- e. X+duce - *reduce, deduce, induce*

Para Aronoff, a análise da formação das palavras dos exemplos de (16) acima, dentro de uma abordagem baseada no morfema, deveria reconhecer os núcleos *-fer*, *-mit*, *-sume*, *-ceive* e *-duce* e os sufixos *re-*, *de-*, *pré-*, *co-* e *in-*. Contudo, o autor argumenta que não é possível se estabelecer um sentido comum aos núcleos ou aos prefixos, de modo que essas unidades não podem ser tomadas como signos linguísticos mínimos. Aronoff propõe uma abordagem baseada, não no morfema, mas na palavra, sendo ela, de fato, o signo mínimo. Assim, apenas as palavras são legitimadas como objetos morfológicos.

Rhodes (1992), entretanto, vai pontuar duas falhas na argumentação de Aronoff. A primeira tem como base estudos diacrônicos que, ancorados em pressupostos sociocognitivistas da Semântica, foram capazes de identificar um sentido para as bases e os prefixos latinos em (16). Sweetser (1987), com argumentos históricos, demonstrou que *-fer*, por exemplo, quer dizer “suportar, realizar”; *-mit*, “enviar”; *-ceive*, “tomar” e assim por diante. Em seguida, o autor, com argumentos sincrônicos, destaca que, independente da semântica, há, nessas palavras, um grupo consistente de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, que estão implícitas na organização do paradigma representado nos exemplos de (16).

Assim, contestando tal visão lexicalista baseada em palavras e assumindo a perspectiva de uma Morfologia baseada em morfemas, o autor propõe uma concepção de tal unidade (Entidade E – independente do nome que se dê a ela) a partir de quatro propriedades coocorrentes (RHODES, 1992, p. 411), como apresentado no quadro seguir:

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">i. Parte fonológica: material fonológico;ii. Parte semântica: material semântico e/ou pragmático;iii. Sintaxe interna: considerações de como a entidade se encaixa na construção da palavra;iv. Sintaxe externa: consideração de como a presença da entidade afeta a classe de construções em que se encaixa a palavra formada por ela. |
|--|

Quadro 4: Propriedade do morfema (RHODES, 1992)

Tem-se, então, um esquema das propriedades que devem ser tratadas como constituintes de uma mesma entidade. Nesse sentido, nos casos mais prototípicos,

teremos a Entidade E – para Rhodes, o nome é morfema – como uma (i) sequência fônica que se associa de modo relativamente estável a (ii) um significado ou conjuntos de significados e determinações de usos; (iii) um conjunto de propriedades morfológicas e (iv) um conjunto de propriedades sintáticas.

Interessante na perspectiva de Rhodes (1992: 413) é o reconhecimento do conceito de morfema de modo complexo, prototípico. Nesse sentido, os morfemas tipologicamente prototípicos irão reunir todos os valores acima enunciados, mas haverá morfemas menos prototípicos, caracterizados pela ausência de algum valor. Assim, admite-se a existência de morfemas sem contraparte semântica (como as vogais temáticas); fonológica (como o morfema zero – não marcado) e sintática, tanto internamente (como nas palavras das chamadas línguas analíticas (*isolating languages*)), como externamente (como as interjeições). Na perspectiva do autor, morfemas são, portanto, um tipo de construção.

Ao comparar uma análise tradicional com a proposta por Rhodes (1992), podemos perceber a grande diferença que há entre elas.

O exemplo (17) abaixo, retirado de Rhodes (1992:411), representa uma análise tradicional da palavra *lighten* (aliviar), em que se consideram dois mapeamentos: a parte fonológica e a parte semântica.

17)	light	-en
Parte fonológica:	<i>layt</i>	<i>-en</i>
Parte semântica:	“leveza (de peso)”“(causativo-)incoativo”	

Quadro 5: Mapeamento tradicional dos traços para *lighten*

Na perspectiva sustentada por Rhodes, a análise acima estaria pela metade, pois, além da contraparte semântica e fonológica, a palavra *lighten* ainda apresenta uma sintaxe interna e outra externa como em (18):

18)	light	-en
Parte fonológica:	<i>layt</i>	<i>-en</i>
Parte semântica:	“leveza (de peso)”“(causativo-)incoativo”	
Sintaxe interna:	núcleo adjetivo	sufixo de núcleo adjetivo
Sintaxe externa:	adjetivo, <i>frame</i> : paciente	verbo, <i>frame</i> : agente

Quadro 6: Mapeamento por Rhodes (1992) dos traços para *lighten*

Para Rhodes (1992: 411), uma perspectiva que considere as condições sintáticas internas da palavra é capaz de captar sua complexidade melhor que uma abordagem baseada em regras de formações de palavras (como a de Aronoff, 1976, por exemplo) ou em regras morfolexicais (como em Anderson, 1992). Assim, Rhodes propõe uma perspectiva que lida com morfemas, considerando tanto os aspectos internos à palavra, quanto às classes morfológicas, as condições fonológicas e também as informações semânticas e pragmáticas.

Dentro dessa perspectiva, então, a Gramática das Construções vai proporcionar condições para se tratar a complexidade do item morfológico, sem cair em postulações teóricas extremas como a visão da Morfologia como um tipo de sintaxe ou da Morfologia apenas como regra.

2.5.2. Gramática das Construções e Morfologia: uma articulação possível e necessária

Como amplamente sustentado em nossa seção anterior (cf. seção 2.2.3), a Gramática das Construções postula um *continuum* essencial entre Gramática e Léxico. Em termos gerais, isso significa que o tratamento construcional se estende a todas as unidades da língua, sejam elas sintáticas, lexicais, mórficas, ou mesmo discursivas. Contudo, a tradição construcionista, como discutido nas seções anteriores, vem focalizando, de modo privilegiado, o nível sintático. Assim, o tratamento de construções morfológicas é um tópico que ainda encontra espaço estreito na agenda de pesquisadores construcionistas (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010 E FRIED, 2008, 2010).

Rhodes (1992, p. 415) faz uma importante articulação em favor da abordagem construcionista para a Morfologia. O autor, pertinentemente, destaca que a GrC foi uma teoria criada para lidar tanto com os casos gerais e regulares da língua, quanto com os casos de desvio de regularidade, relacionando desvios e regularidades através do estabelecimento de heranças. É, então, o tratamento dos “casos especiais” o grande diferencial da Gramática das Construções que permite, de maneira tão harmônica, o tratamento das irregularidades tão presentes e reconhecidas na Morfologia.

A concepção de morfema apresentada pelo linguista (cf. subseção anterior) permite uma articulação consistente com a teoria da Gramática das Construções (RHODES, 1992, p. 414). Considerando o pressuposto de que construções podem ser formadas a partir de outras construções menores que irão influenciar as propriedades e ter suas propriedades influenciadas pela construção maior, uma palavra pode ser considerada uma construção lexical e seus morfemas, entidades constituintes, como outros tipos de construções.

Na mesma direção, tratando da Morfologia construcional, Booij (2010) reafirma a importância do papel da construção na teoria morfológica. Contudo, a abordagem desse autor é baseada na palavra e não no morfema. Nesse sentido Booij (2010), diferentemente de Rhodes (1992), não considera o morfema como uma construção, mas como um esquema que faz parte da construção lexical.

Essa diferença de perspectiva não tem grandes influências na análise do item lexical em si, mas levanta uma questão acerca da concepção de “construção”. O que, fundamentalmente, está em jogo na distinção dessas duas concepções é se formas presas podem ou não ser consideradas construções. Para Booij (2010, p. 15), tal como Croft (2007), apenas formas livres são construções, não considerando, dessa forma, morfemas como signos linguísticos. Por outro lado, Rhodes (1992), em sintonia com Goldberg (2006, p. 5), considera os morfemas como construções, uma vez que envolvem o pareamento de forma e sentido. Nesse sentido, a presente tese se alinha à concepção de Rhodes (1992) e Goldberg (2006), elegendo o morfema como uma construção importante para a Morfologia e apostando em uma perspectiva mais ampla e abrangente dos fenômenos morfológicos.

Contribui ainda na direção dessa perspectiva integrada, o conceito de Léxico desenvolvido por Jackendoff (2002). Em sua Hipótese da Arquitetura Paralela, o autor, partindo de um conceito que considera o léxico como o lugar do conhecimento – e não das idiosincrasias – promove a distinção entre o conceito de palavra (padrão fônico,

dicionarizável que possui um padrão gramatical, como N, V, A, P, C, F, etc.) e de item lexical (unidade armazenada na memória de longo-termo que pode ser menor ou maior que uma palavra). Tal definição de itens lexicais, implicando unidades maiores e menores que as palavras (incluindo os morfemas, portanto), reforça a hipótese da comensurabilidade entre construções lexicais, mórnicas e gramaticais. Assim, nos termos de Miranda (2009, p. 17-18),

(...) construções de “tamanhos” distintos são arroladas como itens lexicais, como, afixos (*x-ista*); expressões idiomáticas (*Tô frito!*); fórmulas interacionais (*Quem fala?, De nada*), gêneros textuais (*carta, piada*), dentre outras. Posto em dimensões bem claras, neste domínio do léxico “tamanho não é documento”! Regulado por regras e princípios que apresentariam naturezas específicas, o léxico é visto como uma rede de padrões construcionais, armazenada na memória e apresentando graus diferentes de complexidade e de especificação (itens lexicais abstratos⁹, semiespecificados, inteiramente especificados). Essa concepção flexível do léxico traz, a nosso ver, uma contribuição de alto relevo às teorias construcionistas, emprestando-lhes mais argumentos à afirmação da linguagem (e das línguas) como uma rede de construções.

Neste cenário ainda restrito de contribuições, o tratamento de construções morfológicas proposto por Rhodes (1992) representa um avanço analítico mais direto que passamos a sumarizar. De fato, uma das facetas exploradas em seu estudo em prol de uma agenda construcionista para a Morfologia é, nos termos do autor, “how to do it” (RHODES, 1992, p. 416). Esta é, pois, uma contribuição de relevo ao nosso estudo, uma vez que, para além das possibilidades teóricas de convergência entre o tratamento oferecido pela GRC à sintaxe e o tratamento que buscamos para o campo morfológico, interessa-nos como promover, de modo efetivo, a análise de construções mórnicas em interface com os modelos de descrição (formais ou informais) oferecidos pela GrC em

⁹O autor postula a existência de padrões construcionais abstratos, puramente formais. Este é um ponto de **divergência** em relação aos pressupostos que estamos assumindo no presente estudo que, de modo irrestrito, afirma não haver entidades linguísticas, no léxico ou na gramática, que não sejam simbólicas; todas têm significado comunicativo porque derivam diretamente do USO linguístico (nota de Miranda, referente ao trecho supracitado).

seu modelo SBCG (cf. seção 2.4.2.1 sobre as formalizações oferecidas pelo *Constructicon*).

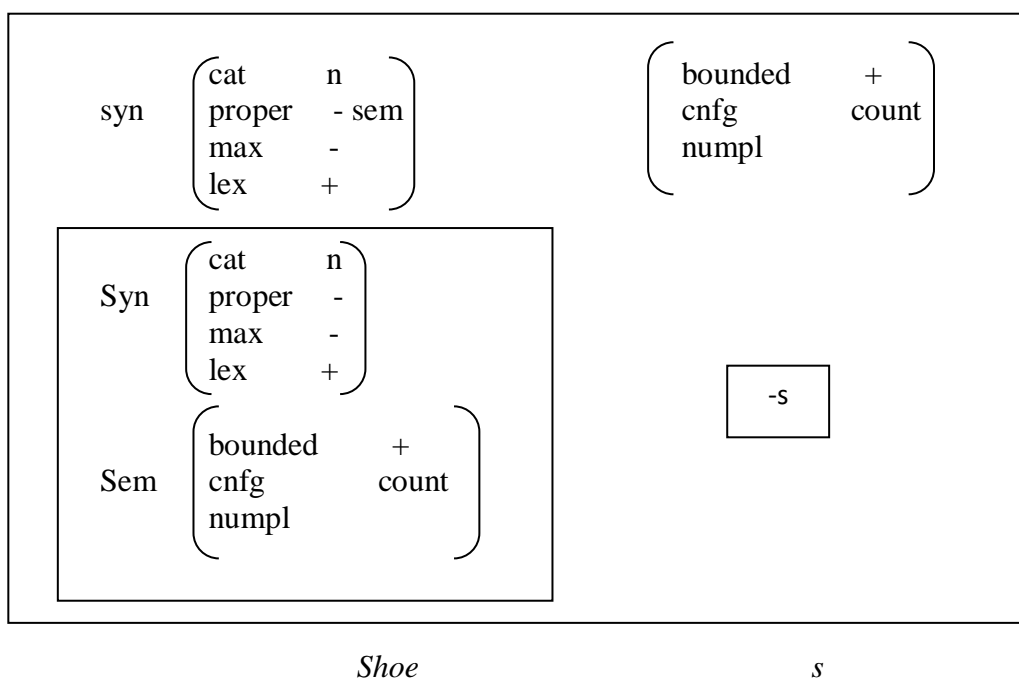
Por questões de clareza, traçamos, em breves linhas, uma definição da SBCG. Entendido como uma extensão formal do projeto construcionista de gramática, tal modelo vem buscando um aparato formal para a descrição de **todos** os signos (ou construções) de uma língua. Tal aparato se constitui de uma matriz de traços (estruturas atômicas) e valores (funções, com estrutura interna).

Sag (2010) apresenta o seguinte conjunto de traços para a descrição de um signo: FONOLOGIA, FORMA, ESTRUTURA ARGUMENTAL, SINTAXE, SEMÂNTICA e CONTEXTO. O traço FORMA é usado para especificar as propriedades mórficas de um signo. Neste caso, com foco na sintaxe, o valor das entidades mórficas pode ser vazio (Para este projeto é o traço em questão; cabe precisar tais entidades constituídas de formantes mórficos). A ESTRUTURA ARGUMENTAL especifica os possíveis argumentos sintático- semânticos de uma expressão lexical. ('comprar' <SN,SN,SP>). O traço SINTAXE distingue os signos, apresentando valores para os traços Categoria (subtipos: nomes, adjetivos, verbos...) e Valência (potencial combinatório de um signo).

Em relação ao significado, postula-se o traço SEMÂNTICA com os valores INDEX (seu valor é uma variável atribuída a uma entidade específica (um SN) ou uma situação (uma S) e *frame* (conjunto de elementos/predicações que integram o significado do signo). O traço CONTEXTO que traduz o uso do signo, não é, de fato, desenvolvido no modelo (No caso do presente estudo, pretendemos que este seja um traço em relevo na construção mórfica em foco)

Inicialmente, Rhodes (1992) recorda que Kay e Fillmore (1999) propuseram a palavra como uma construção. A partir de uma matriz de atributos de valores positivos e negativos (Modelo SBCG), Fillmore & Kay (1995) exemplificam ainda a construção morfológica do plural em inglês, reproduzida abaixo (FILLMORE & KAY, 1995, p. 3):

19)

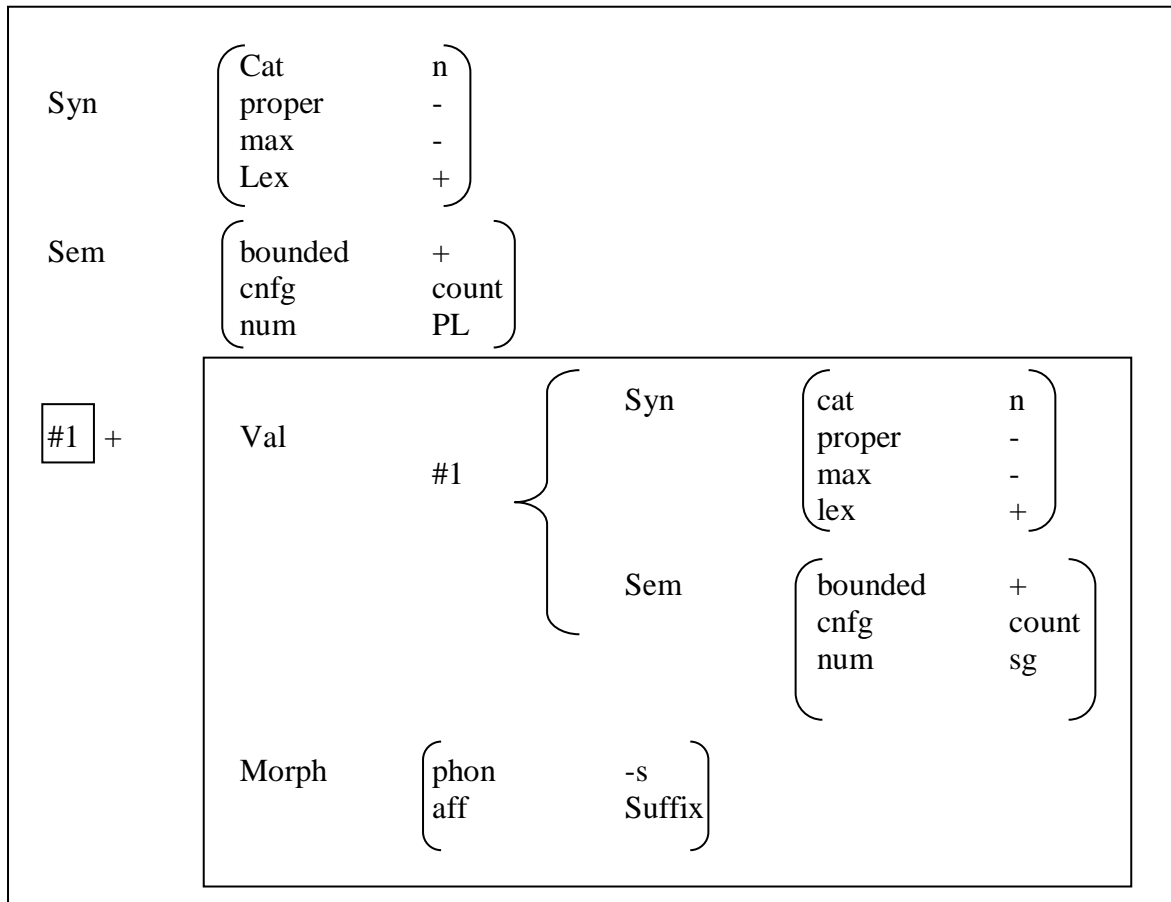


Quadro 7: Matriz da formalização da construção do plural em inglês

O exemplo de (19) demonstra as restrições sintáticas para a formação do plural em *shoes* (sapatos), através de uma lista de atributos – sintático, semântico (à esquerda), estruturados hierarquicamente com seus outros atributos e respectivos valores (à direita, entre colchetes). A caixa, à esquerda, que corresponde ao nome (cat n) apresenta a matriz de atributos e valores para a valência do plural em Inglês. A opção de se colocar em caixas tanto a valência do plural como a abstração fonológica do morfema –s (à direita) se deve ao fato de que o plural é adicionado à direita do nome.

Contudo, nem todas as concatenações morfológicas são tão simples assim. Rhodes (1992: 416) destaca que a maior desafio para a GrC na abordagem da Morfologia é como colocar os morfemas de uma palavras na ordem certa, através de uma abordagem não derivacional. Isso significa que a ordem dos afixos só pode ser atribuída por determinados atributos ou por determinadas construções que diretamente codificam a ordem dos morfemas. Nesse sentido, representar a maneira como os morfemas se ligam através de uma caixa, não é apropriado para os casos mais complexos. Assim, Rhodes (1992:416), a partir da questão da não concatenação, vai promover uma outra formalização, reproduzida em (20), especificando o conteúdo fonológico e o tipo de fronteira fonológica de um morfema separadamente do significado da concatenação:

20)



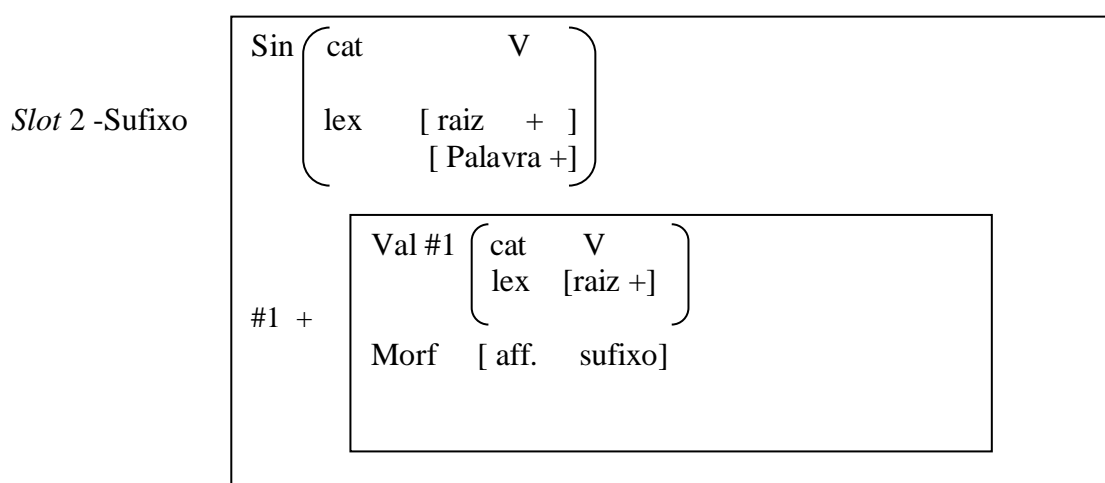
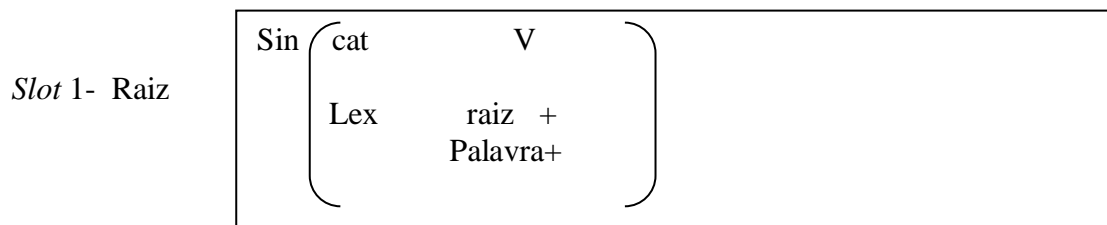
Quadro 8:Matriz alternativa para a formalização da construção do plural em inglês

Na matriz (20), há um espaço para a valência da construção, possibilitando a esquematização de concatenações morfológicas mais complexas, quando necessário. Assim, abrem-se *slots* que serão preenchidos e ordenados de acordo com as necessidades e as restrições impostas pela construção.

Indo além, o autor reconhece a existência de um mecanismo cognitivo que agrupa entidades linguísticas em unidades, a que ele nomeia *glommer* (aglomeração). Na GrC (modelo SBCG), a ação do *glommer* é expressa através dos valores de uma série de atributos. Assim, o autor propõe estender tal mecanismo ao nível da palavra (da sintaxe para o léxico), de modo a promover a sistematização de construções mórficas e dar conta de codificar a ordem morfológica. Nesta extensão, atributos como *raiz*, *base* e *palavra* serão usados na matriz de atributos e valores do léxico. Em uma versão simplificada de sua proposta, tomando o nome *constituição* em Português, teríamos um

slot 1 (raiz) e um slot 2 (sufixo) que, em nossa interpretação, poderiam ser formalizados nos termos seguintes:

- “constituição”



Quadro 9: Matriz de formalização para “constituição”

Apesar das análises desenvolvidas por Rhodes (1992) serem basicamente no campo da Morfologia Flexional, o exemplo do Português que apresentamos acima busca uma transposição desse modelo para a Morfologia Derivacional, antevendo a tarefa a ser enfrentada em nosso capítulo de análise.

2.5.3. Sobre a noção de herança no campo da Morfologia

Um dos capítulos mais importantes e complexos da GrC é a noção de herança (Cf. seção 2.2.2). Diferentes modelos propõem distintos elos de herança entre construções de modo a assinalar, de forma consensual, o mais importante - conhecimento linguístico é conhecimento e, como tal, não consiste em uma lista aleatória de unidades. Assim, para Goldberg (1995, 2006) os modos de categorização postos pela Ciência Cognitiva para outras ordens de conhecimento se aplica também ao

linguístico. Noções como categorias centrais, periféricas, prototípicas, radiais configuram, assim, o modelo de herança posto pela GrC Cognitiva.

Nesta direção, a herança permite que construções fortemente relacionadas sejam tratadas como tipos de um mesmo padrão construcional mais genérico. Cada uma destas construções, trazendo uma herança total ou parcial da construção matriz, nos permite lidar com instâncias e generalizações sem precisar recorrer a listas de casos especiais ou de exceções. Assim, tais elos estabelecem um contínuo entre centro e periferia, de modo a considerar, de modo radial, todas as construções de uma língua e não só as centrais ou ditas “regulares”.

No campo da Morfologia, uma questão que emerge de pronto é a fronteira tênue entre polissemia e homonímia. Estudos desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa sobre as construções agentivas do tipo X-ista (BOTELHO, 2004), X-eiro (CARMO, 2005) e X-nt (SANTOS, 2005) mostram como, a partir de modelos fortemente composicionais e da falta de constructos teóricos para a postulação de seus elos, apela-se para uma simplificada explicação homonímica. Na contramão desta visão e ancorados em uma visão sociocognitivista e construcionista da linguagem, esses autores postulam uma herança por Elo Polissêmico (cf. seção 2.2.2) a partir de padrões mais genéricos e mais específicos, de modo a se estabelecerem redes e se evitarem as listas de idiossincrasias geradas por um tratamento homonímico destas construções.

Para Rhodes (1992) a concepção de herança trazida pela GrC tem duas importantes contribuições para a Morfologia. Primeiramente, tal noção traz uma nova perspectiva para o tratamento da alomorfia, uma vez que permite o estudo dos alomorfes através de redes de herança, sem a necessidade de se postular um tipo especial de regras ou considerá-los epifenômenos. Além disso, a questão da herança irá fundamentar o tratamento morfológico a partir de paradigmas. Nesse sentido, paradigmas geram heranças – determinadas propriedades – agrupando construtos e construções.

Por fim, cabe reiterar o grande desafio proposto neste estudo, qual seja o de fortalecer, mediante um estudo de caso, um tratamento construcionista para um formação mórfica de modo a firmar o espaço da Morfologia Derivacional nos estudos da GrC. Somando-se as contribuições teóricas articuladas neste estudo cremos dispor de um arcabouço sociocognitivista e construcionista forte para o enfrentamento desta questão. No caso da CSSD, há que se reconhecer e descrever seus elos de herança e seus vínculos que evidenciam o caso de *mismatch*, tomando como objeto analítico os polos formais e de significação que a instituem como uma construção, isto é, como uma

unidade simbólica com forma e sentido específicos no Português, motivada por necessidades superlativas do falante de ganhar atenção, de avaliar a experiência, de conceber seus relacionamentos.

3. FORMAÇÕES SUPERLATIVAS SUFIXAIS – A ORIGEM E O ESTADO DA ARTE

O presente capítulo começa por informar, mediante um pequeno panorama etimológico, a origem das estratégias mórficas de sufixação – do Latim às Línguas Neolatinas e, mais especificamente, ao Português – usadas para a expressão linguística da semântica de escala em nível superlativo (seção 3.1).

Segue-se a apresentação do estado da arte em relação ao fenômeno investigado (seções 3.2 a 3.5), foco privilegiado deste capítulo, dado o caráter sincrônico deste estudo. É sabido que a questão da semântica de escala é um tópico complexo para a descrição das línguas, dada a profusão de recursos (como evidenciam os projetos em desenvolvimento em nosso GP – cf. Introdução) e a gama de sentidos evocados pelos diferentes operadores de grau. Contudo, à tal profusão do fenômeno, não vem correspondendo igual densidade e ou quantidade de investigação nas diferentes tradições de estudo linguístico no que respeita tanto às estratégias mórficas, quanto lexicais e sintáticas.

O mapeamento de tal campo investigativo consistiu, assim, em um procedimento investigativo deste estudo, de modo a não “chover no molhado” e a dimensionar, com clareza, a relevância de nosso objeto frente não só aos enfrentamentos descritivos do Português, como também aos desafios teóricos propostos para o campo da Morfologia (cf seção 2.5).

O resultado, ainda que tímido, representou algumas contribuições significativas para o nosso estudo. Assim, neste mapeamento, apresentamos, em primeiro lugar, as descrições e propostas analíticas advindas da Tradição Gramatical (TG) e Lexicográfica (seção 3.2); em seguida (seção 3.3), em uma herança mesclada pela TG e pela Tradição Linguística (TL), trazemos as contribuições das novas gramáticas do Português (MATHEUS et al., 2003; NEVES, 2000; CASTILHO, 2010). O trato analítico do grau no Português, dentro de diferentes vieses teóricos da TL, ocupa a seção 3.4. São, especificamente, destacados os estudos de Gonçalves (2002, 2003, 2011), Rosa (1983) e Turunen (2009), dadas as contribuições que trazem ao nosso percurso argumentativo e descritivo. A seção 3.4 traz, ainda, a discussão para a língua italiana em que são registrados, sincronicamente, *types* da mesma natureza da construção desarmônica em estudo – a CSSD (BELTRAMA, 2012 e BELTRAMA E BOCKNAK, inédito). Por fim, apresentamos a pesquisa de Machado (2011), a que damos prosseguimento nesta tese.

3.1. Sobre a origem latina de marcadores mórficos de grau

Como diz o ditado popular, “é preciso saber de onde se veio para se saber para onde vai”. Por isso, a presente seção busca recuperar, por uma pesquisa bibliográfica, o trajeto diacrônico **de marcadores mórficos de grau** na Língua Portuguesa, começando por sua origem latina.

No Latim Clássico, segundo Cantoni (2008), os superlativos se davam de duas formas. A primeira e mais amplamente utilizada era o superlativo sintético, constituído a partir do acréscimo do sufixo *-issimus* à última consoante do tema do adjetivo em grau normal. Essa formação encontrava apenas uma restrição, a saber, as bases adjetivas terminadas em duas vogais consecutivas (*-eus, -ius, -uus*) (FARIA, 1995). Nesses casos, então, dava-se lugar à segunda forma de se expressar o superlativo em Latim qual seja as formações superlativas analíticas. As construções analíticas eram formadas a partir da anteposição de um advérbio de intensidade – como *máxime, minime, multum*.

De acordo com Faria (1995), o sufixo marcador de grau tinha em *-issimus* a expressão por excelência, apresentando variações de forma a depender de restrições categoriais (bases não adjetivas) ou fônico-notacionais (terminação da base adjetiva), conforme podemos constatar na tabela abaixo:

Forma do Sufixo	Restrições da base	Exemplo
<i>-rius</i>	Adjetivos terminados -er	<i>pulcher – pulcherrimus</i> (muito/ o mais belo)
<i>-limus</i>	Adjetivos terminados -ilis	<i>facilis – facillimus</i> (muito/ o mais fácil)
<i>-timus</i>	Bases não adjetivas - advérbios e substantivos	<i>intimus</i> (muito/ o mais profundo),
<i>-imus / -mus</i>	Bases não adjetivas – preposição	<i>super – summus</i> (muito/ o mais elevado)
<i>-issimus</i>	Utilizado no restante dos casos	<i>bonus – bonissimus</i> (muito bom/ o melhor)

Tabela 2: Distribuição das formas dos sufixos superlativo no Latim

A forma *-issimus* é de longe a mais produtiva e convencionalizada entre as ditas variantes acima listadas. Alguns desses casos – *-timus* e *-imus* – são pouco produtivos e sequer são listados por alguns estudiosos como variante do sufixo *-issimus* (CANTONI, 2008).

Contudo, apesar de a forma sintética ser a mais utilizada no Latim Clássico, durante a sua transição para as línguas românicas, essa formação desapareceu, sendo substituída pela analítica, independentemente das terminações do adjetivo (CRUZEIRO, 1973). Esse processo teve início ainda no Latim Vulgar, fazendo parte de uma tendência mais ampla que consistiu na preferência das línguas românicas pelo uso de formas analíticas para expressão de relações gramaticais (COUTINHO, 1984). Além do registro de tal tendência em relação ao superlativo, são citados outros casos, como o abandono das declinações e a adoção de preposições em seu lugar.

Mas, então, como explicar a presença de formas sintéticas em línguas neolatinas, como o Português, por exemplo? A resposta, segundo Silva (2008), está em um movimento de busca por erudição linguística iniciado por volta do século XV, o que traz de volta, depois de um longo período em desuso, os sufixos superlativos.

Segundo Teyssier (2004, p. 84):

[...] formas eruditas e semi-eruditas, calcadas no latim, penetraram na língua desde as suas origens. Este processo de enriquecimento do vocabulário jamais cessou. Tornou-se, porém, particularmente intenso no século XV, com a prosa didática e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista.

Durante esse período, graças ao prestígio atribuído ao Latim, suas características tornaram-se um padrão estético e científico (CANTONI, 2008), motivando o resgate de formas esquecidas anteriormente. O ressurgimento dos superlativos morfológicos se deve, pois, a esses fatores socioculturais de influências latinizantes.

O Italiano foi o primeiro a resgatar tal forma e, assim, influenciou as demais línguas (CRUZEIRO, 1973). Na Língua Portuguesa, o primeiro exemplo, segundo Cruzeiro (1973), foi retirado de *Leal Conselheiro* (1436-38):

- (...) por que nos senhores esta virtude antre todas muyto recebe grande louvor, onde por especial dela som chamados *illustrissimuse serenysymus*, (...) (L. Cons., p. 149, apud CRUZEIRO, 1973:13)

De modo sumário, estes foram os resultados alcançados em nossa busca bibliográfica sobre o tema. Motivados pelo percurso diacrônico do sufixo -íssimo e intrigados pela ausência de referências bibliográficas acerca da origem dos outros sufixos superlativos que integram a CSSD (-érrimo e -ésimo), procedemos a uma

pequena busca histórica por dados que nos auxiliassem a traçar um panorama mais completo acerca da emergência dos sufixos superlativos na Língua Portuguesa. Os resultados disto estão em nosso capítulo de análise (cf. seção 5.1.1).

3.2. A expressão do grau superlativo na Tradição Gramatical e Lexicográfica

Dentro da Tradição Gramatical (CUNHA E CINTRA, 2001), a noção de escala, tratada de modo aligeirado, remete, via de regra, apenas à tipologia de grau em categorias que “sofrem tal flexão”. De pronto, o grau se coloca, pois, como uma categoria flexional. É uma categoria bem delimitada em relação às classes de palavras com que combina (substantivo, adjetivos e advérbios) e ao tipo de graduação “recebida”, isto é, para os substantivos temos os graus normal, aumentativo e diminutivo; para os adjetivos e advérbios são estabelecidos os graus positivo, comparativo e superlativo (BECHARA, 2006).

Focalizando o fenômeno central deste estudo, a saber, o grau superlativo, Bechara (2006), assim como Cunha e Cintra (2001), limitam-se a descrevê-lo a partir de duas dimensões.

A primeira é o superlativo relativo “que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior que os demais.” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 120): *O rapaz é o menos cuidadoso dos pretendentes.*

A segunda dimensão é o superlativo absoluto, chamado também de intensivo por Bechara (2006). Com ele indicamos “que um ser apresenta em elevado grau de determinada qualidade” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 120). Os exemplos (*O rapaz é muito cuidadoso./ O rapaz é cuidadosíssimo* (BECHARA, 2006, p. 148)) exemplificam as duas possíveis formações do superlativo absoluto: (i) a analítica, com a anteposição de uma “palavra intensiva” (BECHARA, 2006), geralmente um advérbio indicador de excesso (CUNHA E CINTRA, 2001), como: “muito”, “extremamente”, “extraordinariamente”, etc. e (ii) a sintética, foco deste estudo, expressa por uma palavra, formada a partir da junção de um adjetivo com um sufixo.

Em relação aos sufixos, na Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara (2006), apenas o sufixo -íssimo é apresentado, apesar de se admitir a possibilidade da formação do superlativo sintético com “outros sufixos de valor intensivo” (BECHARA, 2006, p.

149) citados em lista. Já na Nova Gramática do Português Contemporâneo, Cunha e Cintra (2001) elencam formações superlativas com outros sufixos além do -íssimo, citando o sufixo -érrimo, em formações eruditas, como “acérrimo” e “salubérrimo” e o sufixo -imo, em “facílimo”. O sufixo -ésimo só aparece, com um papel pouco significativo, em uma breve observação de Bechara (2006) acerca da linguagem coloquial. O autor se refere ao sufixo como “uma criação sufixal imprevista”, utilizada pelos falantes com a finalidade de criar mais ênfase para a expressão.

Assim, sem fugir a uma tradição – desde suas origens atada ao modelo gramatical latino e marcada pela descrição lógico-formal e pela polarização entre usos certos e errados – as nomeadas gramáticas normativas do Português (CUNHA E CINTRA, 2001; BECHARA, 2006) vão apresentando, de modo acanhado e periférico, pequenas considerações sobre aspectos semânticos e de uso de tais formações, como ilustramos a seguir.

Cunha e Cintra (2001, p. 261) acrescentam, por exemplo, o necessário caráter graduável dos adjetivos que flexionam em grau. Segundo os autores, Adjetivos Classificatórios e de Relação não se flexionam em grau, devido ao caráter específico e unívoco de seus sentidos. Dessa forma os autores afirmam: “*Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade*” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 261). Este é, pois, um aspecto semântico que, posto em relevo, serve de contraponto à rede de construções que temos como objeto deste estudo, em que Estados Absolutos adquirem um sentido construcional graduável.

Bechara (2006) busca ressaltar outro aspecto da semântica dos superlativos sintéticos, quando afirma que as formações morfológicas seriam mais enfáticas do que as analíticas. Em suas palavras, “*quanto ao aspecto semântico, **cuidadosíssimo** diz mais, é mais enfático do que **muito cuidadoso***” (BECHARA, 2006, p. 149).

Já Cunha e Cintra (2001), sem considerar esse viés discursivo de formações superlativas, põem em foco considerações sobre usos dos sufixos aumentativos e diminutivos. Nesse sentido, trazem alguns *insights*, mesmo que em poucas notas, acerca da flutuação de sentidos para o aumentativo e o diminutivo, pontuando o uso afetivo destes graus, especialmente no trato sintético ou morfológico. Em relação ao diminutivo, os autores consideram:

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas à vezes também mais vaga (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 212).

Em relação ao uso das formações sintéticas aumentativas, os autores fazem uma ressalva, enfatizando seu valor do uso de expressões como *narigão*, *atrevidação* e *porcalhão* que sinalizam, respectivamente deformidades, grosserias e coisas desprezíveis.

Buscando, por outro lado, outro tipo de tradição – o trabalho lexicográfico - recorreremos aos dicionários contemporâneos da Língua Portuguesa. As buscas dos verbetes com os sufixos em estudo tiveram retornos pouco significativos. Até mesmo no dicionário digital Caldas Aulete¹⁰, com mais de 818 mil verbetes e em permanente atualização, foi encontrada uma entrada extremamente simples para o sufixo -íssimo, transcrita a seguir: “-íssimo¹¹ suf. 1.= superlativo = -imo: *agilíssimo*, *crudelíssimo*, *probabilíssimo*.”

Apenas no dicionário eletrônico de Houaiss (versão 1.0.5 de Agosto de 2002), obtivemos informações mais relevantes. Neste dicionário, ao procurarmos o sufixo “-íssimo”, somos reconduzidos à definição de “-ímo”. A entrada inicia-se com uma definição sucinta do sentido do sufixo “*um formador do grau sup. de adjetivos*”, seguida por um breve apanhado histórico de suas origens. O verbete deste sufixo trata, majoritariamente, de informações acerca da formação e uso de palavras formadas através do processo de sufixação com “-íssimo”.

A oitava entrada do verbete tem um interesse particular para nosso estudo:

8) embora normalmente a sufixação de *-imo* seja de sup. sintéticos de adj., ocorre tb., a partir do sXIX, em advérbios (*pertíssimo*, *longíssimo*, até jocosamente, *dentríssimo*, *foríssima/foríssimo*) e substantivos, neste caso como hiperbolizante qualitativo, como em ela é uma *mulheríssima*, é um *diabíssimo* em forma de anjo, comprei um *automobilíssimo*.

¹⁰ Disponível em <http://www.aulete.com.br/>

¹¹ Disponível em <http://www.aulete.com.br/-%C3%ADssimo#ixzz3qTvq9VPR>

O oitavo ponto remete diretamente ao fenômeno investigado no presente trabalho. Na citação acima, vemos que o Houaiss mostra uma nova distribuição do sufixo -íssimo que passa a se combinar não só com adjetivos, mas também com advérbios e substantivos. Dentro dos advérbios, ele destaca o uso “jocosos” de “dentríssimo” e “foríssimo(a)”. Já tratando da atribuição do sufixo aos substantivos, ele fala da pertença de um caráter “hiperbolizante qualitativo”.

Neste aspecto, o dicionário – ao contrário das gramáticas – registra, de fato, um traço marcadamente sincronizado com o uso contemporâneo de tais formas; um *insight* que vai ao encontro das intuições que nos mobilizaram para o presente estudo. A respeito, contudo, da gama de sentidos que as construções superlativas em -íssimo ganham no jogo discursivo, pouco se acrescenta ao que dizem os gramáticos. Talvez porque – em nossa hipótese – esta gama de sentidos não seja mesmo dicionarizável, uma vez que, fugidia, de fato se efetive no jogo de cada cena discursiva.

Gramáticas e dicionários deixam, assim, algumas contribuições, sob forma de *insights* e várias lacunas acerca da forma, significados e usos dos superlativos, e principalmente em relação à rede de construções sufixais em -íssimo, -érrimo e -ésimo, objeto deste estudo. Vistas como resultantes de um processo flexional, tais construções passam, em nossa perspectiva, a serem descritas como formações derivacionais.

3.3 Perspectivas descritivas nas novas gramáticas do Português – mesclando tradições

Em publicações do final do século XX e início deste século, novas gramáticas do Português vêm surgindo (MATHEUS et al., 2003; NEVES, 2000; CASTILHO 2010), em que o modelo da TG se mescla com novas tradições linguísticas, trazendo novos arranjos descritivos e, em alguns casos, novos *corpora*, desta vez mais vinculados aos usos (NEVES, 2000; CASTILHO 2010). Apesar deste novo contingente de estudos, a busca de descrições do fenômeno da superlatividade morfológica trouxe, ainda uma vez, poucos resultados. Contudo, surgem algumas contribuições que vão em direção às hipóteses de uso apresentadas neste estudo e merecem nossa atenção. É o que passamos a apresentar.

A “Gramática da Língua Portuguesa”, de Matheus et al. (2003), apesar de não se ater à descrição de tais morfemas sufixais ou às formações deles derivadas, traz, sob um viés funcionalista, uma questão relevante para o presente estudo: a sufixação avaliativa.

Matheus et. al (2003, p. 958) vai destacar a função avaliativa dos chamados sufixos diminutivos, aumentativos e superlativos. Contudo, apesar de citar o grau superlativo, sua análise se detém ao grau dos nomes, i.e, aumentativos e diminutivo.

Nesse sentido, a autora destaca uma questão relevante acerca da semântica dos sufixos de grau:

Tendo em conta que a descrição da interpretação da semântica das palavras que esses sufixos integram é complexa, não se esgotando na expressão de dimensão (...) e admitindo que, qualquer que seja o efeito da adjunção de um destes afixos, todos eles exprimem um juízo de valor do locutor relativamente ao conteúdo semântico da forma de base, adopta-se, para os identificar, a designação de avaliativos. (MATEUS et al, 2003:958)

O fragmento acima destaca uma questão que vamos pontuar neste trabalho em relação às CSSD – seu caráter avaliativo em relação à cena (cf seção 5.5). Em acordo com as propostas de Traugott (2007), consideramos a necessidade de expressão pessoal do falante, que se utiliza de uma nova construção, atribuindo-lhe uma carga de expressividade. Tem-se, então, um processo de subjetificação (LANGAKER, 1990) em que se tornam mais aparentes as crenças e as atitudes do enunciador, ou seja, quando se fala em estar *casadíssimo*, *solteiríssimo*, *aprovadíssimo* ou *candidatíssimo*, mais que relatar estados, tem-se um posicionamento, um juízo de valor acerca desses estados.

O que a gramática de Matheus et al. (2003) vem nos confirmar – e nossa intuição já apontava nessa direção – é que esse caráter avaliativo não é exclusividade das CSSD, mas das construções de grau de maneira geral.

Nas recentes gramáticas de **USO** do Português (NEVES, 2000; CASTILHO, 2010) os processos de intensificação morfológica também não ganham muito destaque.

Em Neves (2000), temos uma ampliação no entendimento de superlatividade, inserindo-se a noção de valor superlativo. Nesse sentido, a superlatividade deixa de ser uma característica intrínseca dos adjetivos e passa a ser entendida como uma função semântica imanente do discurso e da interação. Dentro do tópico sobre os artigos definidos, a autora analisa a ocorrência de uma expressão típica da coloquialidade e do discurso oral, em que o artigo definido anteposto a um substantivo no singular e acompanhado de uma determinada entonação atribui uma leitura superlativa para o sintagma. São citados os seguintes exemplos (NEVES, 2000, p. 403):

21) Ter que pedir pousada num rancho miserável destes é *O fim*.

22) Da Rússia ao Brasil, da Alemanha à Tailândia, a esmagadora maioria faz suas as palavras de Caetano Veloso – política é *O fim*.

Considerando as restrições decorrentes do registro escrito, a entonação é registrada a partir do uso de letra maiúscula. Podemos perceber, claramente, que, para a autora, a noção de superlativo é bem mais ampla do que as encontradas nas Gramáticas Tradicionais. Contudo, também não foram encontradas maiores especificações acerca do uso ou da estruturação das construções sufixais aqui estudadas. Neves (2000) não trata em sua gramática dos superlativos sintéticos de nenhuma forma.

Ampliando ainda mais os horizontes, Castilho (2012) traz alguns usos que poderiam se encaixar na noção de valor superlativo referida em Neves (2000). O autor analisa desde estratégias sintáticas às lexicais. Mas ao contrário de Neves (2000), Castilho (2012) vai se deter, ainda que em um pequeno espaço, ao tratamento das construções sintéticas.

Para o autor, “grau é a intensificação ou a atenuação de traços predicativos” (CASTILHO, 2012, p. 512); por isso, esta é uma propriedade exclusiva dos adjetivos e advérbios, o que torna possível *branquíssimo*, mas não *mesíssima*, segundo ele. Castilho (2012) chega a admitir a ocorrência do sufixo -íssimo com núcleos substantivos; contudo, pontua que, nesses casos, ocorrerá um processo de recategorização, em que o substantivo terá, no uso, função de adjetivo, como no exemplo:

23) “O governador é *candidatíssimo* à presidência da República.”
(CASTILHO, 2012:512)

Apesar de já representar um avanço descritivo o fato de encontrarmos citada a ocorrência do *type candidatíssimo*, exemplo da construção investigada no presente trabalho, a gramática de Castilho (2012) não vai além de reconhecer que esse tipo de construção existe. Contudo, ainda é um reconhecimento bastante limitado, pois só considera um caso bastante específico (núcleo derivado de substantivo + -íssimo), caso este que, em nossos dados, nem se mostrou o mais produtivo.

3.4 A Tradição Linguística – a expressão morfológica do grau

Na presente seção, passamos à apresentação de estudos linguísticos de distintos matizes que, contribuíram, de modo mais relevante, com nossa tarefa analítica. Assim, apresentamos estudos teórico-descritivos do Português (GONÇALVES, 2002, 2003, 2011; ROSA, 1983; TURUNEN, 2009) e do italiano (BELTRAMA, 2012 e BELTRAMA E BOCKNAK, inédito).

3.4.1. Estudos no Português do Brasil

Passando para o campo teórico-descritivo da Linguística, nossa busca bibliográfica mais ampla sobre o estado da arte da descrição morfológica de grau em construções do Português trouxe, em geral, poucos resultados. No que respeita, em específico, ao tópico central deste estudo – as construções superlativas sufixais – o resultado se repete.

Dentro desta escassez, ganham relevância os estudos de Gonçalves (2002, 2003, 2011), uma vez que, além de considerarem o fenômeno mais amplo da superlativação, abordam, de modo específico e profícuo, as formações sufixais tomadas como nosso objeto de estudo.

A princípio, Gonçalves (2011) toma uma questão teórica sobre as operações morfológicas de flexão e derivação e, seguindo a proposta de Bybee (1985), estabelece critérios para a postulação de um *continuum* entre estes dois principais tipos. Nesse sentido, mediante pistas empíricas, define as características prototípicas dos processos de derivação e flexão e estabelece parâmetros de aproximação e afastamento de determinado sufixo em relação à flexão ou à derivação.

Como na perspectiva assumida por este estudo as CSSD se definem como construções derivadas – haja vista a definição do campo da Morfologia Derivacional como nossa matéria, da qual recortamos o objeto estudo (Cf. Introdução) – interessamos, de perto, os parâmetros de tal *continuum* propostos por Gonçalves (2011) que, de alguma maneira, elucidam o comportamento das formações sufixais superlativas como prototipicamente derivadas.

O primeiro dos parâmetros é o nomeado **Meio de materialização**, que diz respeito ao modo como um conteúdo se manifesta na língua. Para o autor, as operações de caráter flexional não permitem a variação de formas, i.e., o conteúdo se veicula

univocamente, como ocorre com a marcação -s de plural, por exemplo. Com a derivação, contudo, a variação de formas pode ser evidenciada. Gonçalves (2011, p. 21) destaca, então, a natureza derivacional do sufixo -íssimo, uma vez que a noção de intensidade não se manifesta apenas através desse afixo, mas sim através de uma rica e complexa gama de formações, que vão desde outros recursos morfológicos como o uso de prefixos (*super-linda*, *hiper-linda*, *ultra-linda*) ou outros sufixos (*lindésima*, *lindérrima*, *lindona*, *lindinha*) até estratégias fonológicas e sintáticas.

Outro parâmetro – **a previsibilidade** – articula-se com o primeiro. Se por um lado, dada a forma unívoca, é possível prever com facilidade as estratégias usadas para as expressões de número (plural com -s) e tempo/modo (a marcação do pretérito perfeito do indicativo -va/ -ia), o mesmo não se pode dizer da expressão do grau (seja aumentativo, diminutivo, superlativo...) que, apesar de ser amplamente aplicado à classe dos nomes, sendo assim considerado como de grande generalidade, encontra na língua diferentes formas concorrentes de expressão. Daí, seu caráter de menor previsibilidade.

Para Gonçalves (2011), esse fato afasta os sufixos de grau dos processos flexionais, uma vez que, apesar da possibilidade em se prever a construção morfológica que expresse gradação, não é possível, como ocorre nas flexões, prever o sufixo presente na forma resultante.

Seguindo, então, sua proposta de *continuum* entre flexão e derivação, Gonçalves (2011) vai posicionar os marcadores de gênero, número e grau dentro desse *continuum* flexão-derivação, como a figura 3 abaixo mostra:

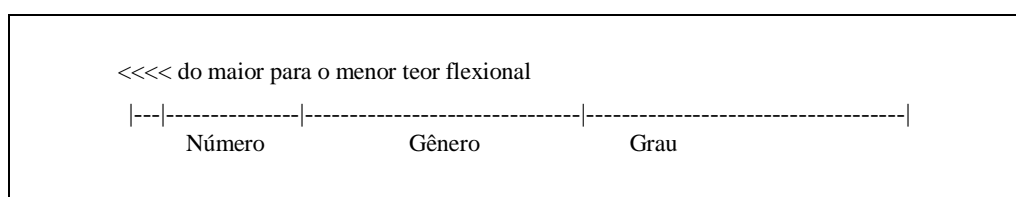


Figura 3: *Continuum* entre flexão e derivação

No extremo mais flexional temos os marcadores de **número**, e, no extremo oposto, temos os de **grau**, cujos atributos são mais derivacionais. Por fim, entre um e outro, temos os marcadores de **gênero**, que se aproximam flexionalmente do número (homogeneidade de ocorrências, através dos sufixos -a/ -o), mas também compartilham

características próximas ao grau (caráter expressivo de construções como *cachorra* e *vadia*).

Cabe pontuar ainda que, neste estudo, ao analisar as estratégias do Português para expressar intensificação, Gonçalves (2011) trata sem distinção os sufixos -íssimo, -érrimo e -ésimo, considerando possibilidades igualmente eficientes dentro da língua.

Na mesma obra, o autor põe em relevo outra importante questão, qual seja, o caráter pragmático das expressões mórnicas em geral. Neste sentido, considera o **Princípio da Relevância**, proposto por Bybee (1985:13), em que se postula que “um elemento de conteúdo é relevante para outro se seu conteúdo afeta ou modifica diretamente o conteúdo do outro. A relevância, no entanto, depende de questões culturais”. Segundo a autora, considerando-se esse princípio, é possível se prever como um conteúdo será representado: ou em forma lexical, morfológica (flexional ou derivacional) ou sintática.

Nesse sentido, quando dois conteúdos são relevantes um para o outro, são grandes as chances de que sejam representados lexical ou morfológicamente como em “sambar”, “valsar”, “pagodear”, “forrozear” etc., em que unimos as noções de [dança+ritmo]. Ao contrário, se as noções não são muito relevantes, é mais natural que tenhamos uma expressão sintática. Gonçalves (2011, p. 97-98) traz um esquema que sintetiza essa questão:

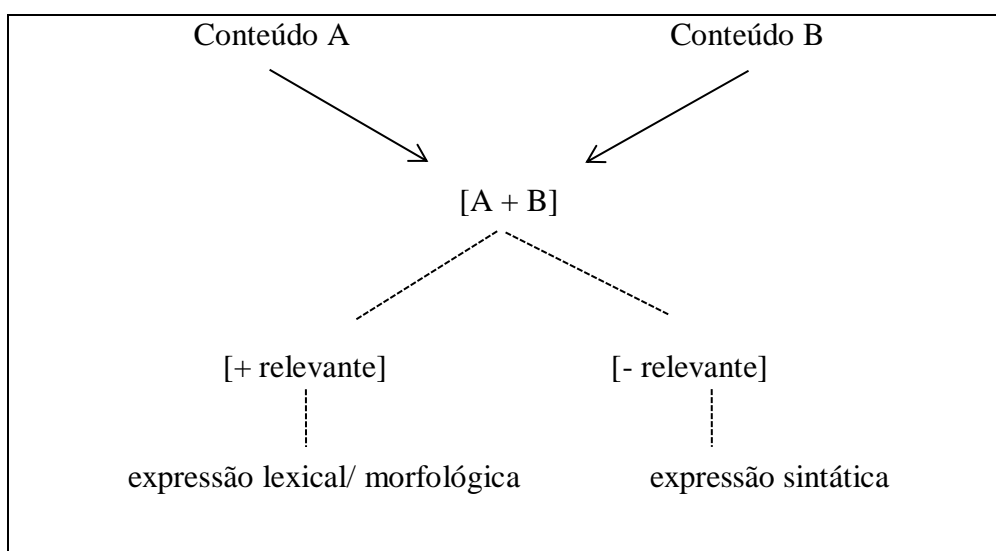


Figura 4: Relação de relevância e a expressão lexical(morfológica)/ sintática

Se aplicarmos o Princípio da Relevância, nos termos defendidos, à noção de grau, conseguiremos entender o porquê de muitos autores afirmarem o caráter afetivo

das construções morfológicas. Na verdade, a noção de grau é, para aquele falante, naquele momento, mais relevante, por isso a opção pela expressão morfológica. Ainda seguindo essa lógica, se a questão da relevância sofre influência da cultura, nada mais natural que, nos tempos de hoje de hipermodernismo (Lipovetsky, 2004) e de valores líquidos (Bauman 2007), encontrarmos construções em que se superlativam estados e sentimentos não graduáveis.

Corroborando essa questão, Gonçalves (2002) vai caracterizar a intensificação em termos de um recurso utilizado com fins de focalização ou ênfase e acrescenta que:

a intensificação vem sendo caracterizada como uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes. Por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva (ou ponto de vista) do emissor que, ao intensificar, orienta seu interlocutor para um juízo de valor a respeito de algo ou alguém, conferindo ao item enfatizado relevância tamanha que o torna marcado (Gonçalves, 2002, p. 43).

Assim, em Gonçalves (2002, 2003) serão tratadas questões específicas acerca das formações superlativas buscando, sobretudo, enfatizar a relação próxima entre Morfologia e Pragmática.

É assim que o autor considera a noção de função indexical, i.e., as questões que dizem respeito aos mecanismos que servem como índices de reconhecimento de determinados traços sociolinguísticos do falante, tais como classe social, etnia, sexo, faixa etária, etc.

Em uma pesquisa considerando dados de fala, constituídos a partir do *Corpus* PEUL (ou *corpus* “Recontado”), Gonçalves (2002) faz um mapeamento dos recursos preferidos considerando o gênero do falante e as diversas formas de se expressar grau:

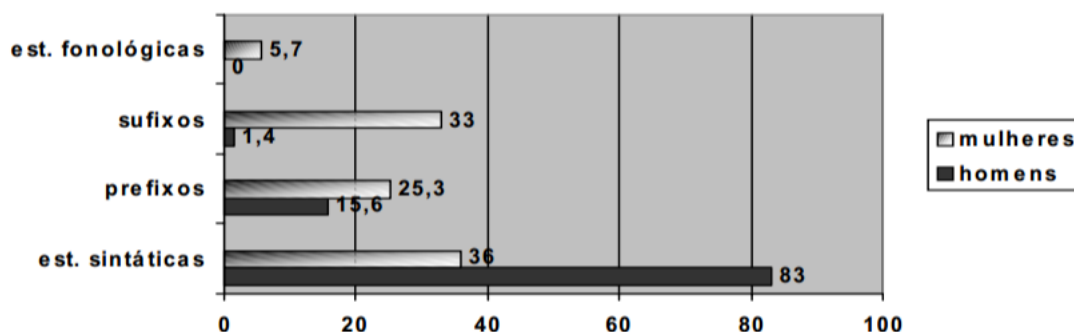


Figura 5: Distribuição dos dados segundo o gênero do informante

Os resultados apontados no gráfico (reproduzido acima – Figura 5) mostram a preferência majoritária dos homens (83%) pelos recursos de gradação sintáticos, enquanto as mulheres preferem os recursos morfológicos; 33% sufixos e 25,3% prefixos, somando 58,3% das ocorrências. Destaca-se ainda a ocorrência nula de utilização masculina dos recursos fonológicos.

Diante desse quadro, para o autor, é possível de se reconhecerem, com base nos resultados obtidos, os intensificadores morfológicos -íssimo, -érrimo e -ésimo como caracterizadores da fala feminina. Assim, quando utilizados por homens, trazem uma carga de estigma social, associando o falante à homossexualidade. Nesse sentido, Gonçalves (2002) ressalta a importância do caráter social desses estudos:

Nos fonoestilos “gay” e “dondoca”, os mais caricaturados (Moraes, 1999), -íssimo, -ésimo e -érrimo são de uso bastante generalizado. Por sua (hiper)expressividade, acredito que eles acabaram se vinculando a esses grupos de falantes, merecendo uma abordagem, não só no campo da Morfopragmática, mas de uma possível “sócio-morfopragmática”. (GONÇALVES, 2002, p. 48)

Ainda que os resultados do presente estudo não sejam sempre convergentes com os auferidos por Gonçalves (2002, 2003, 2011), cabe ressaltar o relevo de seus estudos morfológicos dentro da cena linguística brasileira. No caso específico do fenômeno da superlativação, o autor nos apresenta uma noção melhor de sua amplitude, considerando-o no *continuum* entre flexão e derivação e, principalmente, enfatizando o poderoso jogo pragmático envolvido na escolha de construções desta natureza. Tais contribuições serão retomadas em nossas análises (cf. cap. 5).

Ainda dentro dos estudos linguísticos brasileiros, merecem atenção os trabalhos de Rosa (1983) e Turunen (2009). Apesar de não abordarem especificamente a temática das construções mórnicas superlativas, tais trabalhos trazem algumas contribuições significativas para o estudo de grau de maneira mais ampla. Assim, passamos ao detalhamento dos estudos de Rosa (1983) sobre o aumentativo, e de Turunen (2009) sobre o uso do diminutivo.

No trabalho de Rosa (1983), encontramos uma sinalização, ainda que distante, em direção a achados veiculados em nosso estudo. A autora destaca a possibilidade de adjetivos terem grau aumentativo e diminutivo e sinalizarem um “comportamento” superlativo (como em “espertalhão”, que quer dizer “muito esperto” e “bonitinho”, que pode equivaler a “muito bonito”). Valendo-se de testes de atribuição de significado a

palavras postas em listas, uma das conclusões de Rosa é a de que tais formações deixam de atribuir “propriedades de tamanho grande ou pequeno” para sinalizarem superlatividade.

Os testes de Rosa (1983) ainda apontam um processo de mudança semântica sofrido pelo sufixo -aço. Ao invés de exercer função de sufixo aumentativo com valor pejorativo, como consta até hoje nas gramáticas (vide Cunha e Cintra, 2001: 89), tal sufixo passa a desempenhar função oposta, i.e., atribuindo traços positivos e de valor superlativo, como em “golaço”, “filmaço”, “apartamentoço”, “jogaço”, expressões que destacam o valor de excelência de *gol*, *filme*, *apartamento* e *jogo*.

Quanto às pesquisas de Turunen (2009) acerca dos diminutivos em -inho, temos um diferencial que consiste na abordagem cognitiva do fenômeno, buscando-se desvelar, sobretudo, o caráter multidimensional – morfológico, semântico e pragmático – da intensificação.

Turunen parte do questionamento da visão tradicional que considera a noção de tamanho pequeno como central na descrição dos diminutivos no português. A autora, tendo a Linguística Cognitiva, como escopo teórico e a Linguística de *Corpus* como aporte metodológico, vai elencar evidências empíricas, através da análise de *corpora* oral, de modo a comprovar que, em sua dimensão pragmática, os diminutivos extrapolam a noção semântica de pequenez. A autora afirma:

“O diminutivo formado pelo sufixo *-inho* é fundamentalmente um mecanismo expressivo com fins pragmáticos. A dimensão semântica de denotação de dimensão reduzida da entidade referida existe, mas é menos relevante” (Turunen, 2009, p. 13)

Considerando aspectos contextuais e cotextuais, a autora mapeia, a partir de sua base de dados, a dimensão – semântica ou pragmática – predominante em determinada situação comunicativa. A predominância da dimensão semântica significa a preponderância do sentido de pequenez. Por outro lado, nos casos de predominância da dimensão pragmática, o que vem à tona é a noção de avaliação ou outra estratégia não relacionada a tamanho (como afetividade, desprezo, polidez, etc.).

Foram, assim, contabilizadas 1273 ocorrências relacionadas ao polo pragmático e 265 relacionadas ao polo semântico, totalizando 1538 ocorrências do *corpus*. Para Turunen (2009), as ocorrências do diminutivo com sentido dimensional são reduzidas,

pois parecem depender de um contexto discursivo específico, o qual não é favorecido pelas conversas de caráter dialogal e dinâmico, fontes do *corpus* analisado. Nesses termos, a autora busca comprovar a importância da dimensão pragmática no estudo das formações diminutivas no português sem, contudo, negar a noção dimensiva do sufixo -inho.

Em nossa busca bibliográfica, os trabalhos de Gonçalves (2002, 2003), Rosa (1983) e Turunen (2009) são norteadores para o tratamento do fenômeno do grau morfológico. Contudo, no que respeita à peculiaridade de uso de núcleos absolutos em construções de modificação de grau, configurando o desencontro/*mismatch* peculiar à CSSD, nenhum estudo foi encontrado no Português, fazendo com que voltássemos nossos olhares para outras línguas neolatinas. Encontramos, assim, os estudos italianos sobre construções X-íssimo (BELTRAMA, 2012 e BELTRAMA E BOCKNAK, inédito), desenvolvidos em datas coincidentes com o nosso estudo dissertativo (MACHADO, 2011).

3.4.2. *Os usos italianos X-íssimo*

Confirmando nossa intuição, o site Tutorino (<http://tutorino.ca/>), destinado ao ensino de italiano afirma:

As palavras mais famosas no italiano são as terminadas em “issimo” – *belissimo*, *carissimo*, *buonissimo* e assim por diante. Você pode adicionar o sufixo “issimo” a quase qualquer adjetivo italiano e formar o “superlativo absoluto”.¹²

Por isso, pareceu-nos promissor buscar pesquisadores italianos que se debruçassem sobre o objeto em questão, dada sua relevância nesta língua. A resposta veio, até certo modo, bastante convergente com nossas questões.

De partida, Beltrama (2012) também reconhece a expansão de padrões de uso das formações X-íssimo no italiano contemporâneo, apontando padrões iguais aos já descritos por nós (MACHADO, 2011). Sobre outras construções sufixais em foco no presente estudo (cf. Introdução e cap. 5) nada foi encontrado. Quanto às soluções teórico-analíticas, no entanto, as divergências são significativas.

¹²Tradução nossa. Disponível em <http://tutorino.ca/grammatica/2007/3/5/-issimo-the-italian-absolute-superlative.html>

Beltrama (2012) vai estudar como o sufixo intensificador *-íssimo* opera em diferentes níveis no italiano, desde dimensões mais lexicais até situações que envolvem destacadamente efeitos discursivos e expressivos, ressaltando, portanto, a importância em se estabelecer uma interface entre Semântica e Pragmática, tal qual Gonçalves (2002, 2003, 2011) também afirma.

A análise começa por apresentar o uso clássico do sufixo *-íssimo* como um “Modificador de grau lexical”, expressando o ponto mais extremo de uma escala e combinando-se com adjetivos/advérbios graduáveis:

24) *Quella casa è bellissima / moltobella*

Aquela casa é lindíssima / muito linda

Apesar de colocar lado a lado as estratégias sintática e analítica, o autor destaca que o uso de *molto* não terá tanta força de intensificação quanto sua contraparte morfológica e, dentro da perspectiva tradicional, a preferência pela forma mórfica sinaliza uma subjetividade por parte do falante – pontuando um componente expressivo dessas expressões. Quanto ao aspecto semântico, o autor destaca que tanto *-íssimo*, quanto *molto* irão remeter a extremos.

Tendo apresentado o caso clássico, Beltrama (2012) vai ampliar os ambientes de distribuição do sufixo *-íssimo* que, segundo o autor, extrapolam a análise de tal sufixo apenas como um modificador de grau, gerando efeitos diferentes.

O autor vai mapear três efeitos que se diferenciam da noção básica de modificação de grau. O primeiro, denominado **Regulação Fraca** (*Slack Regulation*), vai lidar com a imprecisão pragmática postulada por Lasersohn (1999) e a noção de halo pragmático (*pragmatic halo*), que assegura que algumas expressões são usadas de forma imprecisa. Por exemplo, quando se diz que o copo está cheio, isso não significa que ele está cheio a ponto de transbordar.

Quando o sufixo *-íssimo* ocorre em expressões que permitem esse halo pragmático, o que teremos, segundo o autor, é uma eliminação dessa impressão, como veremos nos exemplos abaixo:

25) *Negli uffici federali è vietatissimo* {??molto vietato}, così come sui marciapiedi di alcune cittadine

Fumar no escritório do governo é *proibidíssimo* {??muito proibido}, assim como nas calçadas de algumas cidades pequenas.

26) Una gigantesca torta dimiliardi, come *tuttissimi* {??molto tutti} gli eventmediatici

Um bolo gigante de milhares [de dólares], assim como *todíssimo* {?? Muito todo} evento da mídia.

A primeira observação destacada por Beltrama (2012) é o estranhamento ao se usar *molto* nessas situações. A partir disso, o autor vai concluir que essas situações não envolvem modificadores de grau. De modo geral, tanto *vietatissimo* quanto *tuttissimi* apontam para um sentido sem exceção, então não seria permitido em nenhuma hipótese e seriam todos sem nenhuma exceção, ou seja, sem qualquer imprecisão.

Outro efeito é o nomeado **Instanciações de Importância** (*Outstanding Instanciations*). Nesse caso, como estamos lidando com itens não graduáveis, não serão intensificadas as propriedades específicas do item, mas será tomada uma nova dimensão como critério para intensificação.

27) Cisiamo, è la *partitissima*, las fida cruciale

Aqui vamos nós, é um *joguíssimo*, o jogo crucial

No exemplo (27), a interpretação de *partitissima*, segundo Beltrama (2012), diz respeito à alta importância do jogo, que pode ser um jogo crucial que envolve grandes times, rivais, etc., ou seja, o destaque está em outra dimensão que não o caráter de “jogo” em si.

O último ambiente analisado por Beltrama (2012) é de **Resposta** (*Replies/Retorts*). Esse caso ocorre em uma configuração bem específica do discurso que apresenta a forma de perguntas que pretendam confirmar ou rejeitar uma ideia, como o exemplo abaixo ilustra:

28) A: 7 è un numero primo?

B: Primissimo!

A: 7 é um número primo?

B: Primíssimo

Aparentemente, nesses casos não haverá restrições, uma vez que o sentido fica a cargo do contexto (BELTRAMA, 2012), licenciando, assim, a combinação de -íssimo com adjetivos com que não combinaria isoladamente (fora do contexto). A única exigência que o autor aponta é estar em jogo um valor de verdade a ser confirmado ou negado, através do uso do sufixo.

Para Beltrama (2012), o que todos esses exemplos apontam é que temos um sufixo cuja atuação é maior do que a de um modificador de grau. Em linhas gerais, o efeito de gradação seria mais um dos efeitos que pode emergir com o uso do sufixo -íssimo, juntamente com as Instanciações de Importância, as Regulações Fracas e os licenciados pelo contexto de Perguntas e Respostas.

Beltrama e Bocknak (inédito) ampliam o trabalho anterior de Beltrama (2012), propondo uma perspectiva *trans* linguística para o sufixo intensificador. Nesse sentido, os autores irão analisar e comparar os sufixos -íssimo (no italiano) e -šému (em whasho). Em linhas gerais, além do caráter comparativo entre as duas línguas, indicando *trans* linguisticamente a amplitude do fenômeno de expansão dos padrões morfológicos de intensidade, esse artigo vai advogar em favor de uma abordagem baseada em uma “intensificação sem grau” (título do artigo).

Para os autores, a noção de grau tanto para o sufixo -íssimo quanto para o -šému se dilui frente a outras funções. Nesse sentido, os sufixos não podem ser classificados simplesmente como modificadores de grau. Para uma nova classificação, os autores propõem o resgate de um sentido mais básico que permeie todas as diferentes funções – a saber – o sentido de notabilidade.

Beltrama e Bocknak (inédito) analisam um exemplo básico a partir da noção de -íssimo e -šému, não como operadores de grau, mas sim como operadores de notabilidade. Nesse sentido, em exemplos como “*casa bellissima*” (casa lindíssima), a ideia seria a de que temos uma casa que se destaca em relação às outras quanto ao critério de beleza. Os autores admitem que a noção de grau está presente nesse caso em específico, mas ela se dá de maneira indireta, a partir da inferência de uma implicatura conversacional em que notabilidade implica alto grau. Assim se estabelece uma relação (indireta) e uma interação entre notabilidade e gradação.

A abordagem de Beltrama (2012) e Beltrama e Bocknak (inédito) traz um universo de questões interessantes. Contudo, ainda não estamos convencidos acerca da negação da noção de modificação de grau para -íssimo. A ampliação da distribuição do sufixo na língua possibilitando a fusão de diferentes núcleos, graduáveis ou não, não

compromete, a nosso ver, o seu status de modificação de grau. Acreditamos que uma abordagem que considere a noção de radialidade, proposta pela Linguística Cognitiva, possa trazer resultados mais satisfatórios e adequados à postura teórica assumida nesse trabalho. Além disso, o uso nestas pesquisas de uma metodologia baseada na simples coleta de exemplos pode restringir bastante o poder de generalização das inferências analíticas sobre o fenômeno.

Os estudos iniciais sobre a CSSEA com o sufixo – *íssimo*, desenvolvidos em nossa dissertação de mestrado (MACHADO, 2011), encerram a apresentação das contribuições para esta tese, mostrando as soluções analíticas então encontradas e presentemente retomadas e ampliadas.

3.5 A CSSEA com o sufixo *-íssimo* em Português

Sob o mesmo viés sociocognitivista e construcionista que sustenta esta tese (cf. cap. 2), a hipótese fundamental, determinativa do percurso analítico sobre a CSSEA, traçado em nossa dissertação de mestrado (MACHADO, 2011), era a de que tais formações mórnicas, longe de serem idiossincráticas, se constituiriam como um padrão construcional – uma construção, nos termos de Goldberg (1995, 2006) – produtivo do Português. Nosso principal ganho analítico, nesse momento, foi, portanto, a comprovação do estatuto de construção para tais formas, tidas, então, como instanciações da **Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos (CSSEA) com o sufixo *-íssimo***.

As evidências construídas em favor da CSSEA nesse projeto dissertativo tiveram como foco apenas as instâncias com sufixo *-íssimo* (Tabela 3) e voltaram-se para a descrição de seus polos formal e semântico, com algumas incursões na sua dimensão pragmática. Operamos com um conjunto de 30 *types* e 1.757 tokens, obtidos por meio de uma busca realizada através do concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta* (disponível em <http://webascorpus.org/searchwac.html>).

	<i>type</i>	<i># tokens</i>
1	<i>aprovadíssimo(a)</i>	419
2	<i>recomendadíssimo(a)</i>	289
3	<i>solteiríssimo(a)</i>	173
4	<i>Candidatíssimo</i>	156
5	<i>Confirmadíssimo</i>	138
6	<i>Gravidíssima</i>	118
7	<i>casadíssimo(a)</i>	82
8	<i>prontíssimo(a)</i>	75
9	<i>combinadíssimo(a)</i>	64
10	<i>noivíssimo(a)</i>	32
11	<i>Vivíssimo</i>	30
12	<i>dentríssimo(a)</i>	26
13	<i>foríssimo(a)</i>	26
14	<i>fetíssimo(a)</i>	21
15	<i>assinadíssimo(a)</i>	15
16	<i>formadíssimo(a)</i>	14
17	<i>condenadíssimo(a)</i>	13
18	<i>reprovadíssimo(a)</i>	12
19	<i>compradíssimo(a)</i>	09
20	<i>graduadíssimo(a)</i>	09
21	<i>Mortíssimo</i>	08
22	<i>Eleitíssimo</i>	07
23	<i>namoradíssimo(a)</i>	05
24	<i>viuvíssimo(a)</i>	05
25	<i>namorandíssimo(a)</i>	03
26	<i>eliminadíssimo(a)</i>	02
27	<i>separadíssimo(a)</i>	02
28	<i>vendidíssimo(a)</i>	02
29	<i>desempregadíssimo(a)</i>	01
30	<i>Nascidíssimo</i>	01
	Total	1.757

Tabela 3: *type* e frequência de ocorrência a CSSEA -íssimo

O primeiro desafio analítico foi a configuração morfológica e semântica incongruente da construção – um núcleo que remete a um **estado absoluto não graduável** (*desempregada, casada, grávida*) integrado a um **operador de escala superlativa** (*-íssimo*). O fenômeno do Desencontro/ *mismatch* (FRANCIS; MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUOGOTT, 2007; GOLDBERG, 2006) foi a resposta analítica encontrada.

Um pequeno parêntese teórico se faz aqui necessário para apresentar o conceito de desencontro/*mismatch* (Quadro 10), nuclear à definição da CSSEA.

O conceito de desencontro/*mismatch* tem sido usado (TRAUGOTT, 2007) para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem uma (aparente) incongruência entre as propriedades semântico-formais da construção. Essa incongruência é resultado de um mapeamento da relação entre forma e função das construções, considerados os padrões mais gerais de correspondência na linguagem. Nesse sentido, temos construções harmônicas que vão estabelecer as condições típicas, ou *defaults*, que servirão de base para a identificação das construções desencontradas. Nos termos de Machado (2011, p.47),

[...] o elo simbólico entre forma e significado na rede de construções da gramática ou do léxico de uma língua ultrapassa os limites de simples regras gerais de combinação. Desvelar os mapeamentos “rebeldes” do sistema, sem tratá-los como meras exceções, tem sido uma meta analítica do programa sociocognitivista e construcionista. É nesse sentido que o conceito de *mismatch* ou desencontro tem sido usado, para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem elementos ou estruturas (aparentemente) incongruentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000).

Nessa direção, Goldberg (1999, 2006), também aponta o *mismatch* como um fenômeno resultante da fusão entre papéis argumentais, relativos à semântica da construção, e papéis participantes, envolvidos na cena/*frame* verbal (cf. seção 2.2.2 sobre os fundamentos da fusão na Gramática das Construções Cognitiva).

Foi, contudo, um estudo de caso de Traugott (2007) sobre os modificadores de grau da língua inglesa que serviu, de fato, de gatilho para a “descoberta” da CSSEA. A autora, para ilustrar a diferença existente entre construções harmônicas e desencontradas, distingue dois tipos de operadores de grau, os **intensificadores** e os **maximizadores**. Os intensificadores projetam o seu núcleo em uma escala localizando-o para cima (*muito*) ou para baixo (*pouco*), enquanto os maximizadores colocam seu núcleo no topo de uma escala (*completamente*). Estes operadores distinguem-se também quanto ao tipo de núcleo com que se relacionam. Assim, intensificadores combinam-se, harmoniosamente, com núcleos graduáveis ou ilimitados e maximizadores com núcleos não graduáveis ou delimitados, como ilustram os exemplos 29 e 30, respectivamente:

29) Hoje foi divulgado mais um cartaz, aliás *muito bonito*, do filme “Avatar“, de James Cameron.

www.pipocablog.pop.com.br/.../confira-um-novo-e-muito-bonito-cartaz-de-avatar

30) Apostila Grátis: Apostilas e Cursos *totalmente grátis!* Serviço de utilidade pública!

www.apostilagratis.com/

Contudo, a autora registra a ocorrência de outros usos possíveis em que, se intensificadores, de modo “incongruente”, se integram com núcleos não graduáveis (exemplo 31), e maximizadores, com núcleos graduáveis, como em 32, temos aí o *mismatch*/desencontro:

31) Dezenas de papéis de parede *muito grátis* para celular e computador PC.

www.papeldeparede.etc.br/fotos/muito

32) Ela é *completamente bonita* da cabeça aos pés

http://forum.jogos.uol.com.br/as-mulezinha-mais-gatas-do-vt_t_1269818?page=2

O exemplo desencontrado em 31 e 32 ilustra, portanto, o fenômeno registrado na CSSEA.

(MACHADO, 2011, p.47 a 49)

Em síntese, as condições do Desencontro definidas para tal construção foram as seguintes:

1. O núcleo apresenta peculiaridades quanto à estrutura que o constituiu. Enquanto as superlativas canônicas lidam com núcleos graduáveis (adjetivos e advérbios), as superlativas de estados absolutos têm como núcleo um adjetivo ou um substantivo ou um advérbio que remete a um estado absoluto e, por isso, a princípio, tem uma dimensão semântica não graduável.
2. Fundamentalmente, o que muda na estrutura das Construções Superlativas de Estados Absolutos é, portanto, o caráter semântico de seu núcleo.
3. A emergência de um padrão com núcleo substantivo também traz um novo ingrediente para a mudança descontraída.

Assim, a visão holística que emerge do conceito de construção nos permitiu reconhecer que a tensão entre os constituintes dessas unidades faz emergir um novo padrão construcional no Português, com sentido e uso peculiares. Os Desencontros, portanto, não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico.

A partir das relações polares de **contrário** e **contradição** (ISRAEL, 2004), aprofundamos a compreensão da dimensão semântico-pragmática do Desencontro, presente na CSSEA (cf. Quadro 11).

Assim, a hipótese sustentada é a de que o núcleo e o sufixo da CSSEA apontam para polaridades diferentes, estabelecendo uma tensão no interior da construção. Enquanto o Núcleo estabelece relações de **contradição**, por ser um Estado Absoluto, não graduável, o sufixo, por ser um modificador de grau, estabelece relações **contrárias**. O TODO, o sentido construcional prevalece sobre a soma das partes, impondo uma polaridade contrária e, portanto, uma escala (*casado, casadíssimo*), sobre bases lexicais de polaridade contraditória (*casado-solteiro*), em que apenas relações binárias são previstas. Tal direção de mudança parece convergir, pelo que vemos no Quadro 11, para relações polares que seriam mais básicas no léxico de uma língua.

Em estudo sobre polaridades semântico-pragmáticas, Israel (2004) distingue três tipos de oposição polar (contradição, contrário e reversão). A oposição por **contradição** (*contradiction*) é o mais fundamental dos tipos de oposição. É uma relação binária, em que um termo precisa ser falso para que o outro seja verdadeiro, assim, as polaridades contraditórias esgotam um determinado domínio em termos de seus valores semânticos. Contudo, a maioria dos domínios conceptuais lida com mais de dois valores possíveis. Nesses casos, as entidades estão em uma polaridade **contrária**. Tal oposição não permite que as duas proposições sejam simultaneamente verdadeiras, mas podem ser as duas falsas. A polaridade contrária se estabelece a partir de inúmeros termos dentro de um determinado domínio, o que requer um domínio no qual as entidades possam ser ordenadas em uma escala. Assim, faz sentido falar em oposições máximas, uma vez que estamos lidando com domínios escalares.

Segundo o autor, os contrários polares são uma das relações semânticas básicas do léxico de qualquer língua; grande parte dos domínios conceptuais mais básicos são escalares por natureza: perceptual, emocional e experiências avaliativas de todos os tipos aparecem em termos de grau, e as palavras que usamos para descrever tais experiências refletem essa “escalaridade”.

(Machado, 2011, p.50 – 52)

Quadro 11: As relações polares de **contrário** e **contradição** (ISRAEL, 2004)

Tendo compreendido o processo que permite a união de um núcleo absoluto e um operador de grau, buscou-se entender os processos de significação emergentes e as características dessa construção. Pôs-se, então, uma questão: Como poderíamos conceber um estado absoluto em termos de grau?

A resposta a essa pergunta apontou para um novo perfilamento dos doze *frames* (Avaliação, Relacionamento_ Pessoal, Estado_Final, Competição, Maternidade, Vivo_Morto, Formação_profissional, Cena_comercial, Moralidade, Autoria, Nascimento, Trabalho) evocados pelo núcleo nominal da CSSEA. Esse novo perfilamento traz à tona uma nova interpretação para os estados/atributos que constituem a CSSEA. Assim, tivemos como resultados um efeito prototípico que traz uma leitura superlativa para a construção.

Outro cuidado analítico foi o estabelecimento da rede a que a CSSEA se vincula, uma vez que, como sustenta a teoria da GrC, construções não são listas aleatórias. Assim, postulamos como seu primeiro elo de herança a construção superlativa harmônica, a **Construção Superlativa Genérica do Português**, constituída pela integração de: (i) Núcleos Graduáveis/ Adjetivos ou Advérbios (*divertido, cansado, feliz*) e (ii) Operadores de Escala Superlativa/ advérbios e afixos (*muito divertido;*

divertidíssimo, super divertido...). Esse nóculo inicial (A) motiva a construção (B) – a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos, em que se verifica o desencontro/*mismatch* (Núcleos não graduáveis/Adj, Subst, Adv) e que recobre tanto formações analíticas (*muito casado, bastante solteiro, muito dentro*) quanto sintéticas (*casadíssimo, casadaço...*). Por fim, a CSSEA com o sufixo -íssimo, dentro do recorte realizado naquele estágio da pesquisa, definiu-se como um elo de uma rede mais ampla de construções superlativas do Português.

Segundo Machado (2011), em termos do mapeamento do ambiente discursivo da CSSEA, os resultados apontaram para a informalidade da construção, e amparados nas seguintes categorias de análise em relação ao gênero textual fonte: (i) temática principal e (ii) gêneros discursivos. De modo geral, tanto a temática quanto os gêneros evidenciaram o grau de informalidade da construção, uma vez que as temáticas principais giraram em torno do Entretenimento (27,19%), Vida Pessoal (22,52%), Serviços e Produtos (20%) e Vida de Celebridade (12%) e os gêneros que as veiculam são, majoritariamente, Comentários (34%), Notícias (21%), Posts (20%) e Fóruns (8,6%). Os usuários da língua recorrem à CSSEA, portanto, para falar, de maneira descontraída, do cotidiano, daquilo que os diverte, de suas vidas, das vidas das outras pessoas, dos artistas etc.

Em termos dos padrões formais, as CSSEA foram descritas a partir de núcleos **Adjetivos** (Estou *solteiríssima* e vim aqui curtir a noite) **Substantivos** (E as *candidatíssimas* a pior atriz da década são: Lindsay Lohan, Jennifer Lopez, Madonna, Mariah Carey e... Paris Hilton!!!) ou **Adverbiais** (Tira essa ideia maluca de disputa da cabeça, viu Tatiana? Eu tô fora! – Fora?! Pois eu faço você *ficar dentríssimo!*). Em nosso *corpus* o padrão mais reiterado foi o constituído por radicais deverbiais participiais (76,5%), como *casadíssimo, eleitíssimo, aprovadíssimo, compradíssimo* e etc. A ocorrência de formas adjetivas não participiais (*gravidíssima, namorandíssimo, vivíssimo*), com frequência menor (23,5%) foram consideradas como uma forma de decalque, i.e., de analogia às formas já existentes no mesmo *frame* ou em *frames* semelhantes.

Os avanços alcançados em nossa dissertação de mestrado em relação à CSSEA apontaram para uma rede de construções merecedora de maiores investigação. Assim, nesta tese, ampliando a investigação e corrigindo seus rumos, buscamos, além da descrição mais ampla da rede, consolidar evidências empíricas que fortaleçam a meta

teórica de uma inserção mais clara da Morfologia Derivacional no campo teórico-analítico da GrC.

4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A natureza dos estudos construcionistas (cf. seção 2.1), subscritos no presente estudo, sugere, como vimos afirmando reiteradamente, um recorte epistemológico que atribui ao uso papel fundamental na emergência da Gramática e do Léxico de uma língua. Este é um pressuposto dos Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010, LANGACKER, 1987; CROFT E CRUSE, 2004), que tem como tese o princípio de que o conhecimento linguístico de um falante deve ser visto como uma rede de símbolos erguidos na cultura através do uso. Nesta direção, apreender a real natureza desse conhecimento só é possível se o observarmos dentro das molduras que configuram o discurso real. De igual modo, reforçam tais teses as bases sociocognitivas empiristas de uma Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 1996, 2003), que vê cada palavra como uma categoria de experiência (cf. seção 2.4.1).

Tais postulações, implicando um sólido compromisso com a empiria, direcionam nossas escolhas metodológicas para uma análise Linguística Cognitiva baseada em *corpus* (FILLMORE, 2008, GRIES, 2006; MCENERY, XIAO E TONO, 2006), o que implica a utilização de uma base volumosa de dados, capazes de fornecer indicadores acerca do uso da construção em seu *habitat* discursivo.

Assim, dentro da perspectiva anunciada, este capítulo apresenta, à seção 4.1, os fundamentos centrais em favor de uma Linguística Cognitiva, e mais especificamente uma Gramática das Construções, baseada em *corpus*. Na seção 4.2, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta dos dados de pesquisa, bem como o desafio de se encontrar uma ferramenta apropriada para a busca. Segue-se um quadro dos dados que serviram de base para nossas análises.

4.1. Por uma Gramática das Construções baseada em *Corpus*

A perspectiva maximalista e não reducionista da linguagem assumida pela GrC (cf seção 2.3) vem requerendo dos estudos linguísticos métodos de pesquisa que privilegiem a língua em uso. Importam, pois, as teses sobre a diferença linguística e suas peculiaridades sociais e culturais e, nesse sentido, as teses universalistas cedem espaço à diversidade.

Considera-se, então, o uso e a reiteração como constitutivos dos padrões construcionais de uma língua. Assim, padrões de frequência apreendidos (frequência de tipos/*type* e de ocorrência/*token*) são vinculados a contextos de uso, o que implica uma visão não aleatória de variação (cf. seção 2.3).

Tal visão empirista e padronizada¹³ da linguagem, fomentada no seio dos estudos linguísticos sociocognitivistas e construcionistas, em especial os Modelos Baseados no Uso (cf. seção 2.3), acaba por determinar uma virada metodológica dentro deste paradigma, baseada na adoção de métodos empíricos (SILVA, 2008) e no uso de grandes massas de dados – os *corpora*.

A mudança metodológica anunciada implica, por certo, uma sólida divergência em relação ao modo de o cognitivismo chomskiano construir as evidências linguísticas. Para os gerativistas dessa vertente, a introspecção é um modo privilegiado de acesso aos dados que, por sua vez, são considerados como **possibilidades** linguísticas admitidas, aceitas pelo conhecimento que o falante tem de sua língua. Dadas as teses da “pobreza de estímulos”, não se tem em foco o uso efetivo ou não de determinada estrutura.

Por outro lado, dimensionados por uma perspectiva **probabilística** da linguagem, os modelos construcionistas defendem que, apesar de possíveis, estruturas linguísticas pontuais e descontextualizadas podem não ser prováveis ou realizáveis no uso real da linguagem.

Nessa direção, argumenta-se também contra uma análise puramente introspectiva dos dados. Segundo Miranda (2008, p. 41), análises fundamentadas apenas no caráter intuitivo do falante podem conduzir a equívocos, uma vez que “aquilo que as pessoas pensam sobre o pensamento e sobre a linguagem não é necessariamente o modo como o pensamento e a linguagem operam”. Ou, nos termos de Fauconnier e Turner (2002, p.V) “o modo como pensamos que pensamos não é o modo como pensamos”.

Contudo, a abordagem metodológica assumida não desconsidera, naturalmente, a introspecção do linguista, um importante indicador na interpretação dos dados. A presença da evidência empírica, a massa de dados, a análise de frequência em contexto de uso específico requerem, de modo qualitativo, o olhar introspectivo e interpretativo do analista. O que está sendo questionado aqui é sua adoção como única fonte de acesso aos dados para pesquisa.

¹³ Entende-se padrão aqui no sentido construcional, isto é, como pares de forma e modos de significação semântico-pragmático.

Fillmore (1992, p. 37) em defesa deste caminho metodológico afirma:

Eu tenho duas observações principais a serem feitas. A primeira é que eu não acho que exista um *corpus*, por maior que seja, que contenha informações sobre todas as áreas da gramática e do léxico do Inglês que eu deseje explorar; todos que eu tenho visto são inadequados. A segunda observação é de que todo *corpus* que eu tive a chance de analisar, ainda que pequeno, me traz fatos que eu não podia imaginar descobrir por qualquer outro modo.

Em Fillmore (2008), reforça-se essa perspectiva quando o autor destaca a importância de se unir o linguista de poltrona (aquele reflete sobre a língua através de suas experiências como falante) ao linguista de *corpus* (cuja investigação da língua se ancora em *corpus*).

No que se refere ao uso de *corpus* para pesquisa, Tognini-Bonelli (2001) diferencia duas perspectivas possíveis. A primeira é a abordagem **baseada** em *corpus* (*corpus-based*), em que o *corpus* serve de base para a exploração de uma hipótese ou teoria, buscando validar, refutar ou reestruturar. Nesse sentido, o uso de *corpus* se enquadra dentro da abordagem metodológica desta pesquisa.

Por outro lado, a abordagem **dirigida** por *corpus* (*corpus-driven*), segunda perspectiva postulada, irá rejeitar o enquadre da Linguística de *Corpus* como uma simples metodologia, postulando o estudo do *corpus* em si mesmo como fonte suficiente para hipóteses sobre a língua.

Contudo, autores como McEnery, Xiao e Tono (2006) não consideram claras as divergências entre as duas abordagens para o trabalho com o *corpus*. Nesse sentido, o presente trabalho assume a posição de uma Linguística baseada em *corpus* de um modo amplo e abrangente.

A escolha por uma Linguística Cognitiva baseada em estudo de *corpora* naturais implica, contudo, um novo desafio para o linguista. É preciso buscar, de modo teoricamente sustentável, procedimentos metodológicos para validação da pesquisa. Embora a Linguística Cognitiva sustente a tese do necessário trabalho com *corpus* (GIBBS, 2006), parece ainda não dispor, de modo geral, de parâmetros metodológicos mais específicos para o trato efetivo dos dados.

Assim, em busca de definições de base, projetos analíticos como o nosso têm buscado **alguns** de seus parâmetros metodológicos para o trato com *corpora* na Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Cabe pontuar, contudo, que a Linguística de *Corpus* se coloca neste estudo como uma fonte metodológica – e não como uma

teoria - porque, de modo convergente com os Modelos de Uso, se apoia na realidade discursiva da linguagem, encarando o desafio da sistematicidade do uso e facultando-nos definições mais precisas acerca da natureza do *corpus* e de procedimentos de ordem quantitativa dos dados. Tal âncora metodológica não significa dizer, contudo, que estamos fazendo Linguística de *Corpus*, uma vez que, como veremos neste capítulo, a natureza de nosso objeto de análise nos obriga a decisões “não muito ortodoxas” do ponto de vista desse modelo. Assim, vale reiterar, a Linguística de *Corpus* tem, neste estudo, um papel de coadjuvante metodológico.

Na próxima seção passamos a apresentar o percurso metodológico em que se baseia nossa análise das Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos.

4.2. A constituição do *Corpus* Específico

O primeiro passo para a análise foi a constituição de um *corpus* específico da construção em estudo, constituído de dados escritos reais e espontâneos de uso linguístico. Considerando os pontos definidores de um *corpus*, buscamos apreender, então, uma grande variedade de registros, formais e informais, da Língua Portuguesa, abrangendo os mais diversificados gêneros textuais, com pluralidade de autoria e heterogeneidade.

Primeiramente estabelecemos as palavras-chave a serem usadas para a busca, uma vez que a busca por sufixos sem uma base nominal levaria a um número exaustivo de dados. Tal procedimento representou, por certo, uma limitação de *types*/tipos e de seus respectivos tokens no *corpus*, o que não impediu, contudo, a constituição de uma base de dados extensa e significativa.

Para a escolha dos núcleos com os quais os sufixos -íssimo, -érrimo, -ésio, -aço -ão/ona iriam se articular, consideramos os estudos de Machado (2011), que se concentravam apenas na CSSEA com o sufixo -íssimo, e ampliamos a rede para os demais sufixos. Abaixo listamos os núcleos que serviram de apoio para a formação da construção:

	BASES
1	<i>Aprovado(a)</i>
2	<i>Assinado(a)</i>
3	<i>Candidato(a)</i>
4	<i>Casado(a)</i>
5	<i>Combinado(a)</i>
6	<i>Comprado(a)</i>
7	<i>Condenado(a)</i>
8	<i>Confirmado(a)</i>
9	<i>Dentro(a)</i>
10	<i>Desempregado(a)</i>
11	<i>Eleito(a)</i>
12	<i>Eliminado (a)</i>
13	<i>Feito</i>
14	<i>Fora</i>
15	<i>Formado(a)</i>
16	<i>Graduado(a)</i>
17	<i>Grávida</i>
18	<i>Morto (a)</i>
19	<i>Namorado (a)</i>
20	<i>Namorando(a)</i>
21	<i>Nascido(a)</i>
22	<i>Noivo(a)</i>
23	<i>Pronto(a)</i>
24	<i>Recomendado(a)</i>
25	<i>Reprovado(a)</i>
26	<i>Separado(a)</i>
27	<i>Solteiro(a)</i>
28	<i>Vendido</i>
29	<i>Viúvo(a)</i>
30	<i>Vivo(a)</i>

Quadro 12: Listas dos núcleos para a construção

A partir daí iniciou-se uma coleta criteriosa de dados com vistas a comprovar ou não a ocorrência de tais *types* em base de dados reais do Português. Tal coleta teve como base, principalmente, três fontes - o *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>), o *site* de busca Google (www.google.com.br), o concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta* (<http://webascorpus.org/searchwac.html>) e, por fim, outra ferramenta eletrônica se mostrou necessária o *WebCorp* (outro concordanciador eletrônico -

<http://www.WebCorp.org.uk/live/>). É o que passamos a descrever nas próximas subseções.

4.2.1 O Corpus do Português

O *Corpus do Português* foi organizado pelos professores Michael J. Ferreira, da Georgetown University e Mark Davies, da Brigham Young University, e é formado por mais de 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos em Português, que vão dos séculos XIV ao XX. A busca pode ser feita a partir de **palavras exatas** ou **frases curingas, classes gramaticais e lemas**, o que facilita a pesquisa de construções morfológicas, uma vez que não é necessário se fazer uma a uma a busca de todas as variações. Como é possível observar-se na Figura 6 abaixo:

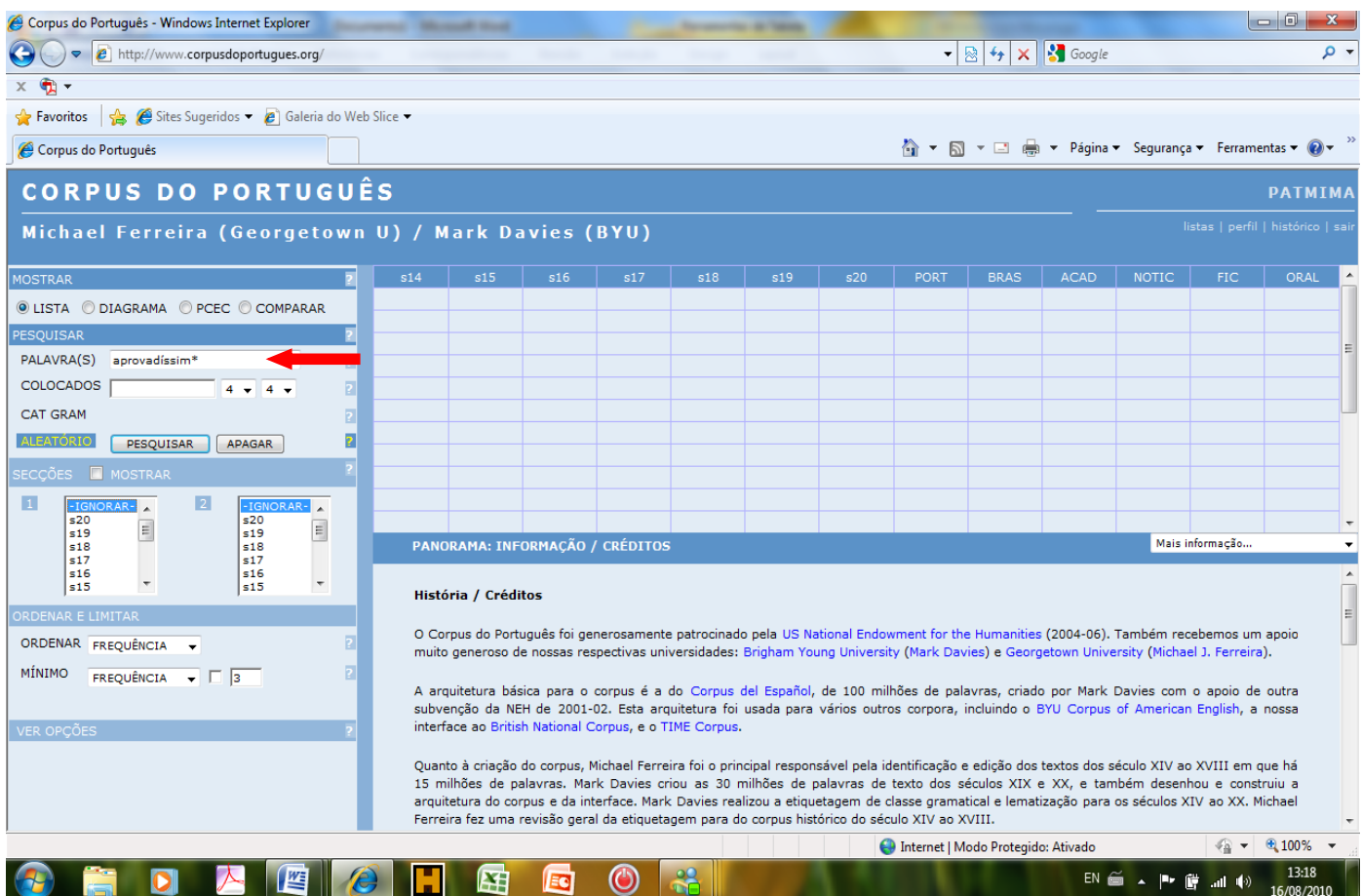


Figura 6: Opções de Busca no *Corpus do Português*

Uma vez que a busca pode ser feita a partir do lema, no *menu PESQUISAR*, coloca-se, um asterisco (*) no final da palavra onde deve ocorrer a variação de gênero

e número (aprovadíssim* - sinalizado pela seta na figura acima) e a busca irá abranger as diferentes instanciações (no caso: aprovadíssimo, aprovadíssima, aprovadíssimos, aprovadíssimas) em uma única pesquisa. A Figura 6 também mostra a possibilidade de se restringir a busca quanto ao século e às seções, restrição essa que não foi utilizada em nosso processo de busca.

Apesar da grande representatividade do *Corpus* do Português, a construção investigada teve uma baixíssima ocorrência em seus *corpora*. Foram encontrados apenas quatro (04) instanciações com os núcleos listados acima (quadro 12), todas formadas a partir do sufixo -íssimo. As ocorrências encontradas são de baixíssima frequência como demonstra a tabela abaixo:

	Type	# de ocorrências	Exemplos
1	<i>prontíssimo(a)</i>	13	A. R. depende o facilitar-me os meios de me ouvir. Estou <u><i>prontíssima</i></u> a desenvolver na sua presença quanto me inspira o mais vivo, o mais ardente
2	<i>reprovadíssimo(a)</i>	2	? que tal acham este fato? AMOROSA - Muito feio. O BAR - <u><i>Reprovadíssimo</i></u> .
3	<i>aprovadíssimo(a)</i>	1	** <u><i>Aprovadíssimo</i></u> no vestibular de Agronomia da Federal, em 1.º lugar, Willian Augusto Castelains Cecílio, filho de Luiz Carlos Halla (Vera Lúcia Castelains) Cecílio.
4	<i>solteiríssimo(a)</i>	1	: chamou-lhe maçónico. Depois foi a madrinha que se sentiu mais do que nunca <u><i>solteiríssima</i></u> e, já, vais ver, deserdou o afilhado. Não contente m mandar

Tabela 4: Ocorrência da CSSD no *corpus* do Português

A questão da distribuição da construção através do tempo encontra-se na seção 5.1.1 no Capítulo 5, em que se analisam, em um panorama mais extenso, algumas questões diacrônicas acerca do fenômeno de intensificação no português.

Mesmo com a grande representatividade dos *corpora* presentes no *Corpus* do Português, acreditamos que o contexto disponibilizado pelo *site* não favorece o surgimento da construção estudada, devido ao caráter mais formal dos gêneros textuais que o constituem (gêneros literário clássico, jornalístico e acadêmico).

Sua organização pode ser vista no quadro abaixo, retirado do próprio *site* do *Corpus* do Português:

PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550,968	XIII	Portugal	
1,316,268	XIV	Portugal	
2,875,653	XV	Portugal	
4,435,031	XVI	Portugal / Brasil	
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	
2,234,951	XVIII	Portugal / Brasil	
10,008,622	XIX	Portugal / Brasil	
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico
3,271,328	XX	Portugal	Notícias
3,048,020	XX	Portugal	Ficção
1,100,303	XX	Portugal	Oral
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico
3,346,988	XX	Brasil	Notícias
3,028,646	XX	Brasil	Ficção
1,078,586	XX	Brasil	Oral

Quadro 13: Relação da distribuição de textos no *Corpus* do Português

Diante da baixa frequência e pouca produtividade do resultado da busca por meio do *Corpus* do Português, fez-se necessário buscarem-se novas formas de se ter acesso à construção em seu uso real e espontâneo. Outros *corpora* tratados presentes no Linguateca (http://www.linguateca.pt/corpora_info.html) foram, assim, consultados e o resultado foi o mesmo.

Frente a tais resultados e à nossa persistência na decisão por manter o objeto da presente tese, procedeu-se à busca de novos recursos para obtenção de dados, recorrendo-se, primeiramente, ao Google.

4.2.2 *As buscas no Google – um oceano de dados*

Frente ao insucesso nas buscas, o Google (www.google.com.br) foi considerado com uma possível saída. Tal *site* nos dá acesso aos mais diversos tipos de *sites* e recebe

informação nova o tempo todo, o que significa acesso ao uso linguístico constantemente renovado em uma grande variedade de gêneros e de autoria. Dentro do *site*, é possível se fazer uma busca avançada, tendo algumas restrições, como idioma, região, data, dentre outros.

Foram utilizadas como restrições, nas buscas feitas por nós, apenas o filtro do idioma (Português) e da região (Brasil). Além disso, a palavra que se queria procurar era colocada entre aspas (“aprovadíssimo”, por exemplo), para restringir a busca àquela palavra, exatamente, nessa forma, evitando possíveis distorções ou aproximações (aprovado, íssimo, etc.).

Contudo, ao utilizar o recurso de busca do Google, mesmo com as restrições, nos deparamos com o problema oposto ao encontrado no *Corpus* do Português: o excesso de dados. As buscas no *site* do Google geravam resultados extraordinariamente grandes, que ultrapassavam 100 mil ocorrências em diversos dos nossos *types*/tipos. A tabela abaixo demonstra o resultado da busca de seis *types* da construção investigada¹⁴:

<i>Type</i>	# de ocorrência
Aprovadíssimo	82.753
Recomendadíssimo	209.388
Solteiríssimo	52.186
Confirmadíssimas	167.369
Gravidíssima	97.560
Prontíssimo	42.405

Tabela 5: Alguns *types* e número de ocorrência no Google

Além do grande volume de dados, a busca também era bastante custosa, uma vez que o *site* Google só permite que a busca seja feita pela palavra exata, o que significa fazer, uma a uma, a busca dos *types* e suas variações de gênero e número.

Outro problema com que nos deparamos nos resultados da busca do Google foi o grande número de repetições e ocorrências indesejadas. Para que pudesse ser utilizado, o resultado gerado pelo Google ainda teria que passar por uma limpeza manual, dados os inúmeros casos repetidos e as muitas ocorrências não relacionadas com a nossa busca. Isso significaria ler uma por uma das centenas de milhares de ocorrências antes

¹⁴ A busca no Google foi efetuada com apenas seis *types*, pois foi constatada a inviabilidade de se utilizarem os resultados na atual pesquisa.

mesmo de analisarmos. Esse seria um trabalho gigantesco, para o que não teríamos tempo (e nem corpo!) para executar.

Diante desses problemas, a utilização do Google como ferramenta para a constituição de nosso *corpus* específico foi inviabilizada. Contudo, o trabalho não se perdeu - o Google atestou a possível produtividade e, especialmente, o grau elevado de convencionalização da construção (frequência de tokens), dando-nos novo fôlego para a pesquisa.

4.2.3. O concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta*

Como é possível constatar até aqui, os desafios de se realizar uma pesquisa linguística com base no uso real da linguagem não são poucos. O nosso percurso para a constituição do *corpus* enfrentou desde a quase completa escassez de dados à abundância insustentável deles. A descoberta do concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta* (<http://webascorpus.org/searchwac.html>) representou, por fim, o encontro da ferramenta adequada à nossa busca.

O *Web Concordancer Beta* é uma ferramenta eletrônica que permite buscar, através de uma palavra-chave, a ocorrência de determinada construção no meio digital. Para tanto, utiliza-se o *site* Bing (<http://www.bing.com/?cc=br>) como base de busca. O Bing é um *site*, em expansão, que se assemelha, e muito, ao Google e, por isso, possibilita o acesso a uma grande diversidade de *sites*, como *blogs*, jornais e revistas eletrônicos, *sites* de compra, redes de relacionamento, etc.

Sendo assim, e evitando problemas semelhantes ao que aconteceu na busca no *site* do Google, o *Web Concordancer Beta* possibilita ao pesquisador, em “Source Options”, restringir o número de páginas em que será feita a pesquisa, entre 10 até 500 páginas, como é possível se perceber na Figura 7, abaixo, destacado em 1. Contudo, o manual da ferramenta sugere que o limite fique entre 300 a 400 páginas, uma vez que o servidor sofre restrições de tempo de excussão e pode não dar conta de verificar todas as 500 páginas. Selecionado o número de páginas desejadas, o processo de busca efetua a pesquisa das páginas mais recentes para as mais antigas. Nesse sentido, buscas realizadas em épocas diferentes terão resultados diferentes, uma vez que o acervo de páginas do provedor é constantemente renovado.

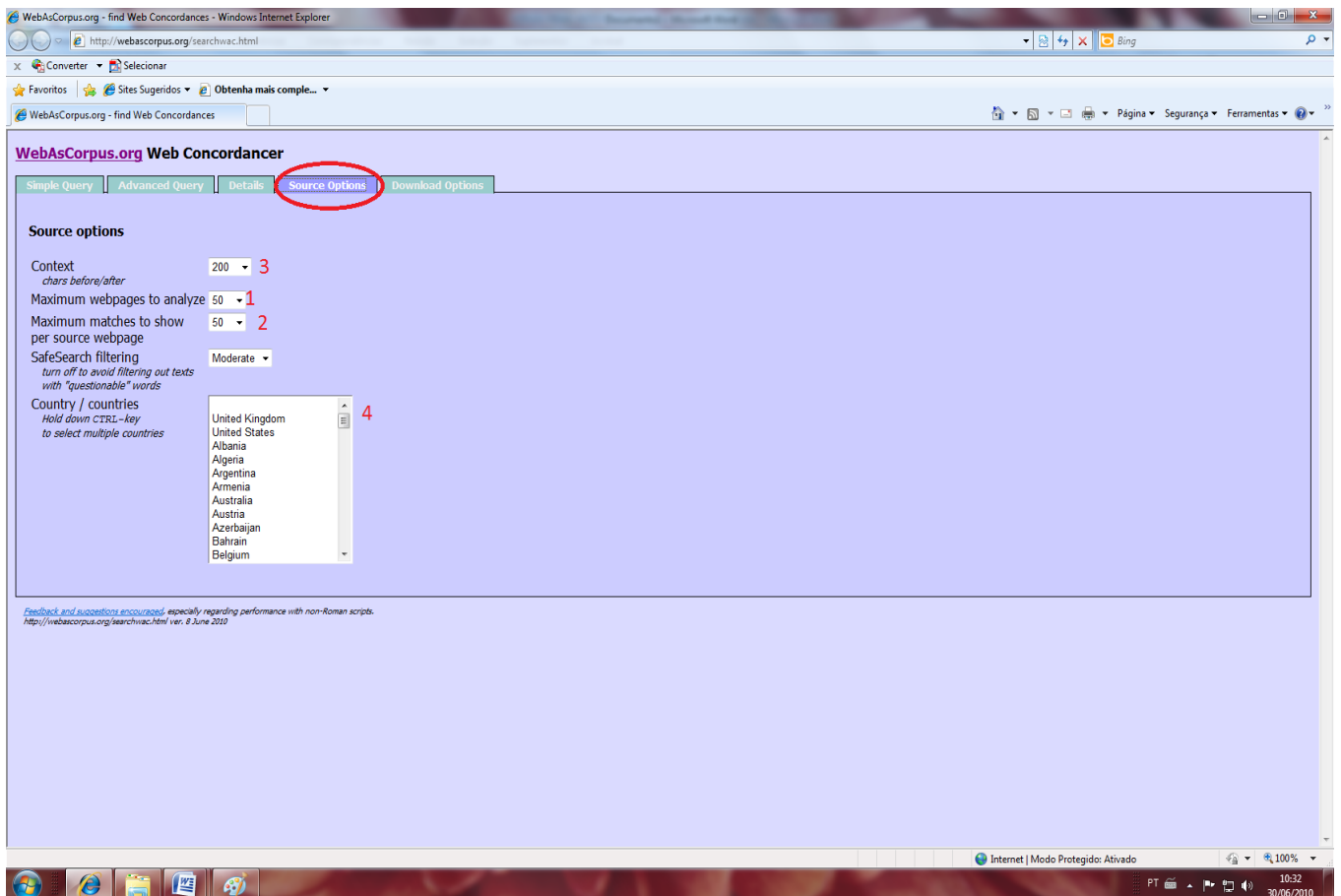


Figura 7: Opções de Busca no *Web Concordancer Beta*

Além disso, é possível se especificar o limite de ocorrências a serem encontradas em uma mesma página. Essa opção possibilita o controle das repetições da construção em uma mesma página e pode-se optar por 10 a 100 ocorrências por página (destacado em 2, na Figura 7), uma vez que 100 é o limite estabelecido pelo servidor Bing.

De acordo com as necessidades de análise, pode-se, também, definir o tamanho do contexto no qual a construção está inserida, em termos da quantidade de palavras. Assim, o programa fornece a possibilidade de se especificar o número de palavras ao redor da construção, que pode ser de 50 a 1000 palavras (destacado em 3, na Figura 7).

O *Web Concordancer Beta* permite que a busca seja feita em várias línguas e ainda diferencia o Português do Brasil e o Português de Portugal (destacado em 4, na Figura 7). Apesar de só possibilitar a busca através da palavra exata, o programa dispõe de uma ferramenta de busca avançada que permite que seja feita, a um só tempo, o rastreamento de várias Unidades Lexicais (no nosso caso, uma unidade lexical flexionada em gênero e número), sendo possível, inclusive, delimitar a busca em páginas em que uma determinada palavra apareça ou não (Figura 8):

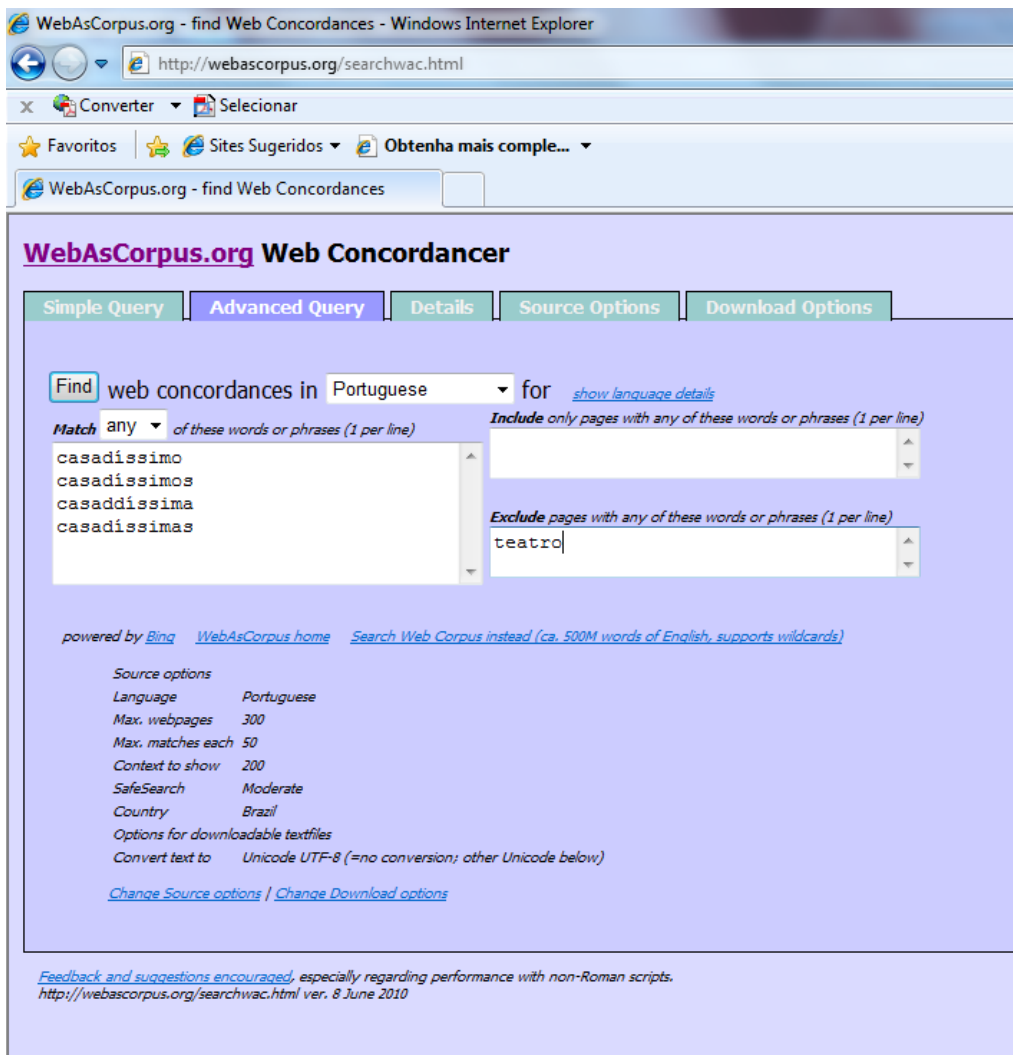


Figura 8: Busca simultânea de *types* no Web Concordancer Beta

A partir das especificações acima descritas, o resultado da busca é um documento em que aparece o item investigado, em destaque, dentro de seu contexto de uso, com limites previamente estabelecidos. Os resultados ainda incluem algumas informações estatísticas, como o número de palavras e parágrafos que contém cada página e também uma média de palavras por parágrafo, o que possibilita a averiguação do universo que constitui o *corpus* específico. Além disso, esse documento com os resultados ainda oferece o *link* da página e a indicação da linha em que aparece a construção, o que possibilita que se retorne ao contexto original e se ache, com maior facilidade, o item investigado, como é possível se verificar na Figura 9:



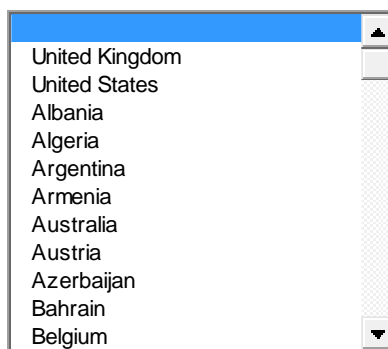
Figura 9: Resultado de busca no Web Concordancer Beta

De fato, essa nova ferramenta trouxe grandes facilidades para o processo de coleta de dados, apesar de não dispensar o trabalho manual de limpeza e desambiguação dos dados, uma vez que seus resultados ainda apresentam ocorrências repetidas e indesejadas para a pesquisa, como os casos de polissemia, por exemplo.

O procedimento de busca para a construção de nosso *corpus* específico foi submetido às seguintes restrições:

Opções	
Contexto <i>palavras antes/depis</i>	1000
Máximo de wepages analisadas	400
Máximo de ocorrências por webpage	50
Filtro	Moderate

País



Assim, a tabela abaixo demonstra o resultado obtido através da busca dos 30 *types* instanciados utilizando a ferramenta Web Concordancer Beta, já devidamente limpos¹⁵:

¹⁵ Em anexo (ANEXO 1), as ocorrências de cada *type* específico.

	BASES	-íssimo	-érrimo	-ésimo	-aço	-ona	-ão
1	<i>Aprovado(a)</i>	423	114	12	52	39	73
2	<i>Assinado(a)</i>	64	5	---	1	5	1
3	<i>Candidato(a)</i>	552	3	---	13	16	13
4	<i>Casado(a)</i>	316	29	4	07	14	36
5	<i>Combinado(a)</i>	61	8	---	1	---	24
6	<i>Comprado(a)</i>	36	---	---	8	---	13
7	<i>Condenado(a)</i>	14	---	---	---	---	2
8	<i>Confirmado(a)</i>	473	30	17	29	1	21
9	<i>Dentro(a)</i>	112	3	---	73	36	41
10	<i>Desempregado(a)</i>	4	---	---	---	---	4
11	<i>Eleito(a)</i>	11	---	---	1	---	222
12	<i>Eliminado (a)</i>	12	---	---	---	---	2
13	<i>Feito</i>	86	3	---	11	63	111
14	<i>Fora</i>	80	3	5	227	96	69
15	<i>Formado(a)</i>	50	---	---	---	---	2
16	<i>Graduado(a)</i>	31	---	---	---	---	2
17	<i>Grávida</i>	187	21	60	1	52	---
18	<i>Morto (a)</i>	5	---	---	3	174	411
19	<i>Namorado (a)</i>	12	1	---	2	26	42
20	<i>Namorando(a)</i>	2	---	1	---	---	1
21	<i>Nascido(a)</i>	---	---	---	---	---	2
22	<i>Noivo(a)</i>	54	---	---	1	8	6
23	<i>Pronto(a)</i>	258	16	---	1	9	13
24	<i>Recomendado(a)</i>	301	8	2	19	---	17
25	<i>Reprovado(a)</i>	64	1	---	1	8	1
26	<i>Separado(a)</i>	27	---	---	2	1	43
27	<i>Solteiro(a)</i>	75	3	2	31	109	50
28	<i>Vendido</i>	26	---	---	8	7	17
29	<i>Viúvo(a)</i>	5	---	---	---	25	---
30	<i>Vivo(a)</i>	211	2	---	240	382	209
	Total/ Type	3.552	250	103	732	1.071	1.448
	Total de ocorrências	7.156					

Tabela 6: *Types* e Ocorrências da CSSD com Web Concordancer Beta

4.2.4. Ampliando os dados: o uso do WebCorp

Seguindo recomendações dadas durante a qualificação, partimos para um segundo momento de coleta de dados, a fim de se esgotarem as possibilidades de combinação de núcleo que abrange as Construções Superlativas Sintéticas de Estados

Absolutos. Partiu-se então para a investigação de instanciações da construção com o núcleo formado por substantivos.

Contudo, devido a uma modificação na estrutura de funcionamento do servidor do site de busca *Bing*, o concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta* não se encontrava mais em funcionamento desde 01 de agosto de 2012. Mais um percalço no turbulento caminho de instituir um *corpus*. Assim, foi necessária a busca por outra ferramenta que possibilitasse, de maneira sistemática, o acesso aos dados.

Encontramos outro concordanciador eletrônico – o *Web Corp Live* (<http://www.WebCorp.org.uk/live/>) – que, da mesma forma como o anterior, utiliza-se de sites de busca na *internet* para promover uma coleta de dados específica e quantitativa. Contudo, essa ferramenta é mais restrita que o *Web Concordancer Beta*, uma vez que suas buscas recorrem apenas a 50 sites diferentes.

Tal restrição não foi um impedimento para nossa pesquisa, dado o caráter altamente emergente do fenômeno investigado – i.e. sufixos superlativos combinados com núcleos substantivos. Outro fato relacionado ao grau de emergência dos fenômenos é a ausência de ocorrências com outros sufixos superlativos que não o -íssimo.

Devido ao imenso universo de possibilidades, buscamos, então, selecionar, com a ajuda de nossa intuição e do dicionário, cinco substantivos com cada letra do alfabeto e assim testá-los com sua forma superlativa no *WebCorp Live*.

Somam-se, assim, ao conjunto das Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos formadas a partir de núcleos adjetivos e adverbiais, mais 41 *types* com um total de 263 ocorrências, apresentadas na tabela abaixo, em ordem decrescente quanto ao número de ocorrências.

	Bases	# de ocorrências	Exemplos
1	<i>momento</i>	34	<i>a coragem e a desenvoltura de Djanira, mas confessemos, nossa heroína, nesse momentíssimo, arregalou e esbugalou os olhos de um susto.</i>
2	<i>pimenta</i>	27	<i>nachos, guacamole, feijão com pimenta, pimentíssima e flatulências.</i>
3	<i>feriado</i>	23	<i>feriadíssimo já pode chegar.</i>
4	<i>literatura</i>	21	<i>Ósculos e amplexos da professora de Literaturíssima. Steller.</i>
5	<i>jogo</i>	18	<i>Nido é o irmão do caba lindo, então ele é um quase-lindo!!!é o joguíssimo do momentíssimo! Avatarvaidibolo · Vaidibolo</i>
6	<i>vestido</i>	15	<i>Ally está simples e casual com a sua', contrastando com o vestidíssimo de noite de Renne.</i>
7	<i>oferta</i>	14	<i>após encontrar uma ofertíssima de passagem aérea com a WizzAir</i>
8	<i>novidade</i>	12	<i>YEY! Quem me segue no instagram já soube da novidadíssima da Intrínseca: um concurso cultural que vai</i>
9	<i>loja</i>	10	<i>lojíssima da helo.</i>
10	<i>filme</i>	9	<i>Filmíssimo no Sbt!</i>
11	<i>sorvete</i>	7	<i>Alimentação Café Vida Noturna Diversão Comprar um sorvetíssimo.</i>
12	<i>sol</i>	6	<i>O solzíssimo vai dar as caras sem do nem piedade.</i>
13	<i>bolo</i>	5	<i>O verdadeiro bolo caseiro você encontra na Bolíssimos</i>
14	<i>Urso</i>	5	<i>Ursíssimo Voz de Cristal _ é um urso que fugiu do jardim zoológico porque ouviu dizer que o mundo era um lugar bacana e quis ver se era mesmo.</i>
15	<i>beleza</i>	4	<i>Salão de beleza Belezíssima.</i>
16	<i>caderno</i>	4	<i>Tem caderníssimo para ele também!</i>
17	<i>joia</i>	4	<i>Boi a pasto: Joíssima na Índia</i>
18	<i>poema</i>	4	<i>poemíssimo do Drummond!</i>

19	bebê	3	Analú Brum Bebezíssimo lindo de titia
20	comida	3	acharam de tudo: Comidíssima , Bem temperada, familiar
21	gol	3	Golzíssimo de Totti.
22	hambúrguer	3	Destruí esse hamburguíssimo meeeesmo.
23	menina	3	Chegou a Meniníssima , a loja virtual das mulheres
24	alma	2	Velando-te a forma almíssima e nua!... Tenho saudade, de ti – minh'alma!
25	almoço	2	Almocíssimo Japaaaa
26	cama	2	analú tem uma camíssima de casal toda pra ela.
27	camisa	2	Humildemente alguns cearenses elegantes não ficam menos tcham usando Camisíssima , italiana de Milão
28	casa	2	O Casíssima está no Facebook, e hoje completamos 2000 likes!
29	dica	2	Obrigado pela diquíssima Beijos Gilberto
30	final	2	O Hidrocor está se preparando para lançar até o finalzíssimo deste ano seu primeiro disco
31	telefone	2	Djanira ouvindo tudo através do telefoníssimo verde
32	biscoito	1	Maravilhoso esse Brownie de Colher da Biscoitíssimo .
33	cabelo	1	Para você, amiga noiva, que tem um cabelíssimo curtinho, ou que morre de vontade de sair batendo um cabelinho curtinho por aí, olhem que linda esta foto
34	café	1	Pensamento do dia: Preciso de um café, extra, extra forte, extra, extra longo, e extra , extra cafézíssimo!!
35	cerveja	1	Brahma Chopp, a ervejíssima .
36	dúvida	1	Os programas sociais são, sem duvidíssima alguma necessários!
37	foto	1	Estúdio Fotíssima Trindade - Estúdio fotográfico em Brasília
38	natal	1	- mas feliz natalzíssimo pra vcŽs

39	<i>pernilongo</i>	<i>1</i>	<i>Tô num lugar tão legal que acabaram de passar em minha frente um rato/gambá de 50cm, um pernilonguíssimo de umas 3 pol e uma febre amarela.</i>
40	<i>salário</i>	<i>1</i>	<i>E nós ainda pagamos o salaríssimo dos adolinqentes</i>
41	<i>som</i>	<i>1</i>	<i>Sonzíssimo rapá!! Aquela coisa de época, bonita</i>
Total de ocorrências		263	

Tabela 7: Types e ocorrências da CSSD com WebCorp

Assim, nosso *corpus* específico para pesquisa, unindo os resultados das duas buscas a partir das ferramentas *Web Concordancer Beta* e *WebCorp* , soma 165 *types* e 7.419 tokens da CSSD.

Passemos, então, à análise das Construções Superlativas Sufixais de Desencontro.

5. A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SUFIXAL DE DESENCONTRO – DEFINIÇÕES E REDES

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
(...)

(Língua – Caetano Veloso¹⁶)

O presente trabalho, dando continuidade ao estudo de Machado (2011), institui como objeto de estudo uma construção mórfica instanciada a partir de um desencontro/*mismatch* (cf. seção 3.5). Desse modo, um sufixo marcador de grau que expressa valor superlativo (*-íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão/-ona*) se integra com um núcleo não graduável (*casado, desempregado, combinado, camisa, oferta, feriado*), o que, a princípio, parece ser uma incongruência em termos do que canonicamente se prevê para as Construções Modificadoras de Grau. O resultado dessa articulação, contudo, é uma nova construção - aqui nomeada como Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD) - que projeta estados *não graduáveis* em uma escala de intensidade superlativa (cf. seção 3.5).

Os exemplos abaixo circunscrevem o nosso objeto:

33) **Gravidíssima**, Camila Alves leva seu barrigão para passear

<http://busca2.globo.com/Busca/ego/?query=%22Gravidez%22>

34) Se empolguem, mas nao muito, girls. O Edu é **casadérrimo**

<http://www.tramadopormulheres.com.br/2009/12/21/hot-links-em-tpm/>

35) "**Confirmadésimo!** Glória Pires faz a novela de Gilberto Braga, morre dois meses antes do fim e vai estrelar minha próxima novela", escreveu Aguinaldo em seu Twitter.

¹⁶ Disponível em <http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/lingua.html#ixzz3qun0HK5Q>

<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1598832-9798,00-GLORIA+PIRES+FARA+DUAS+NOVELAS+SEGUIDAS+A+DE+GILBERTO+BRAGA+E+A+DE+AGUINALD.html>

36) **REPROVAÇÃO** - O PIOR DE TODOS

www.ecbahia.com/ecbahia/forum/mensagem.asp?threadID=90677

37) MLeiria disse... *Assinadão!*

www.dragoscopio.blogspot.com/.../e-agora-para-algo-realmente-urgente-e.html

38) *To dentrona* dessa idéia

www.divadaregina.blogspot.com/2010/12/bate-papo-do-agora-ou-nunca.html

39) Lygia cria um de seus mais famosos grupos de personagens, entre os quais o *ursíssimo* Voz de Cristal, o coelho Cara-de-pau, e os vira-latas Virinha e Latinha: seres abandonados, vivendo à margem da vida

<http://www.casalugiabojunga.com.br/pt/acasa.html>

Frente à perspectiva sociocognitivista e construcionista reivindicada neste estudo (cf. cap. 2 e Introdução) para o tratamento do contínuo entre Gramática e Léxico, nossa decisão teórico-analítica inicial consiste em afirmar **o estatuto de construção para o morfema** (cf. 2.5.1). Nesse sentido, alinhando-nos com as propostas de Goldberg e sua Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006 _ cf. seção 2.1), concebemos as unidades de todos os tamanhos (do morfema ao texto) em termos de pares de forma e modos de significação semântico-pragmático, o que equivale a dizer que tanto na vida como na língua “tamanho não é documento”.

Dado o espaço insignificante que a Morfologia vem ocupando na proposta programática da GC (cf. Introdução), este estudo tem, como objetivo central, uma agenda meta-teórica que consiste em buscar contribuições que auxiliem na afirmação da Morfologia Derivacional no campo teórico-analítico da Gramática das Construções.

Tendo recortado o objeto, a meta central e a perspectiva teórica sobre ele instaurada, demarcamos a agenda teórico-analítica a ser cumprida neste estudo, qual seja:

- desvelar as peculiaridades dos polos formal e semântico-pragmático da *Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD)* revisitando as contribuições de Machado (2011) e ampliando-as de

modo a recobrir outros *types* sufixais da rede (X -érrimo, -X-ésimo, X-aço, X-ão/-ona), além de X-íssimo;

- propor uma formalização adequada para a representação de construções mórficas em estudo, de modo a recobrir e delimitar suas especificidades;
- definir os elos de herança que instituem este nóculo da rede de construções mórficas superlativas e, de modo mais amplo,
- promover a articulação entre os resultados analíticos auferidos e a meta de equacionamento entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções.

Para tanto, passamos à apresentação do percurso a ser desenvolvido neste capítulo. Começamos por um pequeno panorama sobre o advento histórico e distribuições sincrônicas da **CSSD** (seção 5.1). Em seguida (5.2), promovemos uma breve discussão sobre a complexa definição da categoria de Intensidade (e sobre sua expressão linguística), o que circunscreve a efetiva função semântica da CSSD. Na seção 5.3, apresentamos a **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro** (CSSD) e seus subpadrões **Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos** (CSSEA) e **Construção Superlativa Sufixal de Referência** (CSSR), cujos Construtos são formalizados e descritos às subseções 5.3.1 e 5.3.2, respectivamente. A rede de herança da CSSD é postulada na seção 5.4. A seção final é dedicada a contribuições e restrições analíticas deste estudo na consideração do *continuum* semântico-pragmático.

5.1 A CSSD – registro histórico e distribuições sincrônicas

Nesta seção, nos detemos em um rápido olhar sobre o advento histórico das formações mórficas superlativas, de modo a saber em que tempo a **CSSD** fixa suas raízes. Em seguida, apresentamos os quadros sincrônicos que mostram as distribuições dos distintos *types* da construção, com suas bases adjetivas/adverbiais e também substantivas.

5.1.1- O advento em Português

Conforme anunciado à seção 3.1 acerca das origens latinas dos marcadores mórficos superlativos, os resultados bastante incompletos alcançados por nossa pesquisa bibliográfica nos estimularam a uma pequena busca de dados históricos sobre seus surgimentos no Português. Para tanto, elegemos o *Corpus* do Português (cf. seção 4), uma vez que esta base de dados possibilita uma busca diacrônica a partir do século XIV até o XX. As buscas se deram a partir de formações constituídas pelos sufixos -íssimo, -érrimo e -ésimo (ANEXO 3) e tiveram como foco apenas a distribuição das mesmas ao longo dos séculos contemplados pelo *corpus*. O gráfico 1 abaixo nos dá esse panorama:

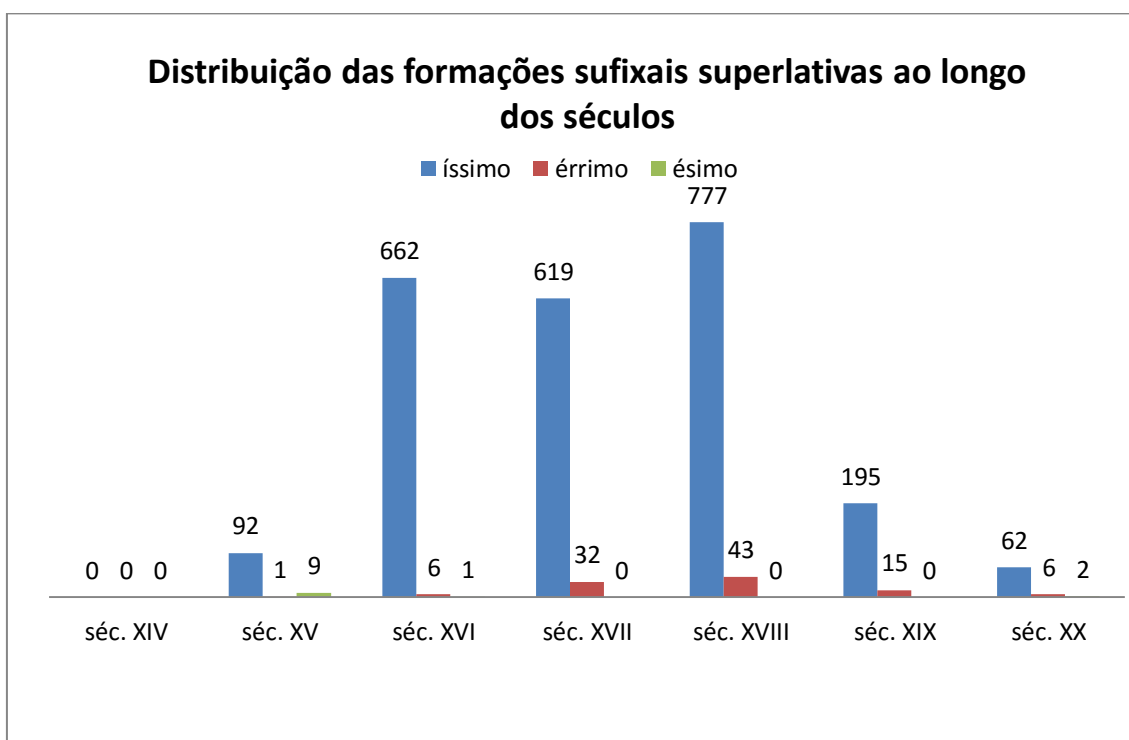


Gráfico 1: Distribuição das formações sufixais superlativas no Português ao longo dos séculos

A busca no *Corpus* do Português nos traz três pontos importantes. Os dois primeiros ficam claros na leitura do gráfico. Primeiro, a constatação do aparecimento do sufixo -íssimo apenas no século XV, gerando resultado nulo para a busca no século anterior, o que corresponde exatamente ao período inicial demarcado como o movimento de busca por erudição linguística. Tal movimento faz emergirem, nas línguas neolatinas, os sufixos superlativos latinos (cf. seção 3.1).

Nesse período (sec. XV), encontramos um total de 102 ocorrências, sendo 92 casos de -íssimo e -érrimo e -ésimo somam 10 ocorrências. Assim, mesmo que de modo tímido, os dois últimos sufixos também marcam presença.

O outro ponto relevante é a confirmação do padrão X-íssimo como o mais produtivo também na Língua Portuguesa (como no Latim). Fica clara a sua preponderância durante os séculos XVI ao XVIII. Quanto à forte diminuição de ocorrências nos séculos XIX e XX, uma hipótese bastante plausível é a natureza dos gêneros textuais que constituem o *Corpus* do Português dessa época – majoritariamente acadêmicos e notícias (cf. cap. 4), em contraposição aos gêneros literários prevalentes nos séculos anteriores. Por certo que a busca pela imparcialidade naqueles gêneros traz marcas discursivas de impessoalização, o que vai de encontro às escolhas de marcadores superlativos, fortes marcadores de subjetificação, de avaliações (cf seção 3.3 e subseção 3.4.1).

A terceira tendência, com o maior alinhamento com o objeto investigativo dessa tese – a **CSSD** – são os indícios de que a expansão de padrões de uso das formações superlativas começou antes do que imaginávamos. Desde o século XVII (XVIII e XIX), encontramos ocorrências de *prontíssimo* (hoje um *type* marcadamente convencionalizado); no século XIX e XX, um novo exemplar *reprova-díssimo*; no século XX, *solteiríssimo*, como ilustram os exemplos abaixo:

SÉCULOS	TYPE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	EXEMPLOS
Séc. XVII	Prontíssimo	6	Se fôra possível morrer eu tantas vezes quantas almas há no inferno, com vontade prontíssima e caridade perfeitíssima entregaria meu corpo por cada uma aos mesmos
Séc. XVIII	Prontíssimo	3	tenho a honra de ir a receber os seus preceitos, que sempre executarei com prontíssima vontade, e desculpe Vossa Ilustríssima o mal arrumado deste escrito,
Séc. XIX	Prontíssimo	4	DENTISTA foreignlanguage Si é al senhor seu padre, estou prontíssimo! Sinhori, quistano unos polvos para limpari dente,
	reprovaðíssimo	1	? que tal acham este fato? AMOROSA - Muito feio. O BAR - <i>Reprovaðíssimo</i> .
Séc. XX	solteiríssimo	1	chamou-lhe maçónico. Depois foi a madrinha que se sentiu mais do que nunca <i>solteiríssima</i> e, já, vais ver, deserdou o afilhado. Não contente m mandar
	aprovaðíssimo	1	** <i>Aprovaðíssimo</i> no vestibular de Agronomia da Federal, em 1.º lugar, Willian Augusto Castelains Cecílio, filho de Luiz Carlos Halla (Vera Lúcia Castelains) Cecílio.

Tabela 8: Ocorrências de CSSD ao longo dos séculos

As ocorrências listadas até aqui mostram uma ampliação da valência das construções superlativas em termos semânticos, uma vez que se licencia a integração de um operador de grau (*-íssimo*) com um núcleo/escopo definido com estado absoluto e, por isso, não graduável.

Contudo, outra espécie de ampliação também foi registrada. É o caso de *primeiríssimo*, encontrado nos séc. XIX (1 ocorrência) e séc. XX (2 ocorrências). Além do caráter absoluto do núcleo, *primeiríssimo* também licencia uma expansão formal da construção - um numeral, em vez de um adjetivo.

Percebemos, então, uma possível diluição das restrições para a formação das construções mórficas superlativas, começando nos séculos iniciais com o relaxamento das restrições semânticas, viabilizando construções com escopos definidos como estados absolutos, até atualmente em que essa mudança amplia a gama de combinações de categorias formais possíveis para o escopo da construção – de adjetivos para outras

categorias, incluindo hoje, no *corpus* contemporâneo desta pesquisa, até os substantivos (expressões referenciais não graduáveis) como possíveis núcleos, como mostramos na subseção a seguir.

5.1.2 Distribuições sincrônicas

Conforme apresentado à Metodologia (tabelas 6 e 7), nosso *corpus* reúne construções formadas a partir de: (i) sufixos superlativos (-íssimo, -érrimo, -ésimo) e (ii) sufixos polissêmicos, listados pelas gramáticas tradicionais como aumentativos (-ão, -ona, -aço), totalizando 7419 ocorrências/ tokens que englobam escopos adjetivo, advérbio e substantivo.

A distribuição destes operadores de grau na CSSD se dá da seguinte forma: os sufixos superlativos correspondem a 56,2% de ocorrências, 4.168 tokens; e os sufixos originariamente aumentativos com valor superlativo correspondem a 43,8% com um total de 3.251 tokens.

Estando em sua função prototípica, os sufixos superlativos apresentam, assim, uma frequência maior, contudo, a ocorrência dos sufixos prototipicamente reconhecidos como aumentativos é muito significativa. Tal resultado pode ser explicado devido à baixa representatividade da frequência das construções com -érrimo e -ésimo. Assim, a **CSSD** com -íssimo equivale a 3.815 tokens (91,5%) das 4168 ocorrências formadas a partir dos sufixos superlativos, o que deixa os sufixos -érrimo e -ésimo, somados, com o reduzido percentual de 8,5 % das ocorrências.

Os sufixos aumentativos (em sua origem) apresentam uma distribuição bem mais homogênea: -aço (732 tokens; 22,5%), -ona (1071 tokens; 33%), -ão (1448 tokens; 44,5%). O gráfico abaixo mostra a distribuição dos *clusters* de operadores superlativos e de operadores originariamente aumentativos (com valor de intensificação) nas ocorrências da **CSSD** e a distribuição de cada sufixo dentro de seu grupo específico.

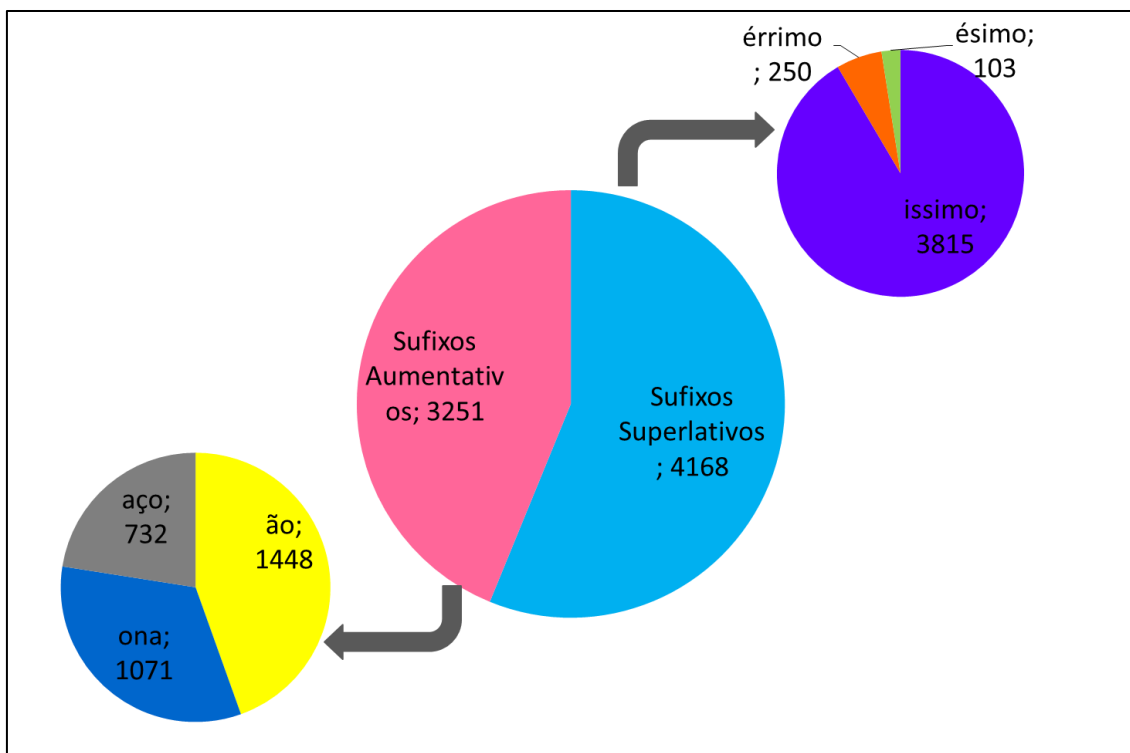


Gráfico 2: Distribuição dos *tokens* referentes aos Marcadores de Grau Superlativo da CSSD

5.2 A CSSD e sua acepção de Intensidade

Parece inevitável a intimidade com a noção de intensidade em nossas vidas. E, à primeira vista, deveria ser uma tarefa fácil defini-la. Contudo, apesar da vivência, a conceptualização desse conceito é bastante complexa e variada.

Castilho (2012, p.512), ao diferenciar os adjetivos dos substantivos, anuncia a noção de grau como “intensificação ou atenuação de traços predicativos”, colocando tais categorias em posição diferente:

Câmara Jr. (1970:73) mostra que as duas classes [adjetivo e substantivo] se comportam da mesma forma quanto ao morfema [-s], marcador de plural, como se vê no substantivo *mesas* e *brancos*. Já o sufixo {-íssimo} só ocorre com adjetivo sendo repellido pelo substantivo: *branquíssimo*, mas **mesíssima*, quando esse sufixo se aplica a um substantivo ocorrerá sua recategorização, como se vê em “o governador é *candidatíssimo* a presidência da república”. Grau é a intensificação ou a atenuação de traços predicativos, e os substantivos são expressões não graduáveis. O que sim os substantivos têm são sufixos derivacionais que indicam o tamanho, como em *mesona*, *mesinha*, mas tamanho não é grau. Dizem que tamanho nem documento é...

Que tamanho não é documento podemos até concordar, mas afirmar que tamanho não é grau, nem sempre equivale à verdade se tomamos a forma como

conceptualizamos a noção de intensidade – “um *enorme* problema teórico” (INTENSIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO)! Assim, dada a complexidade de tal noção, são muitas as projeções metafóricas usadas para defini-la. De fato, não falamos de intensidade a não ser projetando-a em outro domínio mais familiar ao cotidiano de nossas vidas. E isto nos remete às bases experienciais e corporificadas do nosso processo de conceptualização e categorização postuladas pela Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 1980 [2002], 1999; Johnson, 1987). Assim, projetando a intensidade em termos superlativos, “amamos com toda *força* do mundo” (INTENSIDADE É FORÇA), “colocamos *fogo* na paixão” (INTENSIDADE É CALOR) e, também, “achamos alguma coisa *top*” (INTENSIDADE É ESCALA).

A dificuldade de conceituar o domínio semântico da intensidade é tal que, mesmo as definições teóricas encontradas acabam por definir tal noção de modo metafórico. É o que corre com a definição de Claridge (2011, p. 9) para Intensificação:

Intensificação pode ser mais precisamente definida como o posicionamento de um predicado **em uma escala** ou o grau de realização de um predicado, alcançando desde **extremamente/ muito baixo a extremamente/ muito alto**.

Nesse sentido, os intensificadores são definidos, de modo geral, como dispositivos linguísticos que impulsionam o sentido de uma propriedade para cima de um padrão determinado (QUIRK et al. 1985). Desse modo, em um primeiro momento, pressupõe-se que a propriedade com que combinam seja escalar.

Nessa direção, ao que parece, a conceptualização de intensidade teria como base mais primária um esquema de nossa experiência – o esquema imagético da Escala. Através deste esquema, constituiríamos a noção dinâmica dos domínios escalares projetando aumento, diminuição ou estabilidade de um determinado predicado. Segundo Johnson (1987:122):

(...) o mundo é experienciado parcialmente em termos de aumento, diminuição e igualdade. Pode-se ter mais, menos ou o mesmo número de objetos, quantidade de substância, graus de força, intensidade de sensação.

Assim, a noção básica de escala permearia todas as outras metáforas de intensidade, permitindo a projeção de domínios escalares de dimensão, força, quantidade, sensação/ emoção (física ou afetiva).

Outra dimensão do estudo da intensidade, esta mais comumente tomada como objeto, respeita à sua expressão na gramática. O que se discute, então, são as bases

categoriais passíveis de serem graduadas e as formas de expressão do grau. Dentro da Tradição Gramatical (cf. seção 3.2), confere-se o grau ao substantivo, ao adjetivo e mesmo ao advérbio. Castilho, citado nesta seção, ao contrário, exclui os substantivos desta condição de graduação, reservando-a aos adjetivos. Cunha e Cintra (2001, p. 261) acrescentam o necessário caráter graduável dos adjetivos que flexionam em grau: “para que um adjetivo tenha comparativo ou superlativo, é **obviamente indispensável** que o seu sentido admita variação de intensidade”. (Cunha e Cintra, 2001, p. 261, grifo nosso). Para os autores, Adjetivos Classificatórios (como *atmosférico*, *morfológico*) e de Relação (como *férreo*, *materno*) não se flexionam em grau, devido ao caráter específico e unívoco de seus sentidos.

É fato que os autores, em suas restrições, remetem às condições genéricas das construções de modificação de grau, sejam sintéticas (mórficas, portanto) ou analíticas (lexicais e sintáticas). Assim, é na contramão de tais restrições que se define a CSSD, desafiando a regra e graduando adjetivos, advérbios – e mesmo substantivos - “não graduáveis”. É o que ocorre nos exemplos citados na introdução deste capítulo (1 a 7) em que uma base com interpretação discreta (“grávida”, “casado”, “confirmado”, “reprovado”, “assinado”, “dentro”, “urso”) é graduada mediante a combinação de operadores mórficos distintos: -íssimo, -ésimo, -érrimo, -aço, -ão/-ona.

Olhando para uma cena mais ampla, esses exemplos sugerem que a intensificação é um fenômeno com mais nuances do que se pode reconhecer à primeira vista. Mais especificamente, os intensificadores parecem não ser licenciados exclusivamente por predicados graduáveis e podem também ter como alvo dimensões escalares fornecidas pelo contexto pragmático. É, pois, sobre esses casos que debruçamos nossa pesquisa, as chamadas Construções Superlativas Sufixais de Desencontro.

5.3 A CSSD - padrões e redes

Tendo como motivação e justificativa teórica a definição de construção como unidade significativa maior ou menor que a palavra e o decorrente princípio da continuidade essencial entre Léxico e Gramática (cf. seção 3.2), este estudo busca promover uma articulação maior entre a Morfologia (e mais especificamente, a Derivacional) e a GrC. Assim, neste contínuo, um desafio a enfrentar é a transposição de modelos de formalização propostos para construções sintáticas para construções

morfológicas, buscando respeitar-se as peculiaridades internas a este estrato analítico, tanto no pólo da forma quanto no das significações.

Nessa direção, o propósito desta seção é a descrição dos pólos formais e semânticos dos padrões que instituem a **CSSD**, buscando equacionar modelos de formalização baseados na SBCG (cf. seção 3.2) e desenvolvidos no *Constructicon* (FILLMORE, LEE-GOLDMAN e RHODES, 2012) e em Rhodes (1992). A escolha por tais modelos de formalização responde às críticas de Boas (2013) que pontuam o pouco rigor das notações formais usadas por Goldberg (GrCC) para configurar a fusão formaisentido das CEAs. No nosso caso, acresce-se a impossibilidade de replicação das mesmas do campo sintático para o morfológico (cf. seção 2.5).

Conforme apresentado à seção 2.4, o *Constructicon* – uma plataforma vinculada à *FrameNet* – surgiu a partir do reconhecimento das limitações descritivas dos significados na *FrameNet* ao operar apenas com Unidades Lexicais (ULs) na evocação de *frames*. Assim, passou-se a considerar Unidades Construcionais para equacionar tais questões, valendo-se de dois modelos de formalização, quais sejam, os construtos “em prosa” e os representados por uma Escala de Atributos e Valores.

Dentre a gama de construções descritas (FILLMORE, GOLDMAN & RHODES, 2010) mediante um construto “em prosa”, está a **Construção de Modificação de Grau**, cujo constructo apresentamos à seção 2.4 e que servirá de ponto de partida para a formalização da **CSSD**.

Nesse sentido, elegendo a formalização “em prosa”, buscamos adequar a descrição ao nosso objeto específico. Uma vez que estamos tratando de construções morfológicas, propomos, como o primeiro nóculo de uma rede que vai gerar a **CSSD**, a formalização da **Construção Mórfrica de Modificação de Grau** mais genérica, cujo constructo apresentamos a seguir.

Antes disto, contudo, cabe pontuar – a bem da coerência teórica deste estudo – que tal escolha descritiva, vinculada à SBCG, não implica perder de vista os principais construtos teóricos da GrCC que, de modo mais amplo, sustentam as teses deste estudo. É o que veremos em nossas descrições.

{SX [Escopo]F1 [Modificação de Grau]F2}M

Nome	<i>Construção Mórfica de Modificação de Grau (CMMG)</i>
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Escopo: núcleo graduável sem modificação de grau
F2	Modificador de Grau: morfema de grau (afixos)
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência, que é especificado pelo Modificador de Grau particular

Quadro 14: Descrição para o Constructo da Construção Mórfica de Modificação de Grau

A configuração do Constructo acima (Quadro 14) é uma descrição mais genérica do elo semântico-formal das Construções de Modificação de Grau instanciadas morfologicamente. A Construção Mãe (M) é um sintagma variável estruturado internamente por dois Elementos Construcionais (F1 e F2), cujas valências se combinam para formar a Construção-Mãe. O Escopo (F1) é um núcleo graduável, sem modificação de grau, preenchido pelas categorias de substantivo, adjetivo, (alguns) advérbios e (alguns) verbos, enquanto a segunda Filha (F2) é um afixo modificador de grau (prefixo ou sufixo: *-íssimo*, *-ésimo*, *-ão*, *super-*, *hiper-*, dentre outros). Essa descrição, dado seu caráter genérico, irá englobar todos os processos de modificação de grau harmônicos (superlativo/aumentativo, diminutivo), prefixal ou sufixal. Por isso, note-se que foi marcada uma especificidade semântica para o EC escopo, como núcleo graduável.

Seguindo proposta do Constructicon, teremos as seguintes anotações:

- 40) João é {[alt^{Escopo/adj.}]_{F1}[-íssimo^{Modificador de grau/sufixo}]_{F2}}CMMG
 41) João é {[super^{Modificador de grau/prefixo}]_{F2}[alto^{Escopo/adj.}]_{F1}}CMMG
 42) João tem um {[cachorr^{escopo/subst.}]_{F1}[-ão^{Modificador de grau/sufixo}]_{F2}}CMMG
 43) João mora {[super^{Modificador de grau/prefixo}]_{F2}[longe^{Escopo/adv.}]_{F1}}CMMG

Partimos desse padrão mais genérico – a **Construção Mórfica de Modificação de Grau** para estabelecer, de acordo com o recorte de nosso estudo de caso:

- I. um nóculo herdeiro harmônico – a **Construção Superlativa Sufixal**
 $\{s_X [\text{Escopo graduável}^{\text{Adj}^{\text{Adv}}}]_{F1} [\text{Modificador de Grau}^{\text{sufixo superlativo}}]_{F2}\}M$
 João é $\{s_{\text{Adj}}[\text{alt}^{\text{Adj}}]_{F1} [-\text{íssimo}^{\text{sufixo superlativo}}]_{F2}\}M$
- II. um nóculo desarmônico – a **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD)** que, sendo igualmente sufixal, distingue-se, fundamentalmente, do nóculo harmônico pela propriedade não graduável de seu Escopo, configurando o *mismatch*. Este nóculo, por sua vez, se configura em dois padrões que, basicamente, se distinguem pelo caráter formal de seus núcleos (EC Escopo) – adjetivo/ adverbial ou substantivo, como mostra a Tabela 9 a seguir:

PADRÕES DA CSSD	EC escopo	EC Modificador de Grau:	Frequência (total = 7419 tokens)
I. Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos (CSSEA)	adjetivo/ adverbial	-íssimo, -érrimo, -ésimo; -aço, -ão/-ona	96.5% (7.156 tokens)
II. Construção Superlativa Sufixal de Referência (CSSR)	Substantivo	-íssimo	3.5 % (263 tokens)

Tabela 9: Padrões da CSSD

A tabela 9 evidencia, de modo claro, o maior grau de convencionalização (96.5% de tokens) e de produtividade (6 *types*- -íssimo, -érrimo, -ésimo; -aço, -ão/-ona) da CSSEA (Adj/Adv), enquanto a CSSR (Substantiva) apresenta um percentual de apenas 3.5% de frequência de ocorrência, com um único *type* (-íssimo). Tal resultado vincula-se ao menor/maior grau de Desencontro/*Mismatch* que os dois padrões, respectivamente, promovem. Enquanto a primeira tem o desencontro marcado apenas pela natureza semântica de seu escopo (estado absoluto não graduável), aproximando-se mais da **Construção Superlativa Sufixal** canônica pela categoria de seus núcleos (adjetivo/advérbio), a segunda traz ainda uma mudança categorial no escopo (substantivo), uma categoria referencial, não passível de intensificação.

Passamos à descrição desses padrões da CSSD nas subseções seguintes.

5.3.1. A Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos (CSSEA)

A CSSEA (96.5%, 7.156 tokens do total de 7419 dados) tem como Elemento Construcional (F1/EscoPO) um predicador (Adjetivo/Advérbio) não graduável – semanticamente definido com **estado absoluto** - que, integrado a F2 (Modificador de Grau sufixal com valor superlativo), atribui uma dada propriedade ou qualidade superlativa a uma entidade instanciada por um sintagma nominal.

O padrão CSSEA, conforme explicitado à Metodologia (Tabela 3 e 6; cf. seção 4.2) e abaixo replicado, foi investigado a partir de 30 *types* já propostos por Machado (2011) para X-íssimo, e que serviram à investigação dos demais sufixos.

BASES/ESCOPOS da CSSEA				
<i>Aprovado(a)</i>	<i>Condenado(a)</i>	<i>Feito</i>	<i>Namorado (a)</i>	<i>Reprovado(a)</i>
<i>Assinado(a)</i>	<i>Confirmado(a)</i>	<i>Fora</i>	<i>Namorando(a)</i>	<i>Separado(a)</i>
<i>Candidato(a)</i>	<i>Dentro(a)</i>	<i>Formado(a)</i>	<i>Nascido(a)</i>	<i>Solteiro(a)</i>
<i>Casado(a)</i>	<i>Desempregado(a)</i>	<i>Graduado(a)</i>	<i>Noivo(a)</i>	<i>Vendido</i>
<i>Combinado(a)</i>	<i>Eleito(a)</i>	<i>Grávida</i>	<i>Pronto(a)</i>	<i>Viúvo(a)</i>
<i>Comprado(a)</i>	<i>Eliminado (a)</i>	<i>Morto (a)</i>	<i>Recomendado(a)</i>	<i>Vivo(a)</i>

Quadro 15: BASES/ESCOPOS da CSSEA

Os exemplos seguintes ilustram ocorrências destes *types*:

44) Hummm, se dependesse dos conterrâneos aqui no Japão, ele estaria *eleitíssimo!*

<http://www.angelorigon.com.br/especialidade-da-casa/>

45) *Prontérrima* para arrasar, confira as fotos de maxi colar

<http://www.verriganagordura.com/maxi-colar/>

46) Suave, discreto, e não é cheirinho de bebê. Tem um leve toque verde. *Aprovaçõesimo!*

<http://www.notasdebeleza.com.br/?p=1028>

47) Eu não ia ir no evento, mas agora com Charlie Brown Jr., minha presença e de mais uma galera que vai comigo está *Confirmadaça!!!*

<http://wp.clicrbs.com.br/atlantidafestival/2011/04/08/charlie-brown-jr-esta-no-atlantida-festival-2011/?topo=52,1,1,,224,e224>

48) É Homem acho ele tem Filhos e tudo *casadão*

<http://www.youtube.com/watch?v=2aLNZLBRLt0>

49) Ricardo Pereira caminha com a mulher *gravidona*

<http://ego.globo.com/Gente/Fotos/0%2C%2CGF65396-9801%2C00-OS%20BEBES%20FAMOSOS%20DE.html>

Os exemplos mostram que os Modificadores de Grau da CSSEA podem constituir dois *clusters*: um integrado por sufixos canonicamente superlativos (-íssimo, -érrimo, -ésimo) e outro de sufixos notadamente polissêmicos – tipicamente reconhecidos pela tradição gramatical como aumentativos (-aço, -ão/-ona) – e com valor de intensificadores na CSSEA. A proporção com que se dividem estes grupos está posta na tabela 10 abaixo:

Modificadores de Grau (CSSEA)	Número de ocorrências	Percentual
1. sufixos -íssimo, -érrimo, -ésimo	3.932	54,9%
2. aumentativos (-aço, -ão/-ona)	3.251	45.1%
TOTAL	7.156	100%

Tabela 10: Distribuição dos subpadrões da CSSEA

A tabela 10, ao contrário do esperado, mostra o equilíbrio entre os dois grupos. A expectativa formada é a de que os *types* do grupo 1 fossem marcadamente mais produtivos, dada a sua vinculação mais canônica `como Marcadores de Grau Superlativo. Contudo, como vamos discutir à frente, o jogo pragmático traz regras diferentes – para garantir o poder de expressão e persuasão, vale maximizar a rede de construções (cf. seção 5.5).

O constructo da CSSEA pode ser assim descrito:

{SX [Escopo]F1 [Modificação de Grau]F2}M

Nome	<i>Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos</i>
M	SX ^{interna} : Adj/ Adv. com valência combinada de F1 e F2.
F1	Escopo: núcleo predicativo de estado absoluto - sem modificação de grau
F2	Modificador de Grau: morfema de grau (sufixos superlativos)
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor superlativo para F1 de modo a evocar o <i>frame</i> de Posição_superlativa_em_uma_escala.

Quadro 16: Descrição do constructo licenciado pela CSSEA

Assim, nesse subpadrão, temos a seguinte configuração construcional: um núcleo não graduável ou EC Escopo (Filha 1 (F1)) e um Modificador de Grau (Filha 2 (F2)), preenchido por sufixos superlativos (-íssimo, érrimo, -ésimo, -aço, -ão/ona) que combinam suas valências para constituir o signo Mãe (M).

Uma questão permanece no caso de uma construção sintética como a CSSEA: qual seria o Elemento Evocador da Construção (EEC)? A resposta natural é que o EEC é o morfema modificador de grau (sufixos superlativos). Nesse caso, teríamos, então, uma sobreposição de papéis na construção, qual seja, o EC Modificador de Grau seria também o EEC da construção.

Procedendo à anotação proposta no *Constructicon*, temos as seguintes descrições das instâncias de *gravidésima*, *dentrérrimo*, *vendidíssimo*, *solteiraço*, *vivona e aprovadão* (chaves delimitam a construção, e colchetes, os seus Elementos Construcionais (Cf. seção 2.4):

50) A vítima da vez será Marília, a valente policial vivida pela atriz Maria Ribeiro que está **{[gravid^{Escopo/Adj}]_{F1} [-ésima^{Modificador de grau/Sufixo}]_{F2}}**CSSEA em logo terá seu bebê com Caio Blat

<http://mdemulher.abril.com.br/blogs/marcia-piovesan/novelas/poder-paralelo-malilia-e-assassinada/>

51) Fiquei sabendo do sorteio pelo blog Garotas de Sorte...

Tô**{[dentr^{Escopo/Adv}]_{F1} [-érrima^{Modificador de grau/Sufixo}]_{F2}}**CSSEA!!!

<http://espacodasmocoilas.blogspot.com/2009/09/promocao-kit-de-make-natura-aquarela.html>

52) Nãooooo...já estavam **{[vend^{Escopo/Adj}]_{F1} [-íssimo^{Modificador de grau/Sufixo}]_{F2}}**CSSEA pra uma fábrica de carvão.

<http://organizacao-domestica.blogspot.com/2010/03/ideias-originais-feito-com-madeira.html>

53) Para sorte da mulherado esse gato está**{[solteiraço^{Escopo/Adj}]_{F1} [-aço^{Modificador de grau/Sufixo}]_{F2}}**CSSEA, então meninas o que estão esperando .

<http://uniaocoliiristop.blogspot.com/>

54) Tanquinho **{[aprovad^{Escopo/Adj}]_{F1} [-ão^{Modificador de grau/Sufixo}]_{F2}}**CSSEA

<http://www.agiteantesdeusar.net/2011/09/tanquinho-da-semana-justin-timberlake.html>

55) Minha mãe, que é {[viv^{Escopo/Adj}]_{F1} [-ona^{Modificador de grau/ Sufixo}]_{F2}}_{CSSEA}

alegre que só, dando em cima do Probo!!!

<http://nocudosjuquinhas.wordpress.com>

Quanto à interpretação da CSSEA, postulamos a evocação do Frame *Posição_superlativa_em_uma_escala* vinculado, com um grau maior de especificação - relação de Herança (cf. seção 2.2.2), ao *frame* *Posição_em_uma_escala*, nos termos da *FrameNet* (*Position_on_a_scale*: <https://FrameNet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame>).

Todos os exemplos usados são retirados de nosso *corpus* específico, embora o *frame* em questão possa abarcar diferentes construções superlativas, como as mórnicas harmônicas (*lindíssima*, *muito linda*) distintas da CSSEA.

Posição superlativa _ em _ uma escala

Definição: Este *frame* apresenta palavras que descrevem a posição de uma **Variável** de um **Item** em uma escala de grau de **Valor Superlativo**.

Se você é uma **noivíssima** em busca do seu vestido ideal, certamente já deve ter ouvido falar da Marchesa!!

já sou **casadíssima** e preciso, seriamente, de uma ajuda e ela estava **graviderrima**...

A minha amiga Verônica é **solteiraça**

EFs:

Centrais:

Item [Item]

Item identifica a entidade que é especificada pela propriedade escalar.

a **DaniB** está **casaderrima**.

Variável [Var]

Variável é a propriedade escalar que o **Item** possui.

o personagem da picante novela jura que a **moça** estava **separadíssima** na hora da troca de olhares.

Valor Superlativo [Val]

Tipo semântico: Grau

Este EF identifica a posição superlativa na escala ocupada pelo **Item** em relação à **Variável [Var]**

Gravidona e linda, **Carla Bruni** passa manhã no mar no verão francês.

Construção Evocadora: CSSEA (casadão, casadíssimo, casadaço, casaderrimo, casadésimo, casadona, graviderrima, gravidíssima, gravidona, grvidaça, graviderrima, gravidésima, namoradíssimo, namoradaço, namorado, namoraderrimo, namoradaona, namorandésimo, namorandíssimo, noivaço, noivão, noivíssimo, noivona, separadaço, separadão, separadíssimo, separadona, soiteirona, solteríssima, solteiraço, solteirão, solteirerrimo, solterésimo, viuvão, viuvíssimo, viuvona)

Outras instâncias da CSSEA, devidamente anotadas, ilustram a evocação do *frame*:

56) Eu sou...: [Érika^{EF Item}] Mulher, {[separad^{EF Variável}][íssima^{EF Valor Superlativo}]}, 40 anos, tagarela rs, sonhadora, geniosa, amo ajudar, eclética sobre tudo, estou sempre "mudando", sofro de ansiedade e insônia, adoro internet e web design

<http://3r1k4.blogspot.com/2010/10/gia-marie-carangi.html>

57) sim pode falhar ...minha amiga fez 10 de farmacia e 10 d e sangue e todos negativos e [ela^{EF Item}] estava {[**gravid**^{EF Variável}][**errima**^{EF Valor Superlativo}]}....

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081020061001AA0GQ8I>

58) Você é : casado, solteiro, separado, enrolado, disquitado, chutado, viuvo ou outros? {[**casad**^{EF Variável}][**ésima**^{EF Valor Superlativo}]}! mãe de um gatinho.

<http://www.bobagemminha.blogspot.com/>

59) Quinho Oliveira {[**assinad**^{EF Variável}][**ão**^{EF Valor Superlativo}]} em baixo Xandinho !

<http://www.myride.com.br/2011/08/04/novo-corolla-com-rodas-aro-20-77/>

60) Tava {[**mort**^{EF Variável}][**ão**^{EF Valor Superlativo}]} no engarrafamento na av Brasil

http://boteco1.com/index.php?option=com_content&task

61) Tou {[**pront**^{EF Variável}][**ona**^{EF Valor Superlativo}]}!!!!

<http://twitter.com/sarahlealcm>

A partir das evidências elencadas e das argumentações tecidas até este ponto, temos, portanto, a seguinte configuração semântica da CSSEA: a construção evoca o *frame* Posição_superlativa_em_uma_escala em que os sufixos (-íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão e -ona) ocupam o *slot* de EF Valor superlativo. Já o EF Variável, ou seja, o núcleo ou escopo graduável (originariamente um núcleo absoluto / não graduável), evoca uma gama considerável de *frames*.

Falta, pois, nesta análise a identificação de tais *frames* evocados pelas bases adjetivas/adverbiais da CSSEA (cf. Machado (2011) e seção 5.2).

Um dos argumentos mais sólidos da GrCC para justificar tal procedimento analítico sobre a base/escopo de uma construção está no significado holístico que dela emerge (Goldberg, 2006). Assim, em oposição a uma perspectiva lexicalista que imputa ao Léxico (ao verbo, ao nome) o significado de uma valência, na GrCC, a significação construcional engloba a integração do sentido promovido pelo léxico (o *frame* evocado pela microconstrução verbal ou nominal da Base/ escopo da construção) e pela construção (o sentido construcional) (cf. seção 2.2).

Outro argumento está no pouco relevo que estas miconstruções de base têm recebido dentro da GrC. Boas (2013) e Fried e Östman (2004) (cf. seção 2.2.1) lembram, por exemplo, que Goldberg trata, de modo superficial, os *frames* evocados pelas bases verbais das CEAs. Nas anotações e descrições da CEAs, há apenas identificação superficial deste *frame* mediante a postulação dos papéis participantes. O autor, defendendo uma visão lexicoconstrucional, reivindica maior atenção analítica para os sentidos individuais dos verbos (em nosso caso, dos adjetivos, advérbios), isto é, para microconstruções que servem de escopo à construção mais complexa.

A tabela 11 apresenta os 30 *types* de base (adjetivo/advérbio) que serviram às buscas de dados para a CSSEA com os *frames* por elas evocados:

Base	Tokens	Frame	%	Exemplos
Aprovado	742	Avaliação	27,2	Pelo resultado que nunca tinha conseguido nem com Lancôme, saiu de graça. Aprovadesimo !!!!
Fora	480			PM Eu fumo e cannabiskkkkkk sintético to foraço
Recomendado	347			Só discordo do Edinho que pra mim já tá aprovadaço na zaga e reprovadaço como volante.
Dentro	265			Bethânia, na AP???Tô denterrima !!!!
Reprovado	75			intaum esta aprovado em AGP mais PCI express reprovaderrima ...
Assinado	22			Assinadão em baixo Xandinho !
Condenado	16			Avó de Isabella diz que Jatobá e Nardoni já estão ' condenadíssimos '
Vivo	1044	Morto _ ou_ vivo	22,9	Lamentavelmente, calha mal, pois é nesta altura que ele devia estar vivo, vivíssimo, viverrimo , aliveandkicking, tal como a minha vida.
Morto	593			Sobre isso tenho certeza absoluta: vou estar morto, mortíssimo !
Nascido	2			Teve "um avô carioca, nascidíssimo em Jacarepaguá"
Confirmado	571	Estado_final	18,2	Minha festa de aniversário tá confirmadona pro dia 18/03 e vai ser lá no Convés, com show e tudo!!!
Pronto	297			Seu recado está prontíssimo , clique no botão amarelo para copiar o código e cole no Orkut
Feito	224			Kleber perdeu um gol feitissimo e ainda tem gente que chama ele de "crake".
Combinado	94			Belinhaaaaaaaaa..... combinaderrimo ...rs, o que vc quiser!!!! com o maior prazer!!!
Comprado	43			. E aebroad, tá comprado? Vai entrar? Compradaço véio...
Formado	37			Pois é, já que o primeiro paredão do BBB11 tá aí formadíssimo ,
Assinado	34			Contrato assinadissimo pro AI POD 2010

Casado	406	Relacionamento _ pessoal	13,1	HEJ TO CASADONA VEI
Solteiro	270			40 "Estou <i>solteiríssima</i> ", declara Camila Morgado Carregando...
Namorado	83			mas enfim não tive sucesso. Porém o MUST dos JOGOS foi eu sair NAMORADAÇO
Separado	73			Anônimo separadaço desde 2004
Noivo	69			já dá pra <i>noivona</i> ficar mais feliz... kkkkkkkkk
Viúvo	30			Dona Matilde da Purificação, <i>viuvíssima</i> de fel e vinagre, chata como a potassa, mas que ensinava como ninguém.
Namorando	4			O saxofonista Rodrigo Sha, de 26 anos, o caçula da turma e paquerado por dez entre dez mulheres (opa, o rapaz está <i>namoradíssimo</i>)
Candidato	597	Competição	11,8	CANDIDATÉRRIMA DO BBB 2007!!! TWIGGY
Eleito	234			TIRIRICA 851.335 votos <i>eleitaço</i>
Eliminado	14			Primeiro porque o Japão do Zicão foi <i>eliminadão</i> .
Grávida	321	Maternidade	4,5	Grupo dedicado aos fãs da Marisa e que acham que ela vai dar uma <i>gravidona</i> boazona e uma mamã e peras.
Vendido	58	Moralidade	1,4	Mais atualmente foi o mundial de 1998..aquilo foi <i>vendidaço</i> para a França.
Comprado	43			porque está tudo <i>compradíssimo</i> pelo Benfica, esse malvado clube.
Graduada	33	Formação_ profissional	0,6	ESTOU GRADUADÍSSIMA e a correria da faculdade já eraaaa.
Formado	13			amiga a aninha que é gastrônoma <i>formadíssima</i> que vai ajudar a preparar tudinho!!!
Assinado	14	Autoria	0,2	Um das Novidadeiras vai se casar em breve com um vestido <i>assinadíssimo</i> pelo Samuel Cirnansck.
Desempregado	8	Trabalho	0,1	Praticamente um bico pra quem tá lá <i>desempregadão</i> na Alemanha
Total	7.156		100	

Tabela 11: CSSEA e os frames do Escopo

A tabela 11 nos mostra a ordem de frequência de ocorrência (tokens) dos *frames* evocados, tendo, portanto, Avaliação, Morto_ou_vivo, Estado_final, Relacionamento_pessoal e Competição respectivamente, como os mais **convencionalizados** (a este assunto voltaremos na seção 5.5). No caso do frame Morto_ou_vivo, vale destacar o *type* mais convencionalizado entre os 30 – “vivíssimo”, com 1044 ocorrências. Quanto à **produtividade** não temos como proceder a uma avaliação mais significativa dos dados, uma vez que a natureza da busca realizada implicou, *a priori*, a delimitação dos 30 *types*.

Frente ao volumoso número de ocorrências da CSSEA (7156 tokens) e à dificuldade em se descrever cada um dos dez (10) *frames* evocados pelos 30 *types*, tomamos, de modo a ilustrar o rumo analítico desejável, um dos *frames* mais produtivos (evocado por 7 Uls - Unidades Lexicais) e convencionalizados (935 tokens) de nosso *corpus* - o *frame* de Relacionamento_pessoal (Personal_relationship retirado da *FrameNet* https://FrameNet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=Personal_relationship), o qual apresentamos, de modo sucinto, trazendo apenas Definição, EFs centrais (tradução nossa), com exemplos inventados a partir dos sete (7) *types*/escopo de nosso *corpus* (ANEXO 4– frame original).

Relacionamento_pessoal

Definição:

As palavras nesse *frame* dizem respeito a pessoas e **Relacionamento** pessoal em que podem estar ou de que podem fazer parte. Algumas palavras denotam as pessoas envolvidas em um certo tipo de **Relacionamento**, enquanto outras trazem o evento ou o término do **Relacionamento**. Muitas dessas palavras propõem um entendimento do estado e do evento que precisa ter ocorrido antes de um outro evento tomar lugar ou antes uma pessoa poder ser classificada de um certo modo.

FEs:

Core:

Parceiro_1 [Parc_1]

Esse parceiro no **Relacionamento** é realizado pelos sujeitos do verbo nas sentenças sem forma ativa ou pelo adjetivo nos usos predicativos.

Eu fui **NOIVA**

O rapaz está **SEPARADO**.

Parceiro_2 [Parc_2]

O parceiro de um **Relacionamento** que não é expresso como argumento externo

CASADO com a mulher mais linda que deus criou.

Parceiros []

Junção da interpretação dos dois **Parceiros []** em um **Relacionamento**

A gente é **CASADO** há 20 anos

Unidades Lexicais: casado, namorado, namorado, noivo, separado, solteiro, viúvo

A tabela 12 abaixo traz as sete (7) ULs (escopo da CSSEA) e a frequência de ocorrência das mesmas com cada Modificador de Grau:

	TYPES/ESCOPO	<i>íssimo</i>	<i>ona</i>	<i>ão</i>	<i>aço</i>	<i>érrimo</i>	<i>ésimo</i>	TOTAIS
1	<i>casado(a)</i>	316	14	36	7	29	4	406
2	<i>solteiro(a)</i>	75	109	50	31	3	2	270
3	<i>namorado(a)</i>	12	26	42	2	1	0	83
4	<i>separado (a)</i>	37	2	32	2	0	0	73
5	<i>noivo(a)</i>	54	8	6	1	0	0	69
6	<i>viúvo(a)</i>	5	25	0	0	0	0	30
7	<i>Namorando</i>	2	0	1	0	0	1	4
TOTAIS:		501	184	167	43	33	7	
Total geral:		1.119 ocorrências – 13,1% do total						

Tabela 12: Número de ocorrência das ULs do Frame Relacionamento_Pessoal

A tabela 12 mostra a prevalência, como ocorre em todo o conjunto de dados, das formações X-íssimo. Embora, pelos dados históricos (cf. seção 5.1.1), o *type* “solteiríssimo” tenha sido registrado mais precocemente (séc. XX), o *type* mais convencionalizado em nossos dados do século XXI é “casadíssimo” (75 tokens para o primeiro e 316 tokens para o segundo). É, assim, plausível pensar que, mesmo que “solteiríssimo” tenha sido o modelo para o *cluster* de *types* de Relacionamento_Pessoal, esteja em declínio de frequência frente à sua cristalização no léxico (ainda que não seja registrado nos melhores dicionários brasileiros do Português, já está no léxico do Google que reconhece sua grafia) e o natural desgaste pragmático que isto representa ante o jogo discursivo de persuasão. Nessa direção, registra-se também a concorrência de novas formas como “solteiraço”, “solteirão” e “solteirona”, sobre o que voltamos a falar na seção 5.5.

Assim, aplicando a interpretação postulada no construto da CSSEA (Quadro 14) para a instância “casadíssimo”, temos a equação entre o sentido lexical (Relacionamento_Pessoal) e o sentido construcional (Posição_superlativa_em_uma_escala). “Casadíssimo”, um predicador de relação, não graduável, passa a ter uma leitura de predicador graduável. Se temos, então, dois *frames*, a solução encontrada pela *FrameNet*, em vez de simplesmente introduzir tal unidade em um *frame* ou outro como Unidade Lexical, foi criar Unidades Construcionais, anotadas na plataforma, mediante seu Construto, como um todo complexo de modo a resguardar o sentido holístico da construção.

5.3.1.1. *Formalização da CSSEA nos termos de uma Matriz de Atributos e Valores*

A escolha prioritária feita neste estudo para a formalização da CSSD foi, como definido à seção 2.2.1, e já aplicado em relação ao padrão CSSEA (seção 5.3.1), a anotação formal “em prosa” proposta pelo *Constructicon*. A possibilidade de outros modelos de formalização baseados na SBCG também foi aventada e é esta alternativa que apresentamos nesta seção, articulando contribuições do *Constructicon* com a proposta de Rhodes (1992), baseada em uma matriz de Atributos e Valores.

Os estudos promovidos por Rhodes (1992) acerca da relação entre Morfologia e GrC podem trazer algumas articulações relevantes para a descrição e a formalização da CSSEA dentro dos termos apresentados. O primeiro ponto dessa contribuição está na definição de morfema como uma unidade complexa, prototípica e como uma construção. Rhodes (1992, cf. seção 3.1) propõe uma descrição do morfema a partir de quatro propriedades coocorrentes que retomamos aqui por razões de clareza: (i) **Parte fonológica:** material fonológico; (ii) **Parte semântica:** material semântico e/ou pragmático; (iii) **Sintaxe interna:** considerações de como a entidade se encaixa na construção da palavra e (iv) **Sintaxe externa:** consideração de como a presença da entidade afeta a classe de construções em que se encaixa a palavra formada por ela.

Tal definição, desenvolvida cerca de uma década antes de o autor participar do projeto *Constructicon*, implica considerar quatro níveis de anotação para as construções morfológicas, o que, a nosso ver, pode ser contemplado pelo modelo notacional em camadas, proposto pelo *Constructicon* e pela *FrameNet*. É o que tentaremos evidenciar a seguir, promovendo a anotação da CSSEA Predicativa.

A CSSEA se apresenta, prototipicamente, como um padrão cujo EC Escopo é um adjetivo não graduável. Tomando o exemplo:

62) 'Jesus Luz está solteiríssimo'

<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2011/10/jesus-luz-esta-solteirissimo-garante-assessoria.html>

Propomos a seguinte anotação em camadas, como um primeiro passo na tentativa de promover uma descrição que leve em consideração às especificidades internas da construção mórfica:

Camada	<i>Jesus Luz</i>	<i>está</i>	<i>{solteir#</i>	<i>íssimo}</i>
EC	Item		Escopo	Modificador de Grau
SX Int.			Adj.	Sufixo
FG	Externo	Cópula	Predicador	
TS	SN		SAdj.	
EEC				EEC
TSCstr			SAdj. Superlativo	

Quadro 17: Exemplo de anotação em camadas

Na primeira camada temos a descrição semântica dos Elementos Construcionais já apresentados no Constructo “em prosa” da CSSEA: o EC Escopo e o EC Modificador de Grau. Equacionando com a definição de Rhodes (1992), propomos uma segunda camada, não prevista pela *FrameNet*, que seria a sintaxe interna à construção –seu estrato morfológico - que especifica o potencial combinatório interno da construção, ou seja, a restrição de valência do EC Escopo, prototipicamente um adjetivo, passível de fusão com o sufixo superlativo. Dito de outro modo, o sufixo superlativo na CSSEA não se combina com qualquer núcleo. Na segunda e terceira camadas temos a função gramatical (FG) e tipo de sintagma (TS) que, articuladas, desenham a sintaxe externa da construção.

A formalização de construções em termos de uma matriz de atributos e valores, proposta por Rhodes, a partir do modelo SBCG, como no *Constructicon*, é também uma alternativa de formalização, em especial quando se tem em mente o fornecimento de informações para plataformas voltadas para a inteligência artificial (como é o caso da *FrameNet*). Assim, a título de ilustração de mais um possível trato de um fenômeno morfológico no campo da GrC, elaboramos uma representação para a CSSEA Predicativa com base na formalização proposta pelo autor para construções mórnicas flexionais.

Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos Genérica

Sin $\left(\begin{array}{cc} \text{cat.} & \text{adj./adv.} \\ \text{lex.} & + \end{array} \right)$

Sem $\left(\begin{array}{l} \text{frame} \quad [\text{Posição_em_uma_escala_superlativa}] \\ \text{Escopo} \quad 1\# [] \\ \text{Mod. Grau} \quad \#2 [] \end{array} \right)$

Val $\left(\begin{array}{l} \text{Sin} [\text{lex.} \quad [\text{núcleo} \quad +]] \\ \text{Morf.} \left(\begin{array}{cc} \text{afix.} & \text{sufixo} \\ \text{gên.} & [] \\ \text{núm.} & [] \end{array} \right) \\ \text{Sem \#1} \left(\begin{array}{l} \text{frame} \\ [\text{Específico do núcleo}] \\ \text{tipo semântico} [\text{grau} \quad -] \end{array} \right) \\ \text{Sem \#2} \left(\begin{array}{l} \text{frame} \\ [\text{Posição_em_uma_escala}] \\ \text{tipo semântico} [\text{grau} \quad +] \end{array} \right) \end{array} \right)$

Contexto de Uso: Informal em contextos de autoexpressão

Quadro 18: Formalização para CSSEA

A formalização da CSSEA começa por especificar a categoria de palavras formadas pela construção – adjetivos. Como estamos tratando de construções mórficas, o valor lexical é marcado positivamente ([lex +]). A parte semântica da construção estrutura-se a partir do *frame* de *Posição_superlativa_em_uma_escala*, e irá definir o sentido construcional e a função semântica de cada um dos *slots*, organizados na valência (Val.). A construção estrutura-se a partir de dois *slots* que irão alojar um núcleo (1º *slot*) e um sufixo operador de escala superlativa (2º *slot*), ordenados de acordo com sua especificidade de concatenação (sufixos posicionam-se à direita do núcleo). O núcleo é sintaticamente marcado dentro do valor lexical como [núcleo +], opondo-se ao sufixo, marcado por [núcleo -]. Já sua semântica, se encaixa na construção no lugar do Escopo. Sabe-se que a semântica do núcleo irá interagir e contribuir para a semântica da

construção. Nesse sentido, a formalização traz o *frame* ativado pelo núcleo, o tipo semântico *grau*, marcado negativamente nesse frame, marca uma característica do núcleo, peculiar a essa construção, a saber, seu estado absoluto, não graduável. Quando um núcleo não graduável ocupa uma posição de escopo de um modificador de grau, tem-se aí o desencontro. Por isso, optou-se por postular o tipo semântico *grau* como um valor dentro da matriz, possibilitando a visualização e a compreensão do desencontro. O 2º *slot* irá abrigar o sufixo superlativo. Além da informação [núcleo -], o sufixo vai possibilitar flexões de gênero e número, representadas no atributo morfológico [Morf.], mas não especificadas, representadas por []. Por fim, a semântica do sufixo é explicitada, contrastando com o núcleo no valor de *grau*, marcado positivamente.

Cabe ainda destacar que, apesar de reconhecermos a importância da informação fonológica, dada a natureza de nosso *corpus* (exclusivamente escrito), não foi possível representá-la em nossa matriz.

Por fim, antes de terminar a análise da CSSEA, cabe uma subseção para responder a uma questão acerca da semântica dos Marcadores de Grau -ona/- ao e aço.

5.3.1.2. A semântica dos Marcadores de Grau – ao/ona e aço

É largamente reconhecida a polissemia dos ditos sufixos de grau aumentativo e diminutivo veiculados aos substantivos. Porém, alguns autores não reconhecem o sentido de tamanho/dimensão como básico. Exemplo disto são os estudos de Rosa (1983) e Turunen (2009).

Neste estudo, ancorados nas teses centrais da Linguística Cognitiva, somos inclinados a postular o “tamanho/dimensão” como o sentido básico, mais prototípico destes marcadores, porque mais concreto e mais vinculado a experiências sensoriais básicas, e a reconhecer uma projeção dos mesmos, em uma cadeira radial – do centro para a periferia. Assim outros sentidos emergiriam dando lugar a uma rede polissêmica.

Nos exemplos (63 - 68), temos o sufixo -aço, -ão/-ona com diferentes funções semânticas, o que significa que apontam para *frames* distintos.

63) Carol disse... Nossa! Isso teria tudo a ver comigo, pq tenho mais de 20 All Stars..mas ao mesmo tempo queria ser uma *noivona*.. e coloquei um salto hehehe

<http://casamentoinlove.blogspot.com/2009/12/noiva-de-all-star-e-show.html>

64) E isso me preocupava mesmo, pq eu nunca gostei daqueles vestidos de **NOIVONA** mesmo, sabe!? Brilhos, pedras, cristais, etc, sempre achei "legal"..

<http://casamentocarolerafa.loveblog.com.br/11717/Escolher-o-modelo-do-vestido-de-noiva-Uma-tortura-para-algumas/2/>

65) Baby (Gloria Pires) é uma professora de violão **solteirona** e solitária, que só encontra conforto no velho companheiro: o cigarro.

<http://palavrascruzadas12.com/solteirona.html>

66) OLHOS VERDES, **SEPARADÃO**, SIMPATICO E PROCURO MULHERES ACIMA DE 40 ANOS PRA UM RELACIONAMENTO SERIO...

http://www.irenenoar.com.br/mural_de_recados.asp

67) Morena de Montes claros fazendo de tudo pro **namorado** sortudo.

<http://www.bucetasebundas.com/fotos-caseiras/de-montes-claros/>

68) Os meus fiz em vários horarios do dia e tooooodos deram positivos. E cá estou eu, **gravidaça!**

<http://www.e-familynet.com/phpbb/que-sera-que-esta-acontecendo-comigo-ajuda-teste-positivo-t559233-30.htm>

Em (63), temos o sufixo -ona, em uma Construção Aumentativa, cuja valência implica um marcador de grau aumentativo operando sobre um núcleo nominal (substantivo). Assim, a instância “noivona”, no contexto discursivo em que se contrapõe “andar de All Star ou de saltão”, atribui um sentido aumentativo à noiva, em termos de uma propriedade física (tamanho/ medida). Desse modo, o *frame* evocado pela construção é de Dimensão/*Dimention* (<https://FrameNet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=Dimenson>)

Já em (64), por exemplo, o item graduado é o próprio estado de “noiva”, que encontra superlatividade nos vestidos cheio de brilhos, pedras, critais e etc. Diferentemente do que ocorre com (63), o item graduado em (64) é um estado absoluto, tornando a construção desencontrada e, portanto, temos uma instância da CSSEA. Preenchendo um *slot* na CSSEA, o sufixo -ona será, então, um operador de escala superlativa.

Em todos os exemplos (de 65 a 68) não há uma possível leitura de grau aumentativo atribuindo aos itens uma dimensão (tamanho, peso, etc.). Paraphraseando, não se trata de “*solteiro, separado, namorado ou grávida grandes*”, mas sim de tais entidades postas em suas propriedades em termos superlativos. Estamos assumindo, portanto, que tais instâncias constituem-se como *type* da CSSEA, evocando o *frame* *Posição_superlativa_em_uma_escala*.

Retomando a perspectiva experiencialista assumida, em que o sentido de Dimensão/Tamanho seria reconhecido como básico para os marcadores de grau aumentativo/diminutivo, como , dentro da rede polissêmica que veiculam, emergiria o sentido de INTENSIDADE que vincula -aço, ao/ona à CSSEA?

A resposta está em uma das metáforas usadas para a noção de Intensidade (cf. seção 5.2) – INTENSIDADE É TAMANHO, em que os aspectos dimensionais são mapeados como intensidade. Tal projeção licencia, assim, uma leitura superlativa para tais sufixos - quanto maior o tamanho maior a intensidade.

Deste modo, como afirma Johnson (1987, p. 123), buscamos expandir nossas experiências com entidades físicas e concretas para recobrir experiências com entidades abstratas de todos os tipos. Aliás, essa concepção de intensidade como tamanho não é exclusividade das CSSEA; ao contrário, ela representa uma maneira pela qual nós percebemos o fenômeno da intensificação também em leituras harmônicas - como é o caso nos exemplos abaixo¹⁷:

69) FELIZ, MUITO FELIZ, MAS MUITO MESMO, **FELIZAÇO!**

<http://www.baratonta.com/2014/02/feliz-muito-feliz-mas-muito-mesmo.html>

70) Filme *divertidão*, pra rir muito e se divertir com as bizarrices trash.

<https://www.facebook.com/Sessaodomedo/posts/292712027497909>

71) A mina eh *inteligentona* inteligente pra rai...

<https://www.facebook.com/.../posts/535991019816025>

5.3.2 A Construção Superlativa Sufixal de Referência (CSSR)

O segundo padrão estipulado por nós é a **Construção Superlativa Sufixal de Referência** (CSSR), cuja formalização “em prosa” configura o seguinte Construto:

¹⁷ Exemplos obtidos através de busca no site Google (www.google.com.br)

{SX [Escopo]F1 [Modificação de Grau]F2}M

Nome	<i>Construção Superlativa Sufixal de Referência</i>
M	SX ^{interna} : Subst. com valência combinada de F1 e F2.
F1	Escopo: expressão referencial não graduável (substantivo)
F2	Modificador de Grau: morfema de grau superlativo (sufixo -íssimo)
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor superlativo para F1 de modo a evocar o <i>frame</i> de Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa.

Quadro 19: Descrição do constructo licenciado pela CSSEA

Fundamentalmente esse padrão se diferencia do outro devido ao tipo de sintagma da Construção Mãe. Ao invés de um Sintagma Predicativo, temos a Construção Mãe como um Sintagma Nominal/substantivo, com função referencial, formado a partir da valência combinada de F1 e F2. No *slot* equivalente ao EC Escopo (F1) temos, assim, uma expressão referencial não graduável/substantivo. Já o EC Modificador de Grau é preenchido por um único *type* de Modificador de Grau, o sufixo superlativo -íssimo. Nos exemplos de 72 a 74 temos anotados os EC da CSSR:

72) Alimentação Café Vida Noturna Diversão Comprar um
 {[sorvet^{Escopo/subst.}]_{F1}[-íssimo^{Modificador de grau/ Sufixo}]_{F2}} CSSR.

<https://pt.foursquare.com/v/sorvetíssimo/5026eca1e4b0c75a15ae075a>

73) YEY! Quem me segue no instagram já soube da
 {[novidad^{Escopo/subst.}]_{F1}[-issima^{Modificador de grau/ Sufixo}]_{F2}} CSSR da

Intrínseca: um concurso cultural que vai

<http://www.muitopouocritica.com/tag/lancamentos/>

74) Para você, amiga noiva, que tem um
 {[cabel^{Escopo/subst.}]_{F1}[-íssimo^{Modificador de grau/ Sufixo}]_{F2}} CSSR curtinho, ou

que morre de vontade de sair batendo um cabelinho curtinho por aí,
 olhem que linda esta foto

<https://matrimoneydotnet.wordpress.com/tag/cabelo-curto/>

Outro contraponto entre os padrões é a interpretação construcional da CSSR. Conforme descrito no Construto, o frame evocado é o de Posição_entidade_em_uma_escala (descrito por Carrara (2015) e adaptado por nós):

Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa	
Definição:	
Este <i>frame</i> apresenta um Valor Superlativo graduando uma Variável (não explícita) de uma Entidade .	
Os programas sociais são, sem <i>duvidíssima</i> alguma necessários! Brahma Chopp, a <i>cervejíssima</i> . Humildemente alguns cearenses elegantes não ficam menos tcham usando <i>Camisíssima</i> , italiana de Milão. O Hidrocor está se preparando para lançar até o <i>finalzíssimo</i> deste ano seu primeiro disco	
EFs:	
Centrais:	
Entidade [Ent]	Entidade é o elemento sobre o qual recai a gradação. (...) após encontrar uma ofertíssima de passagem aérea com a WizzAir
Variável [Var] (não explícito)	Variável é a propriedade escalar atribuída à Entidade .
Valor Superlativo [Val] Tipo semântico: Grau	Este EF identifica a posição superlativa na escala ocupada pela Entidade em relação à Variável [Var] Almocíssimo Japaaaa
Construção Evocadora: Construção Superlativa Sufixal de Referência (CSSR) – N+íssimo	

A anotação abaixo nos permite fazer uma relação entre Elementos Construcionais (EC) e Elementos de Frame (EF). Nesse sentido os ECs Escopo e Modificador de Grau encontram sua contraparte semântica, respectivamente nos **Entidade [Ent]** **Valor Superlativo[Val]**

75) {[**Sonz**^{EFEnt/ EC Escopo}]_{F1} [**íssimo**^{EF Val/ EC Mod. de Grau}]_{F2}}_{CSSR} rapá!! Aquela

coisa de época, bonita

forum.cifraclub.com.br

- 76) Ally está simples e casual com a sua', contrastando com o $\{[\text{vestid}]^{\text{EFEnt/EC Escopo}}]_{\text{F1}} [-\text{íssimo}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}_{\text{CSSR}}$ de noite de Renne.
<http://www.oocities.org/televisioncity/studio/9780/news/galeria/fr3.html>
- 77) Tem $\{[\text{cadern}]^{\text{EFEnt/ EC Escopo.}}]_{\text{F1}} [-\text{íssimo}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}$ CSSR para ele também!
mostlikedtags.com/instagram/cadernissimo
- 78) analu tem uma $\{[\text{cam}]^{\text{EFEnt/ EC Escopo.}}]_{\text{F1}} [-\text{íssima}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}$ CSSR de casal toda pra ela.
<https://twitter.com/juhsuedde/.../5967223143660871>
- 79) Alimentação Café Vida Noturna Diversão Comprar um $\{[\text{sorvet}]^{\text{Escopo/subst.}}]_{\text{F1}} [-\text{íssimo}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}_{\text{CSSR}}$
<https://pt.foursquare.com/v/sorvetíssimo/5026eca1e4b0c75a15ae075a>
- 80) YEY! Quem me segue no instagram já soube da $\{[\text{novidad}]^{\text{Escopo/subst.}}]_{\text{F1}} [-\text{íssima}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}_{\text{CSSR}}$ da Intrínseca: um concurso cultural que vai
<http://www.muitopoucocritica.com/tag/lancamentos/>
- 81) Para você, amiga noiva, que tem um $\{[\text{cabel}]^{\text{Escopo/subst.}}]_{\text{F1}} [-\text{íssimo}]^{\text{EF Val/ EC Mod. de Grau}}]_{\text{F2}}\}_{\text{CSSR}}$ curtinho, ou que morre de vontade de sair batendo um cabelinho curtinho por aí, olhem que linda esta foto
<https://matrimoneydotnet.wordpress.com/tag/cabelo-curto/>

As anotações deixam claro que na CSSR, que evoca o frame *Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa*, a **Entidade [Ent]** integra internamente a construção como seu EC Escopo, diferentemente do que ocorre no padrão Predicativo da CSSEA (*Posição _superlativa_ em _uma _escala*), em que o **Item**, que identifica a entidade que é predicada, faz parte do frame evocado, mas não integra a estrutura da construção. Esta é distinção que implica em *outputs* distintos de modo a configuram-se os dois padrões.

A paráfrase mostra, de modo mais claro, tal distinção entre os padrões. Tomando, como exemplo, *gravidíssima*, representando a CSSEA, teríamos a seguinte paráfrase: *gravidíssima* - “muito grávida”, o que significa dizer que temos um escopo graduado. Já com o *type camisíssima* (CSSR) teríamos: *camisíssima* – “uma camisa muito X, sendo X uma **Variável** não explícita”, o que implica uma leitura em que o grau se aplica a uma propriedade do substantivo. A inferência sobre tal propriedade do

referente dependerá de uma escala pragmaticamente vinculada ao contexto. Assim, retomando o exemplo 82, “*cabelíssimo*”, parece remeter a uma escala de charme – *um cabelo muito charmoso*.

82) Para você, amiga noiva, que tem um **cabelíssimo** curtinho, ou que morre de vontade de sair batendo um cabelinho curtinho por aí, olhem que linda esta foto

<https://matrimoneydotnet.wordpress.com/tag/cabelo-curto/>

Frente a tais resultados analíticos, vale retomar Castilho (2012, p.512):

[...] Já o sufixo {-íssimo} só ocorre com adjetivo sendo repellido pelo substantivo: *branquíssimo*, mas **mesíssima*, quando esse sufixo se aplica a um substantivo ocorrerá sua recategorização, como se vê em “*o governador é candidatíssimo a presidência da república*”. Grau é a intensificação ou a atenuação de traços predicativos, e os substantivos são expressões não graduáveis. O que sim os substantivo têm são sufixos derivacionais que indicam o tamanho, como em *mesona*, *mesinha*, mas tamanho não é grau. Dizem que tamanho nem documento é...

Para o autor, grau é um fenômeno exclusivo das formas predicativas. Assim, o sufixo -íssimo é “repellido” pelo substantivo e, quando isto ocorre, há um processo de recategorização, colocando o substantivo em função predicativa.

Nossos dados mostram que esta “rejeição” não ocorre, pelo menos nos termos que Castilho supõe haver. Primeiro, temos mais de duas centenas de ocorrências (263 tokens) em que um escopo substantivo se integra com o sufixo superlativo -íssimo. A tabela 7 mostra ainda um conjunto de 42 *types* substantivos registrados em nosso *corpus* como instâncias da CSSD. Segundo, a recategorização não é a regra nestes casos. Os exemplos elencados nesta seção ilustram, de modo cabal, escopos em função substantiva.

Por outro lado, a leitura da CSSD deixa uma margem de razão para Castilho – de fato, o *frame* evocado mostra que a gradação recai, semanticamente, sobre uma propriedade do substantivo, como mostra o *frame* *Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa* e as paráfrases acima. Contudo, como nos termos da GrCC “o que se tem é o que se vê” (Hipótese de Generalização de Superfície (cf. seção 2.2)), o substantivo, por uma “aparente incongruência”, é, de fato, o Escopo desta construção superlativa.

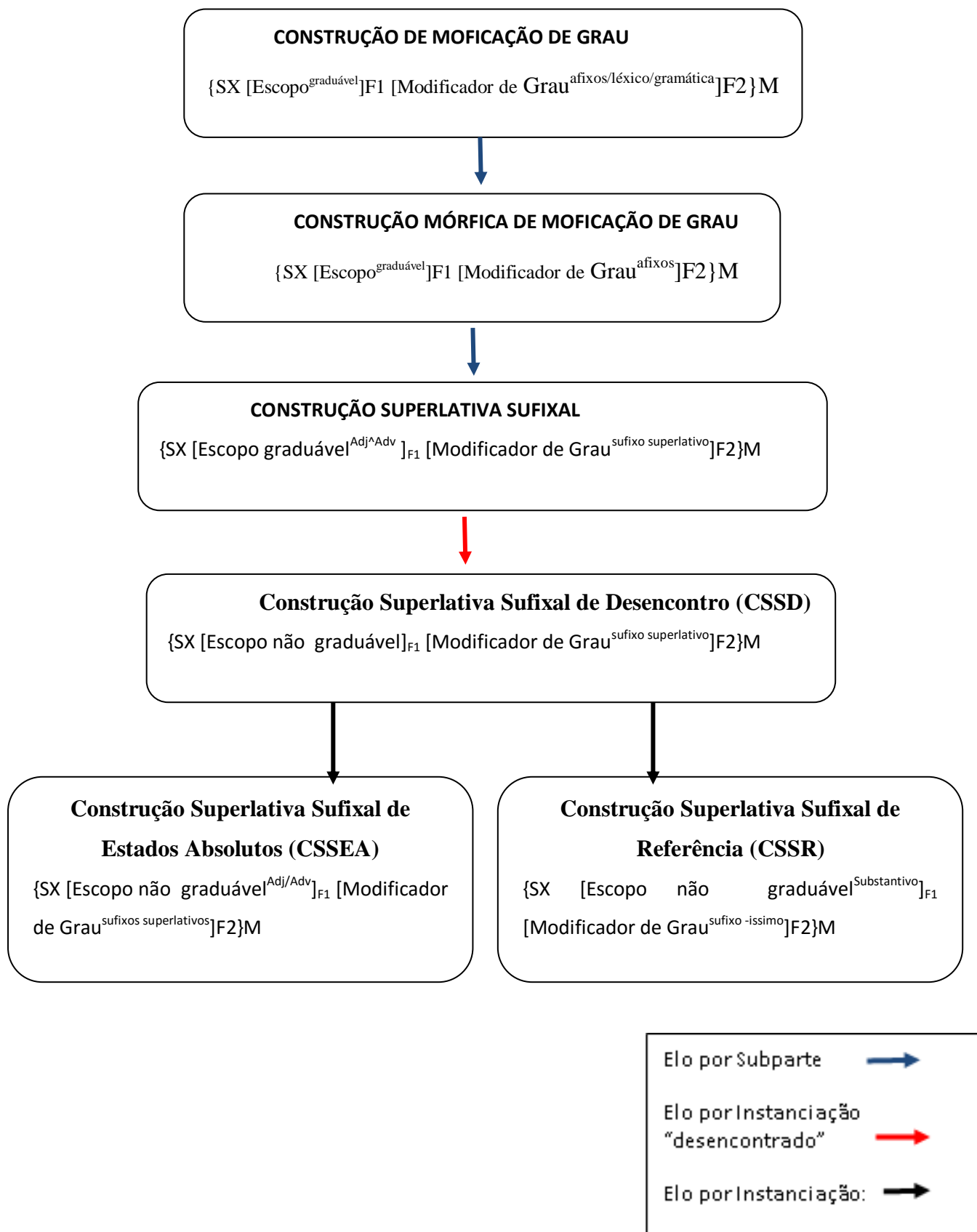
De onde vem esta herança que torna graduáveis tais expressões de referência? É o que buscaremos responder na próxima seção.

5.4. A rede de herança da Construção Superlativa Sufixal de Desencontro

Para começar, cabe reafirmar uma tese cara à GrCC (e a todas as vertentes do modelo) em sua articulação com os nomeados Modelos Baseados no Uso: construções (das mais simples às mais complexas) se estruturam, no Léxico e na Gramática, através de elos de herança, não podendo ser vistas, portanto, como uma lista aleatória.

O modelo de herança desenvolvido pela GrCC, de forte ascendência lakoffiana, considera a existência de um repertório de construções, dispostas em redes e organizadas radialmente, de modo que as construções periféricas são derivadas e herdam elementos semântico-formais das construções mais centrais e mais básicas (cf. seção 2.2.2).

Para desenhar esta rede para a nossa Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD), o desafio enfrentado foi conseguir captar, além das generalizações entre construções com que hierarquicamente se vinculam, as subregularidades e rupturas que a configuram. O diagrama representado no quadro 20 mostra as soluções analíticas encontradas.



Quadro 20: Diagrama das relações de heranças da CSSD

No diagrama representado no quadro 20 temos uma rede que tem, como nódulos hierarquicamente superiores, três construções mais centrais e mais genéricas, em uma relação de Motivação e Herança (“A motiva B; então B é Herdeira de A” (cf. seção 2.2.2)) em que a integração dos Elementos Construcionais se dá de modo harmônico, sem qualquer conflito de fusão. Neste sentido, generalizações são registradas - os três nódulos partilham, fundamentalmente, um traço do Escopo – a propriedade de serem **categorias graduáveis**. Subregularidades, como os tipos de restrições dos Modificadores de Grau, são inseridas em cada nível da rede neste tipo de herança *by default*. Assim, no caso dos Modificadores de Grau, temos, no nível inicial da rede, *types* mais amplos, abarcando recursos lexicais, mórficos e sintáticos (Construção de Modificação de Grau); nos níveis 2 e 3, Construção Mórfica de Modificação de Grau e Construção Superlativa Sufixal, temos, respectivamente, *types* mais restritos, limitados ao campo da Morfologia - afixos em geral; e sufixos superlativos.

Nos termos de Goldberg (1995), quatro (18) tipos de elos de herança são propostos - por Polissemia, por Subparte, por Instanciação e por Metáfora (cf. seção 2.2.2). Assim, nestes elos iniciais, estamos postulando a **Herança por Subparte**, cuja definição implica que a construção B é uma parte da construção A, nos termos de um processamento metonímico PARTE-TODO. Cabe ressaltar ainda que os elos desenhados até este nível hierárquico, de fato, retratam uma perspectiva decorrente de nossos interesses investigativos, de nosso objeto recortado, o que significa dizer que outros nódulos possíveis da Construção de Modificação de Grau em Português deixam, naturalmente, de ser explicitados; outras PARTES do TODO.

O “nó” da rede começa, pois, no nível hierárquico em que se insere a Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD), quando uma informação conflitante com os nódulos hierarquicamente motivadores é introduzida, qual seja a **natureza não graduável do escopo**. Configura-se, assim, o Desencontro/*mismatch* em que o EC Escopo não graduável se integra a um EC Modificador de Grau.

Que tipo de relação de herança postular então?

O problema não está no reconhecimento do *mismatch*. Goldberg, mesmo anunciando os princípios gerais de Fusão que especificam/restringem a forma como papéis participantes e papéis argumentais se fundem em construções sintáticas em uma relação “par a par” (cf. seção 2.2.), abre espaço para considerar desencontros/*mismatch* entre tais papéis nesta fusão (cf. seção 2.2.1). Com uma perspectiva mais lexical, Traugott (2007 e cf. seção 3.5) amplia este espaço para o reconhecimento mais explícito

do desencontro como um processo de renovação, de criação de novas construções, como ocorre com a CSSD.

Contudo, como um fundamento desta rede é o de que somente informações não conflitantes serão partilhadas entre as construções relacionadas, temos um problema a enfrentar em relação à postulação do tipo de relação entre a construção A (Superlativa Sufixal) e a construção B (CSSD).

Nossa proposta inicial foi atribuir um elo por **Instanciação**. Contudo, na Instanciação, o que se prevê é que B é um caso de A, uma versão mais especificada de A. B pode apresentar itens lexicais particulares, desde que “herde a sintaxe e a semântica associada à construção”.

Assim, diante das “incongruências” da CSSD, nossa saída foi propor um **elo por Instanciação “desencontrado”**. Assim, a CSSD (construção B) mantém com A (i) uma generalização total no que respeita aos mesmos Elementos Construcionais (Escopo e Modificador de Grau); (ii) uma generalização parcial - preenchimento do *slot* do escopo com as mesmas categorias (prototipicamente, o Adjetivo, e também Advérbio, mas com extensão a uma categoria de referência – o Substantivo); e (iii) um conflito semântico-sintático (um Desencontro) definidor da especificidade da CSSD - escopos não graduáveis.

Descrita como uma construção mais genérica, a CSSD apresenta dois subpadrões; a CSSEA (EC Escopo Adjetivo Advérbio, com uma gama de EC Modificadores de Grau: -íssimo, -ésimo, -érrimo, -ão/-ona, -aço) e a CSSR (EC Escopo substantivo e EC Modificadores de Grau: -íssimo). O elo postulado é o mesmo – Instanciação; cada subpadrão é uma versão mais específica da CSSD.

O que nos parece ainda relevante pontuar em relação aos elos entre a CSSEA e CSSR é a precedência histórica da primeira (cf. seção 5.1.1). Não encontramos em nossa busca histórica nenhum exemplo da CSSR. Assim, nos parece plausível dizer que a última é uma herança “por decalque”. A reiteração elevada das instâncias da CCSEA nos discursos (7159 em nosso *corpus*), em gêneros variados e distensos, em especial, nas redes sociais, cria “moda”, cria modelo e, na luta pela palavra, maximizam-se os recursos, o que remete a um princípio das relações de herança posto pela GrCC - **Princípio do Máximo Poder Expressivo**: o inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos (cf. seção 2.2.2). Voltaremos a este assunto na próxima seção.

Outro ponto a considerar, por fim, é que, em nível das microconstruções modificadoras de grau (sufixos -ao/ona e -aço) pode-se postular um elo por herança metafórico. Como discutido à seção 5.2, estes modificadores, prototipicamente aumentativos (noção de tamanho) se projetam em outro domínio de intensidade - INTENSIDADE É TAMANHO.

Na próxima seção, para finalizar esta tarefa descritiva, apresentamos alguns aspectos semântico e pragmáticos pertinentes à nossa CSSD.

5.5. Sobre contribuições e restrições analíticas - o *contínuum* semântico-pragmático

Partindo da diversidade como parâmetro nuclear da gramática e assumindo a importância do USO na arquitetura cognitiva da Gramática e do Léxico, tal qual postulado pela GrC e seus Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 2006; CROFT e CRUSE, 2004; HOPER e TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 1985, 2006, 2008; TOMASELLO, 1999, 2003; LANGACKER, 1987), nos comprometemos, nesta pesquisa, com a empiria a partir de uma Linguística Cognitiva baseada em *corpus* (cf. seção 4.1). Contudo, se por um lado esse posicionamento nos permitiu lidar com uma amplitude grande e diversificada de dados, favorecendo a postulação de padrões semântico-formais pela frequência de uso, por outro, impôs limites claros às possibilidades de aprofundamento na natureza discursiva dos dados.

Além do número consideravelmente grande de ocorrências de dados neste estudo (7.419 no total), é necessário admitir-se a dificuldade de acesso às suas respectivas informações contextuais. Isso porque as ferramentas para constituição do *corpus* nos fornecem fragmentos de texto, e nem sempre é viável acessar os textos na íntegra – como é o caso de a ocorrência se encontrar em Fóruns ou Chats, cujo volume de participação é grande e se perde mediante os diversos comentários, ou mesmo de alguns *sites* saírem do ar (como o caso do Orkut – rede social extinta em setembro de 2014). Nesse sentido, fica limitada a análise específica do contexto de produção e veiculação em que se encontra a construção.

Isto posto, nosso olhar sobre o ambiente discursivo habitado pelas CSSD se fez dentro desses limites. Contudo, assumindo uma concepção de linguagem como prática social (TOMASELLO, 2003) e considerando os princípios de não modularidade e

continuidade essencial entre Semântica e Pragmática, postulados pela GrC e Semântica de *Frames*, não podemos deixar de advogar em favor de uma análise linguística que integre todos os elementos envolvidos no fenômeno da linguagem.

Assim, dentro dos limites anunciados, passamos à apresentação de algumas anotações semântico-pragmáticas sobre a CSSD e seus subpadrões, retomando também pontos analíticos de Machado (2011) sobre o *habitat* discursivo do subpadrão CSSEA em que, com uma base de dados menor, alguns avanços foram possíveis.

Acerca da dimensão discursiva da CSSEA com sufixo -íssimo, Machado (2011) ressalta o caráter distenso da construção, amparando-se nas seguintes categorias de análise em relação ao texto fonte: (i) temática principal, (ii) gêneros discursivos e (iii) público-alvo. De modo geral, tanto a temática quanto os gêneros evidenciaram a natureza distensa, informal da construção, uma vez que as temáticas principais giram em torno do Entretenimento (27,19%), Vida Pessoal (22,52%), Serviços e Produtos (20%) e Vida de Celebridade (12%) e os gêneros que as veiculam são, majoritariamente, Comentários (34%), Notícias de fofoca (20,08%), Posts (20%) e Fóruns (8,6%). Machado (2011) aponta, assim, que os usuários da língua recorrem à CSSEA (X-íssimo) para falar, de maneira descontraída, do cotidiano, daquilo que os diverte, de suas vidas, das vidas das outras pessoas, dos artistas etc.

Ancorada no conceito de função indexical assumido por Gonçalves (2002, 2003), a autora buscou identificar tendências em relação ao público-alvo dos textos de seu *corpus* específico a fim de estabelecer uma relação entre os leitores desses textos e a linguagem utilizada pelos redatores. Contudo, 63% dos textos não apresentaram qualquer especificidade quanto ao sexo dos potenciais leitores. Nos casos em que se pôde definir o gênero do público alvo, verificou-se que a construção é usada em 27% dos casos para o público feminino, 9% para o masculino e apenas 1% para o público homossexual, o que, de algum modo, não fortalece os resultados analíticos de Gonçalves (2003) que apontam tal construção como indiciadora da fala gay.

Cabe pontuar que, apesar de estas análises não terem sido possíveis em relação aos demais *types* da CSSEA (X-érrimo, X-ésimo, X-ão/-ona, X-aço) e da CSSR (X^{subst.}-íssimo), no *corpus* específico do presente estudo, a linguagem presente nos exemplos de todos os *types* permite que seja ampliada a tendência de informalidade da CSSD. É grande o uso de gírias, abreviações, ortografia peculiar de uma escrita distensa:

83) Aah meninas só pra avisar: O fofo esta *solteirissimo*

<http://joveensnanet.blogspot.com/>

84) Queria saber então o que sai mais em conta e com melhor resultado, montar um pc ou comprar ele *prontão* já e pagar em mil parcelas? lol
Enfim...

<http://forum.outerspace.terra.com.br/archive/index.php/t-207661.html>

85) intaum esta aprovado em AGP mais PCI express *reprovaderrima...*

<http://www.superdownloads.com.br/download/125/directx/reviews-usuarios.html>

Outra questão relevante que cai no território pragmático, é a concorrência entre os diferentes sufixos da CSSEA (-íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão/-ona). Há de se considerar, neste caso, dois princípios propostos por Goldberg (1995) – o primeiro é o Princípio da Não Sinonímia (cf. seção 2.2.2). Dentro de uma noção de construção como um par de forma e sentido, tal princípio anuncia que uma mudança na forma implica, conseqüentemente, uma mudança no sentido, semântica ou pragmática. Assim, quando não ocorre uma diferença semântica, esse princípio estabelece uma necessária diferença pragmática. É esse o caso das diferentes instanciações da CSSEA. Apesar da diversidade de sufixos (diferentes formas), o *frame* que emerge da construção se mantém (mesmo sentido): *Posição_em_uma_escala_superlativa*. Portanto, a não sinonímia se garante em termos pragmáticos.

Desse modo, nossa hipótese é a de que a diversidade de usos de sufixos deve-se a um desgaste semântico-pragmático do sufixo -íssimo, o mais convencionalizado (no caso das CSSD são 3.815 tokens o que equivale a 56,2% do total). A recorrência de uso desse sufixo fez com que sua carga expressiva, sua força elocucionária, fosse atenuada. O falante procura, então, outros recursos expressivos na língua a fim de suprir esse desgaste com novas construções, o que recai, no caso da CSSEA, nos sufixos originariamente aumentativos (-aço,-ão/-ona – 43,8%) projetados no campo da Intensidade (INTENSIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO (cf. seção 5.2)).

Tal busca equivale, para Goldberg (1995), a um princípio psicológico que rege a formação em rede das construções linguísticas – o “Princípio do Máximo Poder Expressivo: o inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.” (cf. seção 2.2.2).

Nesse sentido, o uso de sufixos como -érrimo, -ésimo, -aço, -ão/-ona tem como finalidade acentuar a carga expressiva do enunciado, potencializando o alcance da construção de intensidade. Quando o superlativo parece não expressar a intensidade que se deseja, é preciso “hiperlativar” e os diferentes sufixos na CSSEA atendem exatamente a essa função.

Em relação às construções sintéticas, de modo bem amplo, a tradição linguística vem atribuindo uma subjetividade maior quando comparadas com suas versões analíticas (GONÇALVES, 2011). Equivale a dizer que um dos fatores que leva um falante a optar por uma construção morfológica é a vontade/ necessidade de se expressar, de modo mais eficaz, seu ponto de vista. Assim, como um membro das formações sintéticas e, mais ainda, pelo seu forte apelo à intensidade, a CSSD indicia uma dimensão discursiva orientada para o falante, para sua experiência de interlocução no jogo discursivo.

Vejamos os exemplos abaixo:

86) tá *combinadaço* bro! A gente se vê amanhã!

<http://twitter.com/ivopessoa>

87) Agora sim: grávida, *gravidíssima*, *gravidérrima*!!!

<http://meufusquinharosa.blogspot.com/2011/05/jogos-de-taboleiro-viram-filmes.html>

Mais do que garantir que alguma coisa está combinada ou divulgar a sua gravidez, os exemplos acima apontam para uma leitura marcadamente subjetiva da experiência. O exemplo (86) sugere que o falante está de, alguma forma, empolgado com seu compromisso, enquanto em (87) fica evidente o estado de felicidade em relação à gravidez. Em outras palavras, estes enunciados demarcam um comprometimento epistêmico do falante em relação ao conteúdo do enunciado.

Nesse sentido, mesmo que não expresso lexicalmente, é possível identificar o posicionamento do falante em relação ao que diz - a CSSD tem um claro viés avaliativo e , mais ainda, um tendência, prototipicamente, configurada para uma avaliação **positiva** do estado/ entidade em jogo. Analisando os trinta (30) *types*/Escopo da CSSEA, por exemplo, a grande maioria dessas bases tem uma semântica positiva; são seis (6) *types* negativos: “comprado”, “vendido” (*frame* de moralidade), “condenado”, “reprovado”, “eliminado” e “morto”. Essa tendência para uma leitura expressiva de

avaliação positiva é tão relevante que, no frame de *Relacionamento_pessoal* o *type* “solteirona”, bastante convencionalizado com um valor pejorativo, é usado em muitos exemplos (30 %, 33 tokens) em contextos positivos, como abaixo:

88) To *solteirona* galera!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

<http://solteirona.blogspot.com/>

89) ta*solteirona* eh tudo

www.badoo.com/pt/namoro/brazil/sao-paulo/ilha-solteira

90) ela é uma *solteirona* convicta! Aproveita todas

<https://www.facebook.com/atradutora/posts/496983353722809>

91) Um espetáculo de coroa *solteirona* se masturbando no vídeo

www.videosdecoroas.net/um-espetaculo-de-coroa-solteirona-se-masturba

Nesses casos o contexto deixa evidente a interpretação pretendida pra *solteirona* – avaliação positiva, seja por expressões como *eh tudo* ou *um espetáculo*, como também pela pontuação (exclamações múltiplas).

Ainda que o sentido convencionalizado e negativo apareça expressamente em nosso *corpus*, ele representa apenas 7,5 % - 8 das ocorrências:

92) ela ta*Solteirona* doidinha pra se casar

<https://www.flashlyrics.com/lyrics/>

93) ser solteira sim *solteirona* jamais

<https://ar.answers.yahoo.com/question/index?qid>

Contudo, considerando seu caráter pejorativo convencionalizado, torna-se difícil desambiguar o sentido na maior parte dos contextos (62,5%), como nos exemplos a seguir:

94) ESTADO CIVIL----- *solteirona*

www.meudesejo.com.br/.../encontros-mulher-solteira-homem-bate-papo

95) @mmdehdek *solteirona*

<https://twitter.com/reinatoss/status/630873977125257216>

Ainda neste frame de *Relacionamento_pessoal*, outros *types* como “viuvíssima”, “separadíssimo” (além de “solteiríssima”, “solteirona”, “solteiraço”...),

usados em contextos de avaliação positiva, mostram, através do “estado graduável” para as relações humanas, mudanças socioculturais significativas nesta sociedade Hipermoderna (Lipovetsky, 2004) em que estar “só” não é mais um estado alvo de preconceitos; é, muitas vezes e cada vez mais, uma escolha.

Em relação ao padrão referencial a CSSR, esse sentido expressivo de avaliação é ainda mais marcado. Retomando exemplos como *camisíssima*, *diquíssima* e *comidíssima*, instanciações da CSSR:

96) Humildemente alguns cearenses elegantes não ficam menos tcham usando **Camisíssima**, italiana de Milão.

<http://macariobatista.blogspot.com.br/2014/12/cara-elegancia.html>

97) Obrigado pela *diquíssima* Beijos Gilberto

<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/radio-batuta>

98) acharam de tudo: *Comidíssima*, Bem temperada, familiar

<https://eduluz.wordpress.com/2013/11/>

Nesses casos, *comidíssima*, por exemplo, dado o processo de desencontro mais complexo (“uma comida muito X, em que X é uma propriedade do escopo”), não irá só denotar um objeto no mundo (função referencial da construção), mas também ressaltar as características de excelência desta determinada entidade (*frame* Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa) – trazendo à tona a noção de avaliação positiva. No exemplo, em questão, a propriedade de excelência – via de regra inferida (como nos exemplos 93 - 95 acima) – está expressa no co-texto, “tempero” e “familiaridade”. Assim, nome intensificado representa uma entidade que vale a pena ser notada, dada uma propriedade de destaque.

Ainda sobre os usos da CSSR cabe destacar sua ampla aplicação para nomear lojas/marcas. Dos 42 *types*, 8 (*Biscoitíssimo*, *Bolíssimo*, *Caderníssimo*, *Camisíssima*, *Fotíssima*, *Joisíssima*, *Pimentíssima* e *Sorvetíssimo*), o que corresponde a 19%, apresentam essa finalidade:

99) *Maravilhoso esse Brownie de Colher da Biscoitíssimo.*

<https://www.facebook.com/4partes>

100) *O verdadeiro bolo caseiro você encontra na Bolísimos*
elefanteverde.com.br/bolissimos-delicias-caseiras

101) *Estúdio Fotíssima Trindade - Estúdio fotográfico em Brasília*

[www.facebook.com › Places › Brasília, Brazil › Photographer](https://www.facebook.com/Places/Brasília,Brazil/Photographer)

102) Pimentíssima, sexshoponline

www.pimentissima.com.br/

Pensando em termos de *marketing* parece uma escolha inteligente deixar registrado já no nome uma avaliação positiva do produto ou do local de venda.

Sintetizando, o ponto-chave da CSSEA e da CSSR é, portanto, o seguinte: tudo o que os sufixos precisam para licenciar o grau é uma dimensão escalar que pode ser **contextualmente** associada ao nome ou ao predicador. Uma vez que uma dessas dimensões foi vinculada ao seu sentido, o intensificador assegura que seus limites sejam largamente excedidos. A intensificação vai, prototipicamente, selecionar um valor alto em um ranking positivo ao invés de negativo. Assim, na interação, a escala relevante que emerge das CSSD parece ser resultado da união de um conjunto de propriedades escalares associadas a conhecimento de mundo dos participantes. Tudo isto põe em relevo a dimensão Pragmática na interpretação destas construções.

Passamos às considerações finais em que reunimos os ganhos teóricos e analíticos e profissionais deste estudo, assim como seus limites.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear.
Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou
Uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.
Manuel de Barros¹⁸

Os versos de Manoel de Barros, a lição II de uma Didática da Invenção, soam bem aos nossos ouvidos – “usar palavras que ainda não tenham idioma”, seja um objeto, como uma gravanha, ou um predicador, como gravidésima. Aqui se desinventa um estado que deixa de ter a função de estado absoluto e reinventam-se outros, ante sufixos superlativos que ficam à disposição da “begônia” – da imaginação, do jogo da invenção dos sujeitos no discurso. É assim que os “deslimites das palavras” (para usar o linguajar de Barros), antes postos debaixo do tapete como listas de idiosincrasias, ganham adeptos - numa era que Fauconnier e Turner (2002) nomeiam como a Era da Imaginação em contraposição ao século passado – a Era da Forma. Do império do significante ao jogo da significação, do centro à periferia, das listas às redes, se desenha um novo olhar para a criatividade linguística, agora despida do rigor algorítmico desenhado por paradigmas formais. É, pois, a partir deste ponto de vista que a Linguística Cognitiva nos “aliciou”; é deste lugar que nosso estudo de caso ganhou a relevância de objeto para uma dissertação e para uma tese. E é deste lugar que anunciamos, de modo sintético, o feixe de nossos ganhos analíticos, teóricos e também profissionais, como professora e pesquisadora.

A partir do aporte teórico sociocognitivo e construcionista delineado pela Linguística Cognitiva e, em especial, por dois de seus modelos - a Gramática das Construções como um Modelos Baseados no Uso e a Semântica de *Frames* - este trabalho, integrado ao macroprojeto Construções Superlativas Morfológicas do Português (Miranda, 2012-2015), se propôs, como objetivo meta-teórico, aprofundar as articulações entre o campo da Morfologia Derivacional e a Gramáticas das Construções, afirmando para o morfema o estatuto teórico de construção. Para tanto, esta pesquisa

¹⁸Barros, Manoel de. Uma didática da Invenção, In: O livro das ignoranças. RJ: Civilização Brasileira, 1993.

valeu-se de um estudo de caso sobre a rede de construções superlativas sufixais do Português, constituídas a partir de um Desencontro/ *mismatch*. Neste sentido, deu-se continuidade aos estudos de Machado (2011) acerca de um nódulo morfológico desta rede então nomeado como Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos (CSSEA).

Assim, dentro deste nódulo de construções desencontradas, postulou-se um padrão construcional genérico nomeado **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro** (CSSD) instituído por lexemas formados a partir da integração de um **escopo** (*casado, solteiro, desempregado, oferta, camisa*) cujo sentido base é não graduável com um **operador de escala superlativa** (*-íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão/-ona*). O resultado são *types* como *casadaço, solteirérrimo, desempregadíssimo, ofertíssimo e camisíssima*.

O compromisso com a empiria determinou a escolha por uma Linguística baseada em *Corpus*. Constituiu-se, assim, de um *corpus* específico da construção baseado em dados reais e espontâneos de uso linguístico, através de dois concordanciadores eletrônicos: o Web Concordancer beta <http://webascorpus.org/searchwac.html> e o WebCorp (<http://www.WebCorp.org.uk/live/>). Os dados, obtidos mediante acesso a uma grande diversidade de gêneros textuais disponíveis na internet, formaram um *corpus* específico a partir de 165 *types* e 7.419 tokens.

Os resultados alcançados deixaram à mostra a complexidade formal e conceptual da CSSD e a pertinência da escolha deste objeto em nossa vida acadêmica do mestrado ao doutorado. Os ganhos analíticos mais relevantes podem ser assim enfeixados:

- (1) Proposição de uma rede de padrões da **Construção Superlativa Sufixal de Desencontro (CSSD)** a partir de dois subpadrões: **Construção Superlativa Sufixal de Estados Absolutos (CSSEA)** e **Construção Superlativa Sufixal de Referencia (CSSR)**;
- (2) Descrição dos Construtos – formalizações “em prosa” nos termos do *Constructicon* (Fillmore, Goldman, Rhodes, 2012) - de tais padrões de modo a recobrir e delimitar suas especificidades formais e semânticas;
- (3) Identificação da diferença sintático-semântica nos *inpus* da CSSEA (função predicativa (Adj/Adv) e núcleo não graduável, instanciada a partir dos

sufixos -íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão/-ona) e da CSSR (função referencial, dado seu núcleo substantivo, e instanciada exclusivamente a partir do sufixo -íssimo soente);

- (4) Identificação dos diferentes *outputs* semânticos (sentido construcional) da CSSEA e a CSSR mediante a postulação de dois *frames* distintos evocados, respectivamente, por cada padrão: Posição_superlativa_em_uma_escala e Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa;
- (5) Proposição de formalização para a CSSEA a partir de uma Matriz de Atributos e Valores (Rhodes, 1992), visando ao atendimento de metas alternativas, tais como o atendimento de plataformas voltadas para a inteligência artificial (como é o caso, pro exemplo, da *FrameNet*).
- (6) Definição dos elos de herança que instituem a CSSD na rede de construções mórficas superlativas, desenhando seu elo ascendente imediato com a Construção Superlativa Sufixal harmônica que a motiva (A motiva B), e seus elos descendentes com a CSSEA e a CSSR;
- (7) Delineamento de implicações de uso desta rede, incluindo o reconhecimento (i) da ativação da noção de **avaliação positiva**, prototipicamente associada às sua instâncias; (ii) da concorrência discursiva entre os *types* da CSSEA- com sinonímia semântica- de modo a alcançar-se maior força ilocucionária no jogo discursivo (Princípio do Máximo Poder Expressivo (Goldberg, 1995);

As contribuições teóricas e metodológicas advindas deste percurso analítico podem ser pontuadas a partir das articulações interteóricas e metateóricas construídas:

- (1) Entre GrCC e Modelos Baseados no Uso, o que implicou (i) a afirmação de uma metodologia baseada em *corpus* e (ii) o reconhecimento da relevância do trato de uma rede periférica erguida no uso e em processo de convencionalização;
- (2) Entre GrCC e Semântica de *Frames*, o que permitiu um trato mais cuidadoso da semântica tanto dos Elementos Construcionais (das miniconstruções de base, como os predicadores adjetivos) como do sentido construcional, o que responde às críticas de Boas (2013) sobre o tratamento semântico superficial dado pela GrCC ao processo de fusão;

- (3) Entre a GrCC e o modelo de formalização do *Constructicon* - baseado na SBCG – o que permitiu a replicação de formalizações propostas para a sintaxe para as construções mórficas, sem ferir as teses centrais da GrCC, e superando a dificuldade de transposição de seu frágil modelo de formalização proposto para as CEA e, finalmente,
- (4) Entre a GrC e a campo da Morfologia Derivacional, de modo a cumprir com nossa agenda central. Neste ponto, conseguimos, com as análises desenvolvidas, mostrar a viabilidade do trato construcional de unidades mórficas, simples (como o morfema) ou complexas (como a CSSEA e a CSSR), com as peculiaridades formais e semânticas que circunscrevem este campo. Assim, mesmo sustentando a continuidade essencial entre o léxico, a sintaxe, a morfologia, resguardam-se as propriedades internas a cada um desses estratos do sistema linguístico. Também a proposição de uma rede de herança para os padrões estudados, nos termos de uma cadeia radial, fortalece a tese sociocognitivista de que há um contínuo entre centro e periferia de modo que as “irregularidades” de qualquer estrato não sejam vistas como idiosincrasias, mas, sim, como heranças motivadas.

Por fim, há um ganho profissional (e mesmo pessoal) a colocar “na mesa”. Olhar para “a gramática como uma rede de símbolos erguida na cultura através do uso” (GOLDBERG, 1995; CROFT e CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008; TOMASELLO, 2009, 2005, 2003) foi, de fato, um percurso de superação de mitos e vetos. Foi a construção, difícil e muitas vezes dolorosa, de um nova consciência sobre a linguagem e as línguas, de modo a compreender a riqueza trazida pela diferença, pela periferia de uma língua, em especial de nossa Língua “mátria”, como quer Caetano Veloso¹⁹.

Depois disso, não tem como olhar a linguagem e a vida do mesmo jeito. Nesse sentido, minha postura de pesquisadora, de linguista mudou minha postura profissional como professora. A mesma consciência conquistada passou a ser a meta, a estratégia para conquistar, seduzir meus alunos, para levá-los a descobrir a forma como as línguas, como práticas sociais, se desenham, se renovam, ante as histórias, as culturas, os gêneros de interação diversos e múltiplos. No caso da Morfologia, aprendi a mostrar a riqueza da dita “prima

¹⁹ Em sua música “Língua”, disponível em <http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/lingua.html#ixzz3qun0HK5Q>

pobre” da gramática, em especial em uma língua latina como o Português. Assim, para a profissão e para a vida, ficou a epigrafe da Introdução que retomo para encerrar este trabalho: “Tenho a impressão de que há uma continuidade que vai desde a experiência de viver a vida, de um lado, até o morfema do outro.” (Ruqayia Hasan).

7. REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, G. **Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um frame 'animal'**, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.
- ANDERSON, S. A. **Morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BELTRAMA, A. **Scalar meaning in diachrony: The suffix -íssimo from Latin to Italian**. In 44th Annual Meeting of the North East Linguistic Society, 2012, p. 29-40.
- BELTRAMA E BOCKNAK, **Intensification without degrees cross-linguistically**. Inédito
- BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p.233-254.
- BOOIJ, G. **Morphology and Construction Grammar**. In. Construction Morphology. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 1 – 24.
- BOTELHO, L. S. **As construções agentivas em –eiro: uma abordagem cognitiva**. Juiz de Fora: UFJF, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2004.
- BRINTON, L.J. & TRAUGOTT, E.C. **Lexicalization and language change**. Nova York: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. **Morphology – a study of the relation between meaning and form**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. In **Language**, v. 82, 2006, p. 711 – 733.
- _____. Usage-based grammar and second language acquisition. In. ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.) **Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition**. Nova York e Londres: Routledge, 2008.
- _____. Usage-based perspective on language. In BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALDAS AULETE. Dicionário online. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>

CANTONI, M. M. **Máximo e próximo: um estudo sobre opacidade lexical no Português brasileiro segundo Modelos Baseados no Uso**. 2008. Disponível em: http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/16_0.pdf

CARMO, C. B. **A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: uma abordagem sociocognitiva**. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2005.

CARRARA, A. C. F. **As construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010.

_____. **A Construção Prefixal de Modificação de Grau – uma abordagem construcionista da Morfologia Derivacional**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Juiz de Fora: UFJF, 2015.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Den Haag: Mouton, 1957.

_____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

CLARIDGE, C. **Hyperbole in English – a corpus based study of Exaggeration**. United Kindon: Cambridge University Press, 2011.

CORPUS DO PORTUGUES.ORG. **O Corpus do Português**. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>

COSTA, I. de O. **Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010.

COUTINHO, I. de L. **Pontos da Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1984.

CROFT, W. e CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. Construction Grammar. In. GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463 – 508.

CRUZEIRO, M. E. **Processos de Intensificação no Português dos séculos XIII a XV**. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1973.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ELLSWORTH, M. **Anotações de Aula / Lecture Notes** (slides). Escola Internacional de Altos Estudos em Semântica de Frames e suas tecnologias. Juiz de Fora: UFJF, 2012

FARIA, E. **Gramática de Língua Latina**. 2. ed. rev. e aum. Brasília: FAE, 1995.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

FILLMORE, C. J. & ATKINS, B. T. S. Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In. LEHRER, A. & KITTAY, E. F (eds.) **Frames, Fields, and Contrasts: new essays in Semantic and Lexical organization**. Lawrence Erlbaum Association, 1992, 75 – 102.

FILLMORE, C. J. e BAKER, C. F. A frame approach to semantic analysis. In B. Heine & H. Narrog (eds.) **Oxford Handbook of Linguistic Analysis**, Oxford: Oxford University Press, 2010

FILLMORE, C. J. (1968). **The case for case**. In: Bach, E., Harms, R. T. (Eds.). *Universals in linguistic theory*. Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968, p.1-88.

_____. Topics in lexical semantics. In. COLE, E. (ed) **Current Issues in Linguistic Theory**, Bloomington: Indiana University Press, 1977, p. 76-138

_____. Frame Semantics. In. Linguistic Society of Korea (Ed.). **Linguistics in the Morning Call**. Seoul: Hánshin, 1982.

_____. Frames and the semantics of understanding. In **Quaderni di Semantica**, v. 6, 1985, p. 222 -254.

_____. *Corpus Linguistics or Computer-aided Armchair Linguistics*. In: Svartvik, J. (ed.), **Directions in Corpus Linguistics: Proceedings of Nobel Symposium 82**, Stockholm, 48 August 1991. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity an idiomatic in gramatical constructions. In **Language**, 64(3), 1998, p. 501-538.

FILLMORE, C. J. e KAY, P. **Construction Grammar**. Berkeley: Manuscript, University of California, 1995.

FILLMORE C. J.; JOHNSON C. R.; PETRUCK, M. R. L. **Background to FrameNet**. *International Journal of Lexicographt*, v. 16, n. 3, 2003, p. 235-250.

FILLMORE, C. J. LEE-GOLDMAN, R. R. e RHODES, R, *The FrameNet Constructicon*. In BOAS, H., SAG, I. (eds.) **Sign-Based Construction Grammar**. Satanford: CSLI Publications, 2012.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~FrameNet>>.

FRANCIS, E. J. & MICHAELIS L. A. Approaches to *mismatch*: introduction. In.: Miriam Butt & Tracy Holloway King (Eds.) **Proceeding of the BFG00 Conference Workshops. Satanford**: CSLI Publication. [online conference proceedings], 2000.

FRIED, M & ÖSTMAN, J. **Construction Grammar in a cross-language perspective**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2004.

FRIED, M. Construction and constructs: mapping a shift between predication and attribution. In. BERGS, A. & DIEWALD, G. (eds.). **Constructions and language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 47-79.

GAWRON, J. M. *Frame Semantics*. 2008 Disponível em <http://hj.uib.no/forskingskole/new_frames_intro.pdf>

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfopragmática da intensificação sufixal em português**. Revista de Letras (São Paulo), Fortaleza, v. 1;2, n. 24, p. 43-50, 2002.

_____. **A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil**. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, 2003, p. 47-59.

_____. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOOGLE. Disponível em <www.google.com.br>

GRIES, S.T. *Corpus-based methods and cognitive semantics: The many meanings of to run*. In **Corpora in Cognitive Linguistics: Corpus-Based Approaches to Syntax and Lexis**, St.Th. Gries and A. Stefanowitsch (eds). Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 57-99.

HOPER, P. J. e TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0.5. São Paulo: Editora Objetiva, agosto de 2002.

ISRAEL, M. **The pragmatics of polarity**. In Horn & Wards (eds) *The Handbook of Pragmatics*. Blackweel, 2004, pp. 701-723.

JACKENDOFF, R. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution**. New York: Oxford University Press, 2002.

JESUS, I. T. **As construções condicionais universais proverbiais**: uma abordagem sociocognitiva. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2003.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. **Grammatical constructions and linguistics generalizations**: the what's X doing Y? construction. In: *Language*, v.75, n.1, p.1-33, 1999.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Campinas: Mercado das Letras, 1980[2002].

_____. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive Grammar**. Vol. I Stanford: Stanford University of Chicago Press 1987.

_____. **Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar**. (Cognitive Linguistics Research 1.) Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MACHADO, P. M. **A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de desencontro/mismatch morfológico**. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003

MCENERY, T. XIAO, R. e TONO, Y. **Corpus-based language studies**: na advanced resource book. London: Routledge, 2006.

MIRANDA, N. S. **Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as construções Negativas Superlativas de IPN**. Relatório Acadêmico de Pós-doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, dezembro, 2008.

_____. **Construções Gramaticais e metáfora**. Gragoatá (UFF), n. 26, v. 1, p. 61-80, 2009.

_____. **O caráter partilhado da construção da significação**. Veredas v. 5, n. 1, Juiz de Fora, UFJF, 2002, p. 57 – 81.

_____. **Construções Superlativas do Português:** uma abordagem sociocognitiva. Programa de Pós-graduação em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

_____. **Construções Superlativas Mórfixas do Português.** Projeto de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

MIRANDA, N. S. e SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil** – da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MIRANDA-CARVALHO, L. C. **As Construções Concessivas de Polaridade Negativa no Português do Brasil**, 2008, Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: UNESP, 2000.

PETRUCK, M. R. L. **Frame Semantics.** In. Jef Verschuerem et. al (Eds.). *Handbook of Pragmatics.* Philadelphia: John Benjamins, 1996.

PIRES, R. E. **Metáfora e construções lingüísticas** (título provisório). Tese (Doutorado em Lingüística) Faculdade de Letras – Universidade Federal de Juiz de Fora. **2012.**

QUIRK et al. **A Comprehensive Grammar of the English Language.** London: Longman, 1985.

RHODES, R. A. **What is a Morpheme?** A view from Construction Grammar. Berkeley, Linguistic Society 18, 1992.

ROSA, M. C. **A Formação de Aumentativo em Português.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro – RJ, 1983.

RUPPENHOFER et al. **Generating FrameNets of Various Granularities: The FrameNet Transformer."** *Proceedings of the Seventh conference on International Language Resources and Evaluation (LREC'10).* Eds. Nicoletta Calzolari(Conference Chair), et al. Valletta, Malta: European Language Resources Association (ELRA), 2010

SAG, I. A. **Sign-Based Construction Grammar: an informal synopsis.** In. BOAS, H. e SAG, I. A. *Sign-Based Construction Grammar. Stanford:* CSLI Publication , 2010.

SALOMÃO, M. M. M.. **Tudo certo como dois e dois são cinco.** In.: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil:** da Gramática ao Discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33 – 74.

SAMPAIO, T. F. **O Uso Metafórico do Léxico da Morte, 2007.** Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, **2007.**

SANTOS, A. M. T. **Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais x-nte**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras – Universidade Federal de Juiz de Fora 2005.

SCHANK, R.C. & ABELSON, R. **Scripts, Plans, Goals, and Understanding**. Hillsdale , NJ: Earlbaum Assoc, 1977.

SILVA, A. S. da **Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro**. *Revista de Estudos da Linguagem* 16-1, Belo Horizonte, Brasil, 2008, p. 49-81.

SWEETSER, E. The definition of lie. In David Holland and Nigel Quinn, eds., **Cultural Models in Language and Thought** Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 43-66.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 2 ed. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work**. Benjamins, 2001, p. 224

TOMASELLO, M. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

_____. **Constructing a grammar: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C. **The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization**. In *Cognitive Linguistics* v. 18 - 4, 2007, p. 523-557.

TURUNEN, V. **A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas do Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

WEB CONCORDANCER BETA. Disponível em < <http://webacorp.us.org/searchwac.html> > Acesso de janeiro a agosto de 2010.

WEBCORP . Disponível em < <http://www.WebCorp.org.uk/live/> >